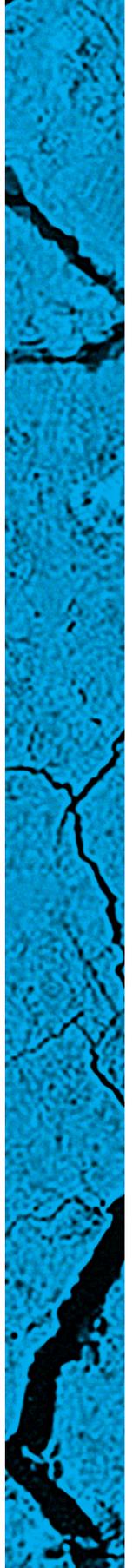
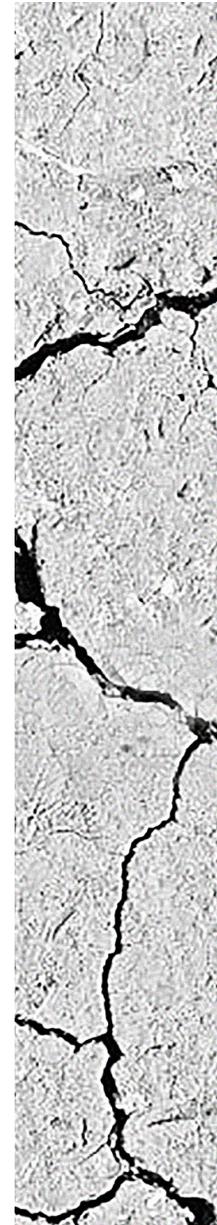
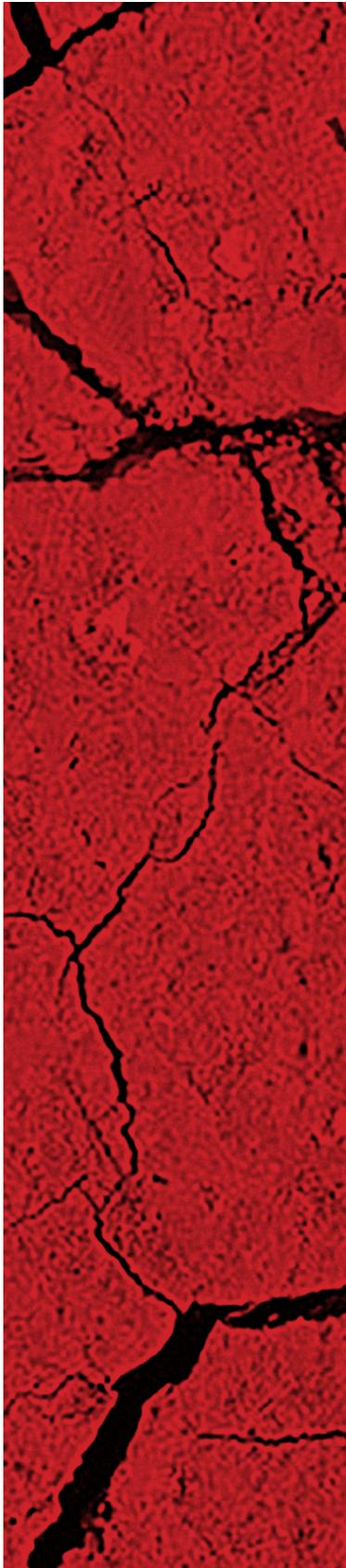


Caderno do  
fim do mundo

2020



Cadernos  
de subjetividade  
ano 14. nº. 21

Cadernos de Subjetividade é uma publicação anual do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

#### Conselho consultivo

Celso Favaretto (USP),  
Daniel Lins (UFC),  
David Lapoujade (Paris I-Sorbonne – França)  
Denise Sant’Anna (PUC-SP)  
Francisco Ortega (UERJ)  
Jeanne-Marie Gagnebin (PUC-SP)  
John Rajchman (MIT – USA)  
José Gil (Universidade Nova de Lisboa – Portugal)  
Luiz B. L. Orlandi (Unicamp)  
Maria Cristina Franco Ferraz (UFF)  
Michael Hardt (Duke University – USA),  
Peter Pál Pelbart (PUC-SP)  
Pierre Lévy (University of Ottawa – Canadá),  
Regina Benevides (UFF),  
Roberto Machado (UFRJ),  
Rogério da Costa (PUC-SP)  
Suely Rolnik (PUC-SP)

#### Conselho editorial

Ana Lúcia Vitta  
André Arias  
Cafira Zoé  
Clara Barzaghi  
Guilherme Ponce  
Karina Acosta  
Maria Eduarda Checa  
Peter Pál Pelbart

#### Agradecimentos

A revista Cadernos de Subjetividade recorreu a uma rede de amigos que, através de sua colaboração e competência, nos ajudaram a levar a bom termo a finalização deste trabalho. A eles, nossa gratidão e reconhecimento.

#### Cadernos de Subjetividade

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP –vi, n.1 (1993) São Paulo: o Núcleo, 1993  
Anual

Publicação iniciada em 1993, suspensa de 1998 a 2002 e de 2004 a 2009. 2003: publicado apenas um fascículo sem numeração. 2010: retoma a publicação com numeração corrente n.12

---

ISSN 0104-1231

- 1 Psicologia – Periódicos
  - 2 Subjetividade – Periódicos.
  - 3 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade  
CDD 150.5
-

- 05 **Caderno do fim do mundo**
- 07 **Criação de bandos como movimento de resistência**  
Renata Pereira-lima Aspis
- 15 **A clínica e a construção dos lugares de fala e de escuta**  
Kwame Yonatan Poli dos Santos  
Fernando Silva Teixeira-Filho
- 23 **Bença, Eva!**  
Renata Baboni
- 33 **quando o corpo quebra e se esquizografa**  
juan salazar
- 41 **O Silêncio e o Simulacro**  
Débora Lázaro
- 49 **Geostética: notas introdutórias para uma geografia da arte**  
Claudio R.O Cavargere
- 57 **CORPOS INDISCIPLINARES: Ruídos mínimos**  
José Pedro Almeida Oliveira
- 65 **me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica  
y bélica do saber prete e trans**  
abigail Campos Leal
- 71 **O que nega o negacionismo?**  
José Szwako
- 79 **Notícias do *front* ou uma carta de amor.**  
Clara Barzaghi



## Caderno do fim do mundo

Um final que abre. Oportunidade para renovar as maneiras de pensar. Que mundo acaba a partir de hoje? Que presente se desmancha? Qual temporalidade se desfaz? O pensamento depois do fim; pode a pesquisa seguir o ritmo do que não tem mais ritmo? Devemos aproveitar tal ocaso para ver mais além. Não um além situado num futuro histórico, mas um além que é aqui. O aqui transfigurado por outras maneiras de ver.

Os textos foram selecionados nos movimentos que buscam outros fins de mundo ou, então, o fim de um mundo e a proliferação de novos mundos, novos modos. Sem deixar de diagnosticar os sintomas do presente, são como grandes espaços de vida para tal momento de pouca (ou louca) mobilidade. Respirar ou não respirar, eis a questão que atravessa esta edição. Pois agora, pode ficar mais claro que nunca que viver é mais necessário que ser. Os textos desta edição precedem e acompanham o ano de quarentena relativa ao COVID-19.



1 Formada em filosofia, com mestrado e doutorado em educação pela UNICAMP. Foi professora de filosofia na educação básica, para adolescentes, por mais de 20 anos. Atualmente é professora de filosofia na Faculdade de Educação, da UFMG. Coordena o grupelho, Grupo de Estudos e Ações em Filosofia e Educação, que atualmente investiga as possibilidades de aprender com o corpo, problematizando a cisão fundante da ontologia ocidental, entre corpo e pensamento. Está ligada ao Programa de Pós-Graduação – Conhecimento e Inclusão Social em Educação, atualmente coordenando a linha de pesquisa Currículos, Culturas e Diferença. Também ligada ao Programa de Mestrado Profissional – Educação e Docência, na linha de pesquisa Educação, Ensino e Humanidades, ambos na Faculdade de Educação da UFMG. Sua pesquisa em filosofia diz respeito às chamadas filosofias da diferença e suas possíveis conexões com educação, sob o ponto de vista político, tanto no que diz respeito à problemática da formação, quanto ao ensino de filosofia e mais recentemente investiga escritas e metodologias de pesquisa dissidentes e outras formas de se fazer filosofia.

2 Deleuze Gilles; Guattari Félix. 1227 – Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra. In *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.5. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

3 Deleuze Gilles; Guattari Félix. 1730 – Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível. In *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

4 Bey, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. Tradução de Renato Rezende. 2. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004. Coleção Baderna.

# Criação de bandos como movimento de resistência

Renata Pereira-lima Aspis<sup>1</sup>

## Resumo

Propõe-se pensar em bandos como outro modo de organização social, que seja desvio às capturas capitalísticas neoliberais, hoje. Bando é, necessariamente, outra forma de pensar, dissidência da forma-Estado de pensar, de sentir, perceber e desejar.

## Abstract

The proposal is to think of packs (or gangs) as another mode of social organization, posed as is a diversion from contemporary neoliberal capitalistic apparatus of capture. The pack (gang, band) is, necessarily, another way of thinking, a dissent from the State-form of thinking, feeling, perceiving and desiring.

Palavras-chave: bando, resistência, dissidência, pensar de outras maneiras

Keywords: pack, resistance, dissent, other modes of thought.

A questão é: como resistir? Como resistir a políticas públicas de morte, que têm como objetivo matar as minorias, as vidas precárias que já não importam? Como resistir ao desânimo trazido por afetos ruins, que nos tiram a força de existir? Como resistir ao medo e à revolta odienta que só causam mal estar e nos deixam mais impotentes? Como resistir à incapacidade de compreensão de tantos desastros, tanta destruição da vida, tanta naturalização do insuportável e do inadmissível, que se vive no mundo de ultra neoliberalismo, no Brasil, na contemporaneidade? Como resistir a uma nova ordem mundial que é ainda pior do que a anterior?

Se juntar a um bando talvez seja uma boa resposta. Compor bandos. Matilha, cardume, malta, alcateia, corja, feixe, horda, constelação, enxame, grupelho. Um coletivo. Um coletivo que seja uma multiplicidade.

Bando na biologia traz diferenças entre as espécies, aves e macacos não funcionam da mesma forma, mas aqui queremos falar de bando de gente humana. E vamos pensar a partir de umas passadas rápidas que D&G deram nisso, em "1227- Tratado de nomadologia: a máquina de guerra"<sup>2</sup>, e em "1730- Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível"<sup>3</sup>. Queremos falar de uma coisa que estamos a inventar como tática de resistência, como Hakim Bey inventou as T.A.Z.<sup>4</sup>, as zonas autônomas temporárias.

Se juntar em bando, que seja uma multiplicidade, aqui, quer dizer: compor, sem hierarquia e sem qualquer estrutura, sem instituições e sem governo que não seja o de si. Bando não é uma forma social primitiva, anterior e inferior ao Estado, mas, ao contrário é uma (des)organização anti-Estado. Trata-se de inibir a instauração de poderes estáveis.

Depois de quatro séculos de modernidade está mais do que entendido que o Estado é um dispositivo do sistema de exploração, de infelicidade e de impossibilidade de vida da enorme maioria dos

humanos e de destruição dos outros seres do planeta, que totalizam o próprio planeta. Um sistema de sofrimento. Estamos falando de vida e não de simplesmente sobreviver, apesar de que sim, estamos falando também disso: da morte matada que o Estado pratica. Declaramos: o Estado moderno é um instrumento do capitalismo. A liberdade, igualdade e fraternidade não são para todos.

É ilógico e infame afirmar igualdade em um sistema econômico que tem justamente a desigualdade como estrutura. Como se sabe, a desigualdade social é imprescindível ao modo de funcionar do capitalismo, sendo assim, afirmamos: toda luta autêntica por igualdade é, necessariamente uma luta contra o capitalismo (pense nisso). Não há inclusão possível. Trata-se de um sistema que se estrutura na exclusão e assim tem de ser: legiões de excluídos, cada vez mais e hoje já são tantos, que já excederam o excedente necessário, não valem nada, podem ser assassinados em massa, não fazem falta, não são vidas pelas quais se lamenta a perda, não são vidas...(?).

A liberdade anunciada, no que lhe concerne, é a liberdade de acumular bens infinitamente e isso só é possível por meio da exploração da força e do tempo de vida dos outros, de muitos outros, e quase todos são esses outros.

A fraternidade por sua vez, desconfio que só haja entre aqueles que lutam contra a sua proclamação como um universal vazio de sentido e totalmente ideológico.

É sabido, a partir de Marx que a chamada acumulação primitiva do capital não se deu por meio do mérito do trabalho exaustivo e sério daqueles que não desperdiçaram e souberam economizar, em contraste com outros que foram preguiçosos ou gastadores e cheios de vícios. Não se trata da fábula da cigarra e da formiga. É mais do que ingênuo se permitir uma justificativa como essa para a brutal desigualdade social instalada no mundo hoje, é perverso. A acumulação do capital, que possibilitou o capitalismo se dá em um processo histórico e social de, em primeiro lugar, exploração daqueles que tinham sido expulsos da possibilidade de trabalho direto, expropriados de suas terras, de suas oficinas, exploração desses que já não podiam mais produzir sua subsistência e, em segundo lugar, pelo saque, pela escravização, por estupro, violência, rapinagem, destruição de povos do além mar da Europa. A acumulação do capital, no entanto, não é um ponto de origem, no passado, ela é constante, o capital não para de se recriar – por meio de crises –, para se expandir e quanto mais se expande o capitalismo, mais se aprofundam as expropriações. Depois de quatro séculos, a vida foi convertida em capital. O tempo da existência tomado pelo capital. A vida foi submetida ao capital e capital são relações humanas que geram valor ao valor, o capital só ama o capital e é capaz de tudo para crescer incessantemente, a despeito de tudo, tudo da vida.

Diz a lenda<sup>5</sup>, que o sociólogo Marcel Mauss mostrou como a festa Potlatch foi um mecanismo de impedimento da concentração de riquezas em povos indígenas da América do Norte, na fronteira com o Canadá. Essa festa consistia em um ritual no qual havia um homenageado que deveria, no banquete festivo com parentes e amigos, doar todos os seus bens, todos os bens que tinha

6 "Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação: aquilo que se atribui a uma 'evolução dos costumes', os jovens, as mulheres, os loucos, etc. (Deleuze; Guattari, *Micropolítica e Segmentaridade*. In *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 94).

7 Sobre rizoma: "Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a  $n$  dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ( $n-1$ ). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear" (Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. Introdução: *Rizoma*. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995, p.32)

8 Deleuze Gilles; Guattari Félix. 1227 - Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra. In *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.5. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

acumulado, as peles das caças curtidas, óleo de foca, etc., tudo. A expectativa do homenageado, que saía da cerimônia, "pobre", era a de receber doações dos outros, quando esses fossem homenageados. Consta que, no entanto, em seu modo radical, em alguns casos, os bens doados eram simplesmente destruídos depois da festa, ou seja, a ideia não era nem a de distribuição de riquezas, mas a de não-enriquecimento. Contudo, no final do século XIX, os governos tanto dos Estados Unidos quanto do Canadá proibiram essas festas por considerarem que se tratava de desperdício irracional de riquezas. (Veja bem a ideia de racionalidade aí implicada).

Perceba que essa era uma festa para redistribuição de bens, para impedir a acumulação de bens materiais, evitar a desigualdade. Depauperar o indivíduo, evitando que acumulasse posses, era considerado uma homenagem! Um favor que se fazia àquele que já acumulava patrimônio e, antes de mais nada, talvez, um bem que se fazia à coletividade. Queremos afirmar a festa Potlatch como um dispositivo coletivo anticapitalista. Façamos Potlatch!

O capitalismo, com o seu Estado, é um modo de produção, econômico e, portanto político e social, que se tornou um sistema de produção de vidas, aliás, de vida, é sempre a mesma, há um modo de vida e o novo, ou "novidade", como é chamado, é sempre algo regurgitado, o já visto, o já consumido, que reaparece com nova capa, num processo constante de auto-referenciamento. Há um modo de pensar e de sentir, de perceber, de temer e de sonhar, de se ver e de cuidar, um modo de desejar. Mas, alguma coisa sempre escapa, disseram D&G<sup>6</sup>. Escapemos, pois!

Bando é mecanismo coletivo de inibição de formação de Estado. Inibir a constituição da forma-Estado de pensar, da forma-Estado de sentir, de perceber, de fazer sexo, de escrever. O que estamos pensando aqui é em encontrar formas de impedir que se produza a forma-Estado de desejar e de ser humano.

Bando não é família. Não tem papai-mamãe, fraternidade, não precisamos disso. Não é uma organização familiar e tampouco uma organização de aparelho de Estado. Um bando é uma multiplicidade, um sistema sem centro, multidimensional, que não se define por seus elementos, mas pelas conexões e desconexões que vai fazendo: agenciamentos, essas são suas dimensões. Sistema sem gerais, sem centro, sem poder fixo, que muda de natureza a cada nova conexão. Muda de natureza, ou seja: não tem essência. Não há algo que o defina e o constitua, independente dos acontecimentos, não há uma essência imutável, dada a priori. Não há o uno, o idêntico. Uma multiplicidade pode ser tudo e qualquer coisa, exceto o uno, a identidade. Multiplicidade é  $n-1$ . (Sim, rizoma<sup>7</sup>). Bando é um modo de funcionar, um modo de pensar. Não é qualquer grupo que é um bando, aliás, quase nenhum, talvez?

Dizem D&G que o líder de um bando está mais para uma vedete do que para um homem de poder, pois sua posição se dá por prestígio e persuasão e ele pode ser abandonado pelos seus a qualquer momento. Dizem também que a chefia de um bando é um mecanismo complexo, não serve para promover o mais forte, mas, ao contrário, para fortalecer o tecido de relações imanentes, evitando que se instaurem poderes estáveis<sup>8</sup>. O bando como

estamos a pensar, reverte o modelo do Estado, funciona como máquina de guerra, sempre exterior ao aparelho de Estado. No bando que estamos querendo pensar, a liderança é uma posição, é móvel e é revezada entre quem está no bando, sem hierarquias, por exemplo uma determinada tarefa ou decisão pode ser tomada por alguém que acabou de entrar e acatada por todos os outros. É por isso que a liderança é um mecanismo complexo, porque não está personalizada e não tem prerrogativas. Liderar, inventar, problematizar, são ações que circulam entre aqueles que estão no bando, ora em pequenas aglomerações, que indicam caminhos para os outros, ora entre todos ou só em um, ou em várias pequenas aglomerações, não há modelo. O próprio bando, com seus movimentos de compartilhamento e revezamento inibe a formação de poderes fixos, institucionalizações e privilégios e isto fortalece o tecido das relações imanentes, essas que estão se dando aqui e agora, nos corpos. Podemos dizer que o próprio funcionamento do bando (des) organizado e sem poderes estáveis, já é uma forma de resistência porque já está praticando uma outra forma de pensar. Afirmamos que essa outra forma de agir já é outra forma de pensar, pois não acreditamos na existência da cisão binarizante entre teoria e prática, entre pensar e fazer. É possível que o movimento do corpo gere ideias e não apenas o contrário. É possível que ações criem realidades a serem pensadas e não apenas o contrário. Ação é também pensamento e vice-versa.

Pensar outras coisas da mesma maneira não é difícil. Em esforços de produção acadêmica, por exemplo, se faz isso a todo momento. Pensar de outras maneiras é difícil. Pensar de outras maneiras é pensar o impensado, aquilo que, até o exato momento no qual se inventa uma forma de pensa-lo, é impensável. O impensável, que ainda não foi pensado (e, quem sabe, muitas vezes não será pensado) exige que se mude a forma instituída de pensamento, a fôrma, exige que se crie outra lógica. O impensável é o fora. Fora da racionalidade instituída e seus raciocínios e concepções estabelecidos. Seria necessário, hoje, abandonar a lógica binária e inventar uma outra lógica, que seja capaz de praticar o pensamento como criação e não como reprodução, sem operar pela identidade (n-1), por deambulação e encontros produzir não estruturas, mas redes de criação e de resistência. Pensar de outra voa. Trata-se de inibir a instauração de formas de pensar estáveis.

Trata-se, assim, para nós, hoje, de criar dispositivos – os bandos-, que sejam, nas suas práticas, táticas de guerrilha contra o desenvolvimento da forma-Estado- Capital de vida. Bandos como movimento de resistência.

Nos lançamos à tarefa mais difícil que é a de não apenas anunciar a necessidade de se fazer isto ou aquilo, mas de tentar enunciar um modo de fazer. Por isso nos perguntamos pelo "como". Como resistir? Na mesma dança de um matemático que desdobra uma fórmula, demonstrando-a por metros e pode, ao final, com grande alegria, escrever energicamente C.Q.D. (Como Queríamos Demonstrar), num último giro do seu corpo, satisfeito, nós queremos bailar, um baile de loucos e cegos, para inventar formas de como fazer.

9 Foucault, Michel. *Segurança, Território, População. Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Edição estabelecida por Michel Senellart soa a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução Eduardo Brandão. Revisão de tradução Claudia Berlemer. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

10 Bey, Hakim. op. cit.

Hoje, 2020, pandêmicos, oscilamos, nauseados, pinguepongueando entre participar ou desistir, deprimir ou enraivecer, entre o fim do mundo ou o começo de um outro mundo... não vamos sucumbir, vamos inventar linhas de fuga. Vamos abandonar esse barco que chacoalha de um lado para "ou" outro. Dissidência. Cito Fucô: "'Dissidentes"' corresponde à palavra russa *inakomyслиachtchie*, 'os que pensam de outra maneira'""<sup>9</sup>.

Não se trata mais de desejar a revolução! disse Hakin Bey<sup>10</sup>. E nós dizemos: trata-se de pensar no seguinte movimento: pequenos bandos, muitos, infiltrados em todas as estruturas, instituições e estabelecidos, ao levarem o fora para dentro delas, já estão fazendo a revolução que funciona: guerrilhas. Ações efetivas de combate ao modo único de vida-não-vida que nos foi imposto, ao modo único de pensar, são ações que efetuam renovação, no melhor sentido de novo, anticapitalista, que é o de criação e não o de reprodução.

Paremos um pouco aqui. Não queremos romantizar a criação. Não podemos pensar em criação apenas como uma obra de arte incontestável como um poema de Drummond, por exemplo, uma genialidade como Cartola ou como as bordadeiras do Vale do Jequitinhonha. O próprio existir como ser humano é criação (ou deveria ser). Existir como ser humano não é reproduzir modos de vida, mas estar na posição de inventar modos de vida, que não precisam ser inéditos, geniais, obviamente, seria impossível cada um inventar uma coisa distinta, modos de vida não são individuais. Criação aqui é entendida como o próprio debater-se para criar a si, pois não se está já lá pronto. Estamos entendendo a existência humana mais como gambiarra, o jeito que se vai conseguindo dar, com os elementos que se vai encontrando, para botar as coisas para funcionar: sobreviver e dar sentido. As coisas têm de ter um sentido, a vida tem de ter sentido, caso contrário pode ser dispensada.

Mas, justamente é disso que se trata: já não se pode mais criar sentido próprio para a vida, pois este já se pode comprar, pois este é constantemente reproduzido e aplicado como injeção na testa desde antes de nascermos. Não podemos mais criar sentido para as nossas próprias vidas porque não temos tempo. #Somostodosohamsterdagaiola! O hamster corre na rodinha, dentro da gaiola, corre muito, corre exaustivamente e quanto mais corre, mais tenta confiar que está fazendo a coisa certa, quanto mais corre, mais pensa estar próximo de alcançar, corre e fica exausto, porém satisfeito com a rapidez estonteante, corre, corre, corre até que já não aguenta mais e cai e é arrastado para fora da rodinha. Ainda um pouco cambaleante, com o coração cheio de premente explosão de felicidade por ter conseguido, ele constata, atônito, que está no mesmo lugar: dentro da gaiola.

Não é possível criar sentido se a rapidez do capital é maior do que a velocidade de existir. Na criação de bandos como resistência, estamos pensando esta como re-existência, insistir em existir, entendendo existir como criar sentido, se conhecer, poder seguir um ritmo próprio, saber que sabe. Trata-se de se recusar a ser aquilo que não se é e reincidir em existir. Trata-se de invenção de outros modos de vida. Essa re-existência é um movimento constante, pois, sabemos, a existência não é um absoluto, imóvel, o qual se possa alcançar e aí ficar. A existência é volátil e movente e é preciso re-existir. A existência é capturada e fagocitada pelo modo de vida

11 Foucault, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução Raquel Ramalhet. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

12 Nada do que foi será  
De novo do jeito que já foi um dia  
Tudo passa,  
tudo sempre passará [...].

Cf. música "Como uma Onda (Zen-Surfismo)", de Lulu Santos e Nelson Motta. Álbum Ritmo do momento. WEA Records, 1983.

13 A caracterização que faço de fascismo, no geral, é a que Vladimir Safatle tem feito, por esses dias, em textos e láivys (sic).

do capital, por isso os movimentos dos bandos devem eles também ser o de estarem constantemente se reinventando, por meio de seu funcionamento de revezamento e compartilhamento, como já dissemos. A re-existência, como invenção de modos de vida é afirmativa, ela cria formas, gambiarras que possam funcionar. Seus movimentos de criação são, apenas por efeito colateral, de oposição. Movimentos de re-existência não estão aí em função de negar isto ou aquilo, são movimentos de desvio, que afirmam a vida, criam sentido e modos de vida.

A prática de se embandar, se juntar em bando, no seu sentido ontológico, atualiza a ideia de que as subjetividades são, de certa forma, grupais, multiplicidades singulares, em movimento, atravessadas entre si e por acontecimentos. Sendo assim, a pergunta: é possível ser anticapitalista sozinho? perde o sentido, na medida em que somos todos outros, queremos dizer, cada um de nós, apenas para si mesmo é um "eu", para todos os outros bilhões de seres humanos do planeta, esse "eu" é um outro. "Eu" sou o outro do outro. Para embandar-se é necessário se livrar do individualismo. É necessário entender sua subjetividade como aberta e permeável, como rizoma. É preciso não ter covardia ou preguiça. É preciso entender o pensamento como ação. Entender o discurso como ação, caso contrário, calar-se. É preciso negar-se a ser um aparelho de reprodução da forma-Estado, um (des)humano, recusar-se a ser o que não se é. Bandos buscam inventar formas de agir-pensar de outras maneiras: isto já é sua resistência, afirmação de outros mundos possíveis.

Quando tudo compete para nos arrancar a vida de uma vez por todas, nos prendendo ao medo, dentro de uma tela, é hora do revide: re-existir! Como podemos nos juntar em bandos como forma de resistência à imposição desse "novo normal"? Quem quer ser normal? Norma de quem? Em seus estudos sobre o sujeito, Fucô quando destrincha a disciplina, como tecnologia de formação/formatação de um determinado tipo de individualidade, deixa evidente que esse processo só é possível a partir de uma norma<sup>11</sup>. O que é primeiro e fundante na normalização disciplinar é a norma, pois é a partir dela que se vai determinar quem é normal e quem é anormal. A norma é um modelo, ao qual é necessário estar conforme, para ser aprovado, em todos os âmbitos. Muito bem, a norma anterior à epidemia, era norma de quem? Qual o modelo seguido? Isso está ruindo? Está, de alguma forma, abalado? Ótimo! É agora, então, a hora da disputa de novos modelos, ou pela extinção de modelos. Como boiada, muuu, vamos sendo conduzidos ao "novo normal", que é uma exacerbação do modelo anterior, pior em tudo, maior desigualdade social (mais ainda?), maior violência contra as mulheres, maior miséria, maior expropriação de tudo, até do acaso. Ficamos trancados em nossas casas, nós, que podemos não sair, nós que temos casas nas quais ficar, ficamos acuadinhos aí, esperando isso tudo passar. Isto não vai passar! Ou melhor, vai passar, tudo passa, tudo sempre passará, Lulu<sup>12</sup> já nos ensinou. No entanto, quem ficar muuu, reproduzindo os modos de agir e de pensar que estão disponíveis, vai estar engrossando a onda que está afogando todo o planeta.

Tivemos muito azar, no Brasil, de estarmos passando por essa pandemia, ao mesmo tempo em que estamos submetidos a um (des) governo fascista<sup>13</sup>, que 1- cultua a violência de forma generalizada e organizada (miliciana, no caso), contra toda a população; 2- cria uma cisão interna inventando um inimigo

imaginário que deve ser combatido, com ódio; 3- entrega o país, toda sua riqueza, ao capital mundial, sem equilíbrio interno da economia (quem paga altos impostos são os pobres, o Estado salva os banqueiros); 4- tem uma insensibilidade absoluta ao destino das classes historicamente violentadas, tornando "normal", não é?, a desigualdade social funesta que vivemos; 5- transfere o poder a uma liderança totalmente narcísica, que está acima das leis, alguém torpe, "normal", com o qual uma parcela significativa da população se identifica e isso faz com que sintam que eles, propriamente, estão no poder e criam uma relação de idolatria ao "mito". Eles têm razão de chamar seu líder de mito, pois mito é propriamente aquilo que é inquestionável. Não se problematiza, não se duvida de um mito, ele está ali para ser cultuado e seguido, imitado.

Talvez o mais premente dos problemas filosóficos do presente, seja justamente a questão do tempo presente e daquilo que se é neste exato momento, Fucô disse. "Talvez o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser"<sup>14</sup>.

Cabe a cada uma de nós, neste exato momento, estarmos ocupados em imaginar e construir o que poderíamos ser. Por qual "novo normal" que nós podemos efetivamente lutar? Um outro mundo não vai surgir, lindo, para dar lugar a este, do nada, depois que o vírus puder ser controlado (se chegarmos a isso). Ao contrário.

Se juntar em bandos, para criar sentido para a vida juntos, para criar modos de vida juntos, inventar outras formas de agir-pensar juntos. Milhares de bandos, milhões de bandos, cada pessoa se embandando aos montes, fazendo conexões, bandos infiltrados nas instituições levando o fora para dentro delas, engendrando outras formas de funcionamento, outras lógicas, outros corações, outras peles. O bando é uma outra forma de organização social. O bando, suas ações-pensares são para-o-mundo, são construções de outros mundos possíveis. Não são grupinhos fechados que se auto massageiam, protegidos dos horrores do "o" mundo. Um bando vai ao ataque. Um bando é aberto. Se metamorfoseia. Nos juntar em bandos nas universidades, grupos de estudos, de ações, bandos na política, nos bairros, no prédio, bandos de mães, bandos psi, de veganos, planejar no excel, fazer tricô, de produtores de comida sem veneno, criar outras lógicas, compartilhar o quintal, bando de escrita, não usar carro, cozinhar juntos, bandos para defender as florestas, o clima, trocar coisas, escambo, ficar em silêncio juntos, cuidar das crianças alheias, do meio ambiente, bando de não fazer nada às vezes, proteger os animais, não produzir lixo, teatro, plantar um pé de salsinha, vários tomateiros, um milharal, pedir ajuda, bando hacker, viver com pouco, cerzir as roupas, reforma-las, podar na estação certa, disponibilizar sua biblioteca, bando de alfabetização, de dançar, geógrafos, poesia, bandos de saúde pública, de subir o morro, aulas de, estudar juntos, fazer arte, música, dar ajuda, música, dançar, fazer bolos, beber, transar, centro cultural, visitar museus, desenhar, cantar, cantar, fazer cálculos, preparar adubo natural, minhoca, fazer filminhos, ouvir, botar a boca no trombone, ficar com o cu na mão, escrever como quiser, pensar com o corpo, pensar com o corpo, as autênticas epistemologias do sul, o sul do corpo, sem cabeça, continuar adiante, desembestados, quando necessário, debandar e depois, se juntar de novo.



1 Doutorando da Puc- SP do Núcleo de Subjetividade. Psicanalista, compõe o coletivo Margens Clínicas, onde articula o projeto de Aquilombamento das Margens.

2 Professor adjunto na Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras Júlio de Mesquita Filho, em Assis, SP, atuando na graduação e na pós-graduação. Livre-docente (2013) em Psicologia Clínica UNESP.

3 Filme sueco de 1993, *Tala! Det är så mörkt*, no original. Dirigido por Suzanne Osten.

4 Castañeda, Marina. Eschuchar(nos). *Hacia la comprensión de los demás... de uno mismo*. México: Editorial Taurus, 2010.

5 Ribeiro, Dijamila. *O que é: lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

# A clínica e a construção dos lugares de fala e de escuta

Kwame Yonatan Poli dos Santos<sup>1</sup>  
Fernando Silva Teixeira-Filho<sup>2</sup>

## Resumo

Inspirados no filme *Um skinhead no divã*, refletiremos sobre a clínica e os conceitos de lugar de fala e lugar de escuta. A partir da análise das contradições e tensões presentes no filme, tentaremos refletir sobre as especificidades clínicas do atendimento de populações que sofreram violências estruturais: racismos, machismos e LGBTfobias. Além disso, traremos para o campo da problematização a construção de um lugar de escuta analítico em diálogo com a noção de "lugar de fala".

Palavras-chaves: Clínica psicanalítica; lugar de fala; lugar de escuta;

Inspirados no filme "Um skinhead no divã"<sup>3</sup>, refletiremos sobre a clínica e o conceito de lugar de fala. A partir da análise das contradições e tensões presentes no filme, tentaremos refletir sobre as especificidades clínicas do atendimento de populações que são vitimizadas com as violências estruturais: racismos, machismos e LGBTfobias. Além disso, traremos para o campo da problematização a construção de um lugar de escuta analítico<sup>4</sup> em diálogo com a noção de "lugar de fala"<sup>5</sup>.

Em resumo, o filme narra a história de um jovem neonazista sueco (Soren), que ao ser espancado por outros neonazistas, esconde-se deles em um trem. No trem, Soren senta próximo a um médico judeu mais velho, Jacob, que se compadece dos ferimentos e da evidente angústia de Soren. Assim, Jacob oferece a Soren um curativo na cabeça e o convida a ir ao seu consultório para tratá-lo. O rapaz reluta mas aceita a ajuda e o filme passa a narrar a tênue linha entre o cuidar do outro e o cuidar de si, sugerindo linhas de composição para a compreensão da intrigante e complexa trama das relações de subjetivação.

Vale dizer que a história de um skinhead ser atendido por um analista judeu, já nos parece absurda, contraditória e perigosa por se. Como pode uma pessoa ajudar a quem quer lhe matar? Qual transferência de saber, que confiança, qual o valor da palavra, qual credibilidade prevalecerá? Estas perguntas se tornam extremamente urgentes para a clínica posto que está se estabelece a partir da fundação de uma confiança, de uma credibilidade, da transferência. De que modo o skinhead valorizará a ajuda do judeu? De que modo o judeu manterá o desejo de que a análise se dê apesar do risco de ser morto? Isto nos faz lembrar aquelas relações entre domadores de feras (tigres, leões, ursos) as quais quase sempre acabam com a morte dos domadores.

Soren havia machucado a cabeça ao ser agredido por seus comparsas após o mesmo ter desistido de agredir um refugiado. O médico oferta seus cuidados, lembrando que, certa vez em sua infância, no Holocausto, um soldado nazista havia colocado o dorso de uma faca em sua cabeça para conter o inchaço provocado por uma pancada que Jacob havia dado em uma parede. De que lugar precisaram se subjetivar para poderem escutar o que falam? Uma vez mais, temos aqui o analista mostrando que já desde pequeno está familiarizado com o ver-se colocado em um lugar vulnerável no qual, ao invés de tirarem-lhe a vida, preservam-na. Esta cena nos faz intuir que o analista, desde muito cedo, tenha acreditado que mesmo um nazista possa ser uma pessoa capaz de compaixão e generosidade.

O filme começa com Jacob oferecendo para cuidar da cabeça de Soren, tal como o soldado nazista havia feito com ele quando criança. Portanto essa cena dialoga simbolicamente com aquela do soldado alemão colocando a lâmina de sua faca para aliviar o galo na cabeça da criança judia; e a pergunta de Jacob: por que não me matou?

Pensamos que do ponto de vista simbólico, Jacob acreditava em poder retribuir esse gesto tratando da ferida de Soren. Assim sendo, possivelmente, o ponto de identificação é a ferida. É possível imaginar que o médico, ao ver que Soren estava fugindo do grupo de neonazistas, tenha acreditado que apesar das convicções políticas fascistas ainda restasse em Soren um pouco de humanidade que merecesse ser cultivada e fortificada? Acreditamos que as lembranças deste analista conservem intensidades afetivas atemporais suficientes para, mesmo após transcorridos tantos anos ele tenha se identificado com a possibilidade de retribuir a ajuda que uma vez lhe foi ofertada. Mas, e do lado do jovem Soren? O que o teria motivado a aceitar a ajuda? Quais intensidades aquele encontro teria lhe aflorado? As lembranças e as questões do Jacob e do Soren ecoam ao longo da narrativa do filme com uma intensidade atemporal: qual seria a questão que levaria um *skinhead* à análise? Qual o sintoma do rapaz que o leva ao divã? A xenofobia? O racismo? O machismo? A LGBTfobia?

### **O papel da identificação na análise**

Para começarmos a refletir sobre as questões colocadas anteriormente, traremos uma cena clínica recorrente que se situa diametralmente oposta à do filme (o analista judeu e o analisando *skinhead*) na qual pessoas negras procuram analistas negros, pois eles entenderiam suas vivências, ou ainda LGBTs procuram analistas LGBTs e assim por diante.

Não é incomum a análise começar pela questão de uma identificação imaginária, porém o quanto isso sustenta uma análise? Ou antes, qual posicionamento discursivo sustenta um trabalho analítico?

A vantagem da escolha identitária, segundo os próprios analisandos, é, primeiro, não sofrer racismo, ou LGBTQIfobia na análise, por exemplo; ou, ainda, o analisando não ficaria incumbido de apresentar ao analista as discussões sobre o tipo de opressão que esse sofreria. Contudo, nessa decisão mora uma questão analítica, visto que cada um se afeta, e conseqüentemente, elabora de forma diferente, mesmo que passe pela mesma cena de opressão.

6 Kilomba, Grada. 1968 – *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*; Tradução Jess Oliveira, Rio de Janeiro, 2019, p.117. .

7 Deleuze, Gilles. *Sobre o Teatro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010, p.59.

8 Deleuze, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 2013.

9 Serfaty, Gabriela. *Por uma escuta menor*, Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia CI, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016.

10 Rancière, Jacques. *O inconsciente estético*. Editora 34, São Paulo, 2009, p.11.

É possível imaginar que outra vantagem, por assim dizer, seria em ato, em alguns casos, o analista mostrar que é possível sobreviver a essas formas de violência e construir outros modos de existir no mundo que não sejam pautados na vivência do sofrimento.

Por outro lado, é possível análise baseada exclusivamente na identificação imaginária? Acreditamos que não, pois o trabalho analítico não se sustenta unicamente pelo imaginário, mas pelo posicionamento discursivo do analista.

O trabalho analítico a partir do imaginário se limita ao ponto do visível, do invisível não, ou seja, para se alcançar o plano inconsciente é preciso ir além.

*A priori*, não havia identificação entre o Soren e o Jacob, ou talvez possamos imaginar, pelo enredo apresentado no filme, que o trabalho de análise iniciou-se com a ferida, ou talvez, na possibilidade de uma escuta-migrante que possibilitasse Soren se deslocar daquele sofrimento projetado no medo dos "estrangeiros": "(...) racismo não é falta de informação sobre a/o "Outra/o" – como acredita o senso comum –, mas sim a projeção branca de informações indesejáveis na/o "Outra/o"<sup>6</sup>; ou seja, assim como no racismo há uma projeção que implica aquele que pratica a discriminação, no exemplo de Soren, sua angústia seria, em suas palavras, efeito de não aguentar se sentir sempre como um refugiado.

Por mais que Soren destrua ou tente de alguma maneira se desvincular, ou desidentificar daqueles que não lhe são espelho, ele permanece implicado na cena, pois o estrangeirismo que busca extinguir o envolve, visto que a diferença é exatamente aquilo que nos une: "(...)se a maioria remete a um modelo de poder – histórico, estrutural ou os dois ao mesmo tempo –, é preciso também dizer que todo mundo é minoritário, potencialmente minoritário"<sup>7</sup>. O filósofo Deleuze, em *Crítica e Clínica*<sup>8</sup>, fala-nos sobre a vitalidade que guarda sermos estrangeiros na nossa própria língua; isto é, a importância de desenvolvermos um discurso menor dentro da língua materna. Nesse sentido, a partir da questão do que sustenta uma análise, para além da identificação imaginária, pensamos ser necessário uma escuta menor que permita existir o estrangeiro em nós como um intruso<sup>9</sup>, como veremos mais adiante.

A clínica só acontece no limite das fronteiras do eu, fora de si, em zonas anômalas de intensidades, de intersecção. A clínica interseccional, por assim dizer, localizada no "entre", exige uma escuta do inconsciente que se desloque de si mesmo, capaz de balançar; ou seja, afetar-se pela experiência da subjetividade fora do sujeito, fora da experiência do eu.

É comum escutar que Freud deu voz ao inconsciente. Cremos que seja o contrário: ele ofereceu uma determinada escuta a esse campo emergente. Assim, "... a teoria psicanalítica do inconsciente é formulável porque já existe fora do terreno propriamente clínico, certa identificação de uma modalidade inconsciente do pensamento"<sup>10</sup>.

11 Rolnik, Suely. *Esferas da Insurreição - notas para uma vida não-cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018

12 Birman, Joel. *Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte*. São Paulo, Ed. 34, 1996.

13 Kreshaw, K. *Why intersectionality can't wait*. 2015  
Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/news/in-theory/wp/2015/09/24/why-intersectionality-cant-wait/?noredirect=on](https://www.washingtonpost.com/news/in-theory/wp/2015/09/24/why-intersectionality-cant-wait/?hpid=hp_hp-top-table-main-intersectionality%3Ahomepage%2Fstory&hpid=hp_hp-top-table-main-intersectionality%3Ahomepage%2Fstory), acessado em 19 de agosto de 2019.

Freud interpretou fenômenos avessos à racionalidade moderna e possibilitou que estes servissem de exemplos de sua descoberta, visto que estes "são em si mesmos testemunhos de um determinado inconsciente" (idem). O mergulho na psicanálise e sua perspectiva do inconsciente permitiria uma precaução a escuta de alguns elementos discursivos anódinos.

Deste modo, é preciso pensar qual seria a ética para a construção de um lugar de escuta analítico? Ou ainda, como construir um lugar de escuta que toque em uma posição de uma escuta menor?

### **Psicanálise decolonial e o lugar de escuta**

O subtítulo causa estranheza, pois nos daria a ideia de que haveria uma colonização presente em determinada posição da psicanálise que precisaria ser desconstruída. Pensamos que se desejamos descolonizar a clínica, isso passa pela descolonização do que haveria de colonial no discurso analítico. Nesse sentido o inconsciente não seria mais apenas edípico, mas colonial-escravocrata<sup>11</sup> para se pensar os modos de subjetivação que hoje nos atravessam e a suas interseccionalidades, portanto iremos introduzir no campo psicanalítico a noção de lugar de escuta. O lugar de escuta é o da escuta das variações das singularidades dentro da língua maior, refere-se à construção de uma estilística da existência<sup>12</sup>. Para isso é necessário construir uma ética à altura, que se deixa atravessar pelas intersecções dos marcadores sociais de diferença, isto é, uma clínica que amplie suas bases teóricas para se pensar os modos de produção das subjetividades para além das relações edípicas e fantasmáticas inconscientes, incorporando, por exemplos, referências das violências estruturais das relações humanas.

Nesse sentido, a noção de interseccionalidade<sup>13</sup> promove desestabilização da noção de identidade como uma essência fixa. Interseccionalidade é perspectiva ética que pensa gênero, sexualidade e raça de maneira interligada, por exemplo, que pensa o machismo e o racismo como experiências que se entrecruzam e interagem produzindo efeitos específicos.

Deste modo, o posicionamento interseccional é uma posição de questionamento da identidade naturalista, a partir dele a identidade passa a ser efeito do poder sobre nosso corpo.

Deste modo, para trabalhar com o atravessamento dos marcadores sociais de diferença na clínica, para além da identificação imaginária, faz-se necessário produzir aberturas na escuta, conexões interseccionais, visto que estas não estão dadas *a priori*.

A tarefa do analista é dissociar o significante do significado, para que o significante possa circular. Neste sentido, a identidade não mais é fixada e se abre a uma multidão, abrindo ao analista a possibilidade de um lugar de escuta de uma polifonia desejante. Logo, a intersecção se torna uma ética na clínica, a composição de uma perspectiva de escuta atravessada pelos marcadores sociais de diferença.

No filme em questão, em uma das sessões, Soren narra uma cena em que desejaria flutuar sobre as ondas, como o surfista, Jacob escuta isso na sua literalidade, porém acreditamos que Soren relembra a violência que sofreu do pai, em que o pai goza com o

14 Deleuze, Gilles. op. cit., 2013.

15 Castañeda, Marina, op. cit, p. 188.

16 Idem, op. cit, p. 198.

corpo do filho, abusando dele e deixando a questão: quem está dizendo a verdade? O pai, Soren ou o Jacob?

Nesse sentido, acreditamos o pai é o mar que Soren afoga: "assim que a criança aprende a nadar, caindo na água" - diz Soren/ No filme, quando Soren fala do surf, ele começa a dar um novo sentido, ali o Jacob faz uma clínica de produção de significação e dá o significado, nomeando; como diz Deleuze<sup>14</sup>, ao invés de interpretar, é preciso experimentar, ou seja, construir uma clínica da intensidade, das forças pulsionais.

Porém, onde se fundaria no inconsciente a escuta de tal perspectiva clínica e ética?

É fundamental lembrarmos que a escuta analítica é uma escuta qualificada. Difere-se, portanto, de uma interação entre amigos, não apenas por ser mediada pelo dinheiro ou outra forma de pagamento, mas sobretudo, pelo fato de que na "relação de amizade se espera uma reciprocidade, na qual haja alternância, de modo que cada pessoa sente necessidade de contar suas experiências"<sup>15</sup>. Já na relação analítica, a troca deve estar focada na problemática do paciente e não o inverso.

Cada corrente teórica em psicologia irá formar seus profissionais a escutar seus pacientes de modo distinto. Elencando, pelo menos 15 características específicas da escuta psicoterapêutica e comuns de todas as correntes teóricas, Castañeda conclui:

*En conclusión, la escucha clínica puede definirse, ante todo, en función de lo que no es: no es una escucha amistosa, recíproca, espontánea, ni natural. Se trata de una habilidad aprendida y cultivada, hecha de empatía pero a la vez de distancia; de curiosidad, pero sólo al servicio del tratamiento; de paciencia, pero con fines estratégicos; que alterna entre pasado y presente; y que tiene varios propósitos, más allá de cualquier conversación social.<sup>16</sup>*

Por razões de extensão e foco deste artigo, iremos nos concentrar na escuta psicanalítica, que é uma escuta direcionada à construção de fantasmáticas inconscientes e com a qual estamos mais familiarizados. Tratamos aqui da "atenção flutuante" postulada por Freud como o corolário da associação livre do analisando.

A atenção flutuante, como sabemos, é um lugar na escuta a ser construído durante o processo analítico. Nele, buscamos não apenas um silêncio exterior, mas também um silêncio interior a partir do qual o paciente pode escutar-se a si mesmo, a partir do qual o analista funciona como um ressonador do dito de seu analisante para que o mesmo se escute e se responsabilize por seu dito, que se reconheça nele como efeito ou agente do discurso.

A partir do campo freudiano, tomaremos a noção do inconsciente acentuando a perspectiva pulsional, o que nos permitirá um diálogo com os estudos das feministas negras, objetivando a construção de um diálogo entre "lugar de fala" e a perspectiva pulsional que chamaremos de lugar de escuta analítico.

Pulsão é uma perspectiva, um ponto de vista, um lugar de escuta, se pensarmos o inconsciente como sendo de consistência ética, a pulsão é uma ética, visto que estamos realizando uma discussão

ética dentro da clínica para além dos marcadores sobre o corpo, construindo uma dobra dessas determinações, produzindo novos modos de existir por meio do dispositivo analítico para além do imaginário.

Desse modo, Freud definiu a pulsão como uma zona interseccional entre o corpo e o aparelho psíquico, esse território anômalo é uma perspectiva singular em exercício que produz o comum, ao mesmo tempo, que quanto mais se encontra o comum mais se produz a singularidade em uma relação virtuosa; portanto a perspectiva pulsional é um ponto de vista singular, um lugar de escuta analítico. A pulsão é o não-colonizável da subjetividade, um outro ponto de vista avaliador, um pensamento que está fora-da-Lei. Sendo um ponto de vista crítico, coloca-se no não-todo, no parcial em relação à totalidade, que não se explica pela negatividade, mas pela afirmação da vida.

Assim, a pulsão funciona como a atualização da expressão plástica da força ativa da vida em nós e quando essa força é impedida de se realizar como tal, temos as correções de rota, as formações do inconsciente (sonhos, sintomas, ato falho, etc.). No entanto, "a força da qual se padece é possível de ser exercida"<sup>17</sup> quando nos posicionamos eticamente, a altura do acontecimento.

O desejo é um exercício ético, segundo Lacan, assim sendo há uma perspectiva clínica no trato da subjetividade que busca escutar o desejo a partir da sua pragmática e se posicionar eticamente a partir da pulsão, portanto, nessa perspectiva, construir um lugar de escuta nos auxilia a cartografar linhas de força e escutar onde as escolhas estão impedindo essa força de se expressar.

O Real se exerce em linguagem e a análise vai na direção do Real, onde é possível gritar outros modos de existência, outras práticas de vida onde há um pensamento da vida, sobre ela.

A força que faz gritar vem antes do horror, de maneira que quando pensamos com as categorias da vida, grita-se onde o pensamento estiver sendo sufocado. Logo, há que se desterritorializar, criar linhas de fuga; pois a linha de fuga é fuga em relação ao que ela não é, é o processo analítico de "onde há o isso, o eu deve advir". Perspectiva ética de uma escolha imaginária em que o "eu" deve se colocar a altura do ponto de vista pulsional. A força do gritar não é o grito, é aquilo que me faz gritar. O grito é um exercício desafinado do canto, o exercício pulsional é um exercício de afinação desse berro.

O inconsciente é um gritar constante de natureza ética, de perspectiva pulsional, onde não se pode abrir mão do desejo, do bem-dizer, um dizer, uma estilística da existência, a expressão de uma existência, menorização da língua maior, gaguejar dentro da própria língua, a criação do singular.

A liberdade de gritar a ser conquistada é de consistência ética, visto que a pulsão é essencialmente atividade, mas não é tarefaira. Há uma determinação ética, no sentido de qual medida o isso é desnaturalizante da pulsão, em outras palavras, em que medida o racismo contra a população negra evidencia a posição colonizadora da branquitude<sup>18</sup>.

19 Talib Kweli Greene, mais conhecido como Talib Kweli, é um MC estadunidense. Seu primeiro nome significa "estudante" ou "buscador da verdade" em árabe e seu nome do meio significa "verdade" em suaíli. Talib começou a ganhar reconhecimento com o Black Star, uma colaboração com seu companheiro Mos Def. Referência: <https://citacoes.in/autores/talib-kweli/>

A natureza da escuta e a ordenação da análise visa a construção de estrangeirismo dentro da língua. O que está na origem do gritar? O que reside na origem do dizer? O pensamento originário que é a vida, a vida como um processo de desterritorialização, a construção de um lugar de escuta é uma força afirmativa.

### Considerações finais

Por meio dos estudos das feministas negras, sabemos que gênero e raça são as primeiras formas de inscrição do poder no corpo, desse modo, como os agenciamentos que o atravessa são importantes para constituição e análise do desejo.

Pretendemos com esta reflexão propor que o lugar simbólico da análise não é o único registro pelo qual a análise se dá. Em concomitância há o registro do imaginário, aqui articulado pela identidade, bem como, o registro real, representado pelo corpo em sua materialidade pulsional. Certamente, a articulação destes três registros não é uma novidade per se. Porém, o que se torna necessário é lembrarmos que o registro identitário é, sobretudo no contemporâneo, o que leva uma pessoa ao consultório e que muitos analistas não problematizam a importância sociocultural do imaginário. É necessário lembrarmos que a vida em sociedade se atualiza no jogo das relações identitárias, pois que são relações de poder e, portanto, organizam as trocas materiais e afetivas no tecido social. Deste modo, os marcadores sociais de diferença e sua interseccionalidade são elementos constitutivos da identidade e da inserção desta nos processos de subjetivação.

Ter a consciência de que nossa identidade, querendo nós ou não, determina nossos lugares de fala e de escuta, é um importante diferencial na clínica em direção à verdade do sujeito. Lembremos o pensamento do rapper Talib Kweli Greene<sup>19</sup>: "Nenhuma pessoa branca que vive hoje é responsável pela escravidão. Mas todos brancos vivos hoje colhem os benefícios dela, assim como todos os negros que vivem hoje têm cicatrizes dela". Quando nos dermos conta de que querendo ou não, pelo simples fato de sermos brancos, já escutamos e falando de um lugar de privilégios no tecido social, talvez possamos iniciar um trabalho de desconstrução destes privilégios e promoção de empatia em relação ao sofrimento do outro.

Tentamos apresentar aqui alguns elementos norteadores desta desconstrução: o distanciamento do analista em relação à sua própria língua que constitui sua identidade. Ou seja, a tentativa de fazer-se estrangeiro em sua própria língua. Assim, como no filme, Jacob diz a Soren: "Sou um estrangeiro, como posso te escutar?" É nessa mesma posição que reside o lugar de escuta, do estrangeirismo, do contrário, como trabalharemos com o estrangeiro em nós, fora de nós e entre nós?

Afastar-se de si, não com indiferença ou como quem não quer responsabilizar-se, mas antes, com implicação e empatia ao sofrimento alheio, percebendo o lugar de fala e escuta do analista na produção deste sofrimento enquanto parte da sociedade é o maior desafio contemporâneo para a revolução de uma clínica costumeiramente pensada a partir da individualidade, sem se dar conta de que esta é também uma produção social.



1 Este texto foi elaborado a partir da pesquisa intitulada Reza a lenda que... Abordagem Transmídia sobre uma benzeadeira de São Carlos, realizada em 2017. Com exceção de Dona Eva, os nomes das demais fontes foram alterados.

2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

# Bença, Eva!<sup>1</sup>

Renata Baboni<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo "comvida" a uma experimentação de escuta de uma das raras benzeadeiras tradicionais ainda atuantes na cidade de São Carlos: Dona Eva. Nesses encontros emergem redes de afetos, conflitos, memórias, saberes, fazeres, rezas e crenças populares. Aos que interessarem, recomenda-se pedir a "bença".

## Abstract

The article invites the reader to a listening experiment, performed by one of the rare traditional healers still active in the city of São Carlos: Dona Eva. In these meetings, a network of affections, conflicts, memories, knowledge, practices, prayers and popular beliefs emerge. For those who are interested, it is recommended to ask for the "blessing."

## Os mistérios de Eva...

O esfregar das mãos, a fala entoada, os sussurros e os gestos cadenciados vão compondo o "manto sagrado" que a benzeadeira vai tecendo enquanto reza: "...que se afaste todo mau pensamento, quebrante, inveja, ódio e mau olhado...+ Pelo sinal da Santa Cruz, livrai-nos, Deus, Nosso Senhor, dos nossos inimigos+".

Há quem acredite, há quem duvide, mas naquele bairro não há quem negue a popularidade e o carisma de Dona Eva Baltazar.

"Até pessoas que não acreditam na cidade procuram benzimento. É assim que as coisas começam, lá em baixo, com oração. Uns acreditam, outros não acreditam. Tem gente que ignora a gente porque acha que estamos fazendo maldade, mas não é nada disso, somos apegados no bem, com Deus" (Dona Eva).

"Outro dia falei que eu vou me chamar Posto Ipiranga: sempre que estou aqui varrendo, chega uma pessoa perguntando: onde é a Dona Eva?", relata Sônia, vizinha da benzeadeira há quatro anos, que se diz católica e crente em benzimentos, além de frequentadora de centros espíritas. "Ela é uma pessoa que trata a gente muito bem e não fala coisas para te iludir. Já fui com dor de cabeça e voltei muito melhor. Eu me sinto bem toda vez que vou e quando minha filha leva as crianças para benzer, elas também ficam mais calmas", complementa.

Também é o caso de Antônia, vizinha da benzeadeira há mais de 50 anos: "Ela é uma pessoa muito legal. Não frequento, mas as minhas filhas vão. Eu tenho uma neta que vai muito na casa dela e minha bisneta chama ela de vó, não sai de lá, até dorme na casa dela. Lá vai muita gente, tem final de semana que param uns três, quatro carros ali em frente para benzer e eu fico até brava porque ela tem mais de 80 anos, benze a semana inteira e não tem muito descanso", relata.

3 Video *O Altar de Dona Eva*, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MEEhNGpDX-E&t=79s>>.

4 Video *Eva, a natureza e o benzimento*, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yTdlV9BRUM>>.

João, de 90 anos, vizinho da benzedeira há mais de 40 anos, diz já ter ido a seu atendimento carregado, com dor na coluna, e ter voltado andando, sentindo-se muito melhor das dores: "eu frequento a Dona Eva há muitos anos, vou várias vezes que preciso. Ela é muito boa".

Como expressão da cultura popular do bairro Jardim Centenário, a benzedeira Eva revela os seus fazeres, crenças, afetos, histórias e assim vai desvelando também os seus tantos mistérios...

### **Mistérios gloriosos**

Um altar com imagens de santos, rixás e velas em um pequeno quarto ao fundo da casa, disposto à frente de quem senta para ser benzido. Este é o ambiente dos atendimentos da benzedeira, que antes de iniciar os seus trabalhos prepara a sala: acende uma vela, reza um Pai Nosso, uma Ave Maria, um Salve Rainha e um Credo pedindo proteção e afastamento dos males<sup>3</sup>.

Os frequentadores, em geral, são estudantes universitários, idosos, vizinhos, estrangeiros, gatos, cachorros, chaves de carros, roupas de parentes e/ou amigos, mães e crianças de São Carlos e região. No bairro, Dona Eva é muito conhecida pelos seus atendimentos às crianças. Ela reserva o turno da manhã de cada um de seus três dias de atendimentos semanais ao público infantil e idoso.

"Benzo de vento virado, criança que chega aqui vomitando, e a gente dá uns tapinhas no pé da criança e, quando acaba de benzer, a criança já tá rindo e brincando. Benzo cobreiro, espinhela caída, lumbriga assustada – barriga grande, criança assustada e aguada – antes tinha mais, dá um inchaço nas crianças e isso não tinha cura. Faço garrafadas, peço banho de ervas e chá – as minhas entidades que me explicam como tem que fazer o remédio. Não tenho receita" (Dona Eva)

O ritual potencializa as conexões espirituais, afetivas e também a experimentação da reza enquanto acontecimento singular. Muitos encontros acontecem e se fortalecem ali. Nessas conexões, a existência da própria benzedeira é alimentada por outras que buscam cuidado, acolhimento e conforto. Modos de (com)vivência que se combinam para potencializar ainda mais estes saberes, afetos e as suas próprias existências.

"As pessoas acreditam que eu ajudo e trazem algo para agradecer: um presente, um alimento, mas nunca cobreiro. Eles voltam para falar. Eu sempre fui lotada assim, continua a mesma coisa. Se eu for benzer todo dia, eu benzo, mas não dá. Tem que descansar, tô véia. Faz uns 5 ou 6 anos que comecei a colocar senha. Antes benzia todo dia. Não aguento mais. Mas se precisar fora de hora, eu benzo também. Eu benzo gente de São Carlos, de outras cidades, tem vez que tem gente de outro país que vem visitar o Brasil e alguém traz para benzer. Problema de varizes, dores no corpo, coisas que remédio e operação não deram certo – benzo com oração. Hoje em dia é mais isso, mas perturbação com certos problemas, eu só faço oração, não chamo espírito. Se for preciso, a pessoa vai em outro lugar, eu só rezo e peço a Deus, dou um chá ou um banho para ela se acalmar" (Dona Eva)<sup>4</sup>.

Entre rezas, benzeduras, garrafadas de ervas e imagens de santos cristãos e orixás de religiões de matriz africana, Dona Eva e sua prática espiritual sincrética são fios condutores também da história da cidade de São Carlos.

### **Mistérios dolorosos**

Quando Eva ficou viúva do primeiro marido, começou a passar mal e decidiu frequentar o Centro Espírita mais próximo, onde relata ter desenvolvido melhor a sua espiritualidade. Aos poucos decidiu benzer, como fazia seu pai:

"Meu pai já era benzedor, vem de geração a geração. Ele não me ensinou, deixou foi um conhecimento. Depois que meu pai morreu, comecei a sentir mal, ter problema de casal, de criança doente, problema de família – precisei me apegar mais a Deus e ter mais fé para não passar para as crianças. Peguei com firmeza e sinceridade, procurando sentir melhor. Meu pai recebeu um guia, a entidade do meu pai é da mesa branca. Eu nunca recebi entidade de Umbanda" (Dona Eva).

A estória de Dona Eva remete à História da cidade de São Carlos, dos grandes cafezais, da indústria de cana de açúcar e da relação entre o rural e o urbano, constitutiva desta localidade. Nascida e criada por seis anos na fazenda Santa Maria, em Água Vermelha, e tendo residido os posteriores 14 anos em Ribeirão Bonito, Dona Eva mudou-se para São Carlos com a família devido à profissão do seu pai, que era lavrador e trabalhava em distintas plantações na região. Neste período, a futura benzedora, filha mais nova da família, auxiliava a mãe nos afazeres domésticos. Aos 17 anos, casou-se com o seu primeiro marido, que morreu em um acidente elétrico dois anos e meio após o casamento. Com ele, Dona Eva teve dois filhos. Viúva durante os cinco anos seguintes, mudou-se com a família para a Usina Tamoio, em Araraquara, na qual a família toda, inclusive ela e os irmãos, foram contratados para cortar e plantar cana de açúcar. Ela também já foi faxineira e dona de casa: "Família de gente pobre anda. Quando não tinha emprego, a gente se mudava. Minha família foi tudo pobre, sabe o que é trabalhar na roça e colher a plantação para comer o que tinha? Era tudo trabalhador de roça", conta com seu sorriso sincero.

A usina foi referência nacional na indústria sucroalcooleira e funcionava como uma minicidade, oferecendo uma ótima estrutura e diversos serviços para a comunidade que lá morava (hospital, escolas, igreja, lojas, serviços de transporte, entre outros), em geral lavradores e seus familiares. Neste período, Eva casou-se com Baltazar, com quem viveu 57 anos.

Com a falência da usina, por volta de 1983, Dona Eva mudou mais uma vez com a família, agora para São Carlos. "Fomos os últimos a sair da usina – alguns foram despejados – mas nós não, graças a Deus viemos com o dinheirinho na mão e arrumamos esta casa", afirma orgulhosa. A partir de então, Eva passou a benzer as pessoas que a procuravam em sua residência. Rapidamente ficou popular no bairro e também na cidade.

### **Mistérios luminosos**

"Eu estava com 57 anos nesse período que comecei a benzer mesmo. Na nossa comunidade, muita gente procurava benzimento, uma ajuda espiritual, porque nem sempre a gente tem uma criança em casa doente que pode ir no médico – porque a gente mora longe da cidade – não tem como ir em médico toda hora. Qualquer pessoa que mora em fazenda tem sempre um benzedor. E as vezes a pessoa tá com problema de lumbriga, de susto, por exemplo, uma oração ajuda muito. Pela fé que a gente tem. Tem coisa que nem tem como explicar, tem que procurar o caminho de Deus. Nessa época meu pai já benzia na usina, eu não. A gente frequentava a igreja na usina Tamoio, rezava na casa das pessoas, fazia oração de terço e quando morria uma pessoa, a gente rezava três, quatro dias para aquela alma que estava naquela casa. Lá na usina já benzia muita gente, minha missão já estava feita, benzia muitas mulheres, homens e crianças. Não é que eu comecei a benzer, Cristo foi começando a minha vida espiritual lá de baixo e foi subindo em oração, e as pessoas vão conhecendo" (Dona Eva).

### **Sincreticamente singular**

"Para começar uma comunidade espiritual, a gente procura todo jeito para ver o que dá certo. Já fui em Umbanda, Quibanda mas não tive segmento. Fui depois em mesa branca, religião mais serena, preocupada com o pensamento e a fé. Eu sou católica e espírita. A igreja católica fala que não aceita o espírito, mas se for olhar, a fé é a mesma. Deus está em todo lugar" (Dona Eva)<sup>5</sup>.

Neste sentido, o sincretismo religioso, inerente à história das benzedoras, mas especialmente potencializado neste contexto que envolve Dona Eva, emerge nas relações como componente integrador dos encontros nas mais variadas combinações entre as subjetivações.

A singularidade que envolve este universo de subjetividades desejanter cria um comum entre afetos e diferenças: espíritas, católicos, umbandistas, padres, evangélicos, pastores, crentes e não crentes em benzimentos compõem subjetividades frequentadoras de seus atendimentos. Estas experimentam em Dona Eva um laço de confiança que assegura até mesmo o sigilo em relação às participações e aos conteúdos expressos nos atendimentos, ou seja, a confiança "na benzedora" permite a participação até de subjetividades que são vistas socialmente como contraditórias em relação a tal contexto, sendo o elemento sincrético entre as partes um fator agregador e favorável a estes encontros "improváveis".

"O padre veio benzer meu marido, quando ele tava de cama. Pedi para ele benzer meu altar: ele brincou que era para eu benzer ele. Ele foi lá conhecer o meu altar, fazer uma oração, e eu frequento a igreja católica também" (Dona Eva).

Por outro lado, alguns líderes da comunidade religiosa do bairro, de distintas vertentes, veem a prática da benzedora com certo olhar pejorativo, apesar de alguns declararem que as benzedoras também podem "fazer o bem aos outros", ou seja, estes assumem que há legitimidade em tais práticas desde que a benzedora seja "ética"

na sua "missão", no sentido de "orar apenas para fazer o bem às pessoas" (nas palavras dos próprios líderes religiosos de instituições do bairro). A visão sobre o fazer da benzedeira tradicional é contraditória entre os líderes religiosos do bairro, até mesmo entre os responsáveis pela mesma vertente religiosa.

"Temos uma restrição radical em pessoas evangélicas irem a benzedeiros. A pessoa que crê em Deus tem a sua fé, então ela tem tudo. Não se admite irem pessoas para benzimento. Se você tem fé, faz as orações, acredita na palavra de Deus, não precisa disso. Se alguém vai, é liberalidade individual da pessoa, mas a pessoa não vai – porque o conforto e a segurança e a paz que ela sente com a palavra, não tem necessidade de ir" (Um responsável de uma igreja evangélica do bairro).

"Todos nós temos que benzer. Somos herdeiros da benção. É importante saber rezar: geralmente essas pessoas são pessoas de escuta, de escuta para outro. Elas usam muito bem esse tempo, coisa pouco comum hoje em dia. Elas fazem isso muitas vezes mais do que muitas pessoas que deveriam fazer isso. Acho que a questão da benção é inerente a todas as pessoas. Nós todos somos portadores da benção para a Igreja Católica. E nós temos a impressão de que aquele que abençoa é maior que o abençoado. Mas dentro da Igreja Católica, ela restringe um pouco a benção aos padres, porque em cima da questão da benção ainda há muitas superstições. Por isso tem-se muitos olhares meio receosos para as benzedeiros, mas oxalá elas façam só o bem, né? Porque há pessoas que fazem macumba e trabalho para prejudicar o outro, não que este tipo de trabalho feito tem poder, mas a força do pensamento tem poder, a maneira da gente olhar e acolher o outro tem muito poder" (Uma responsável de uma instituição católica do bairro).

"Benzedeira você encontra no meio popular de várias pessoas que tem fé e acreditam no poder da oração. Não temos nenhuma restrição desde que a pessoa faça a oração. Essa senhora aqui embaixo, a Dona Eva, já me chamou para ir na casa dela. Eles participam aqui da igreja, outro dia fui no altar dela, ela me chamou para fazer uma oração lá para o marido. Ela tem a oração dela própria, não tem nada que impeça, é uma oração. A pessoa supera algum tipo de mal porque é o poder da oração. Não temos nada contra benzedeiros que só fazem a oração. O que a gente tem restrição são de trabalhos feitos, algumas seitas fazem trabalhos e magias negativas – coisa que não é conveniente e eles enganam pessoas carentes. Uma pessoa vai fazer oração para fazer mal para os outros? É até contraditório. Uma religião pura e verdadeira é a que cuida das pessoas e não a que propaga o mal. Aí não é religião, aí não está ligando nem com Deus e nem com o outro (religião é religar, com Deus e com outro, só assim tem sentido a nossa vida)" (Um responsável de outra instituição católica do bairro).

"Quando as pessoas estão em dificuldade, elas procuram todas as formas de sanar estas dificuldades. Essas pessoas, fazendo com que necessitados encontrem paz e um resultado positivo, eu não vejo nenhum problema.

6 Júnior, Hudson Roberto  
Betrão; Neves, Soriary Simas.  
"O Estudo das Benzedeadas em  
Parintins: Uma Abordagem  
Folkcomunicação". 2013. In:  
Intercom – Sociedade Brasileira  
de Estudos Interdisciplinares  
da Comunicação. XXXVI  
Congresso Brasileiro de  
Ciências da Comunicação –  
Manaus, AM. Disponível em:  
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0112-1.pdf>>.  
Acesso em: 1 fev. 2018.  
Ver também Oliveira,  
Gustavo Felipe de  
Andrade; Meira, Elinaldo.  
*Benzedeadas de Guarulhos:  
Comunicadoras da fé. Iniciação  
Científica. FAPCOM. 2016.*

O problema não é a religião, é a religiosidade. A gente prega Cristo. Se elas também pregam e levam conforto às pessoas, no meu ponto de vista, ela também está ajudando o outro de alguma forma" (Um responsável de outra instituição evangélica do bairro).

"Aqui nós só fazemos trabalho para o bem, temos médiuns conscientes. Focamos neste tipo de espiritualidade. Eu nunca fui na Dona Eva, mas já ouvi falar dela. Precisa ver o que aquela benzedeadas fala que faz: se ela tem um espírito por trás mas não recebe ou recebe, se ela só dá passe. Eu não a conheço direito" (Uma responsável de um terreiro de Umbanda do bairro).

"Cura de curandeiro, benzedeadas, sou totalmente contra. E mesmo os que não são ligados a religião, também não admitimos. Ao contrário, o que tem de pessoas aqui na igreja e que servem a Deus há muitos anos que são ex-feiticeiros, ex-curandeiros, ex-advinhos (em que foi tirado dele esse espírito)" (Um responsável de outra igreja evangélica do bairro).

"Não posso falar que é algo errado, é anti-bíblico isso – seria perder tempo e falar de algo que para mim não é relevante. Só se a pessoa fizer o mal para as pessoas aí não tem o meu apoio. Isso é um princípio básico de uma religião e de uma sociedade (Uma responsável de outra igreja evangélica do bairro).

Assim, valores sociais religiosos, morais, éticos, políticos, afetivos são traduzidos em concordâncias e discordâncias sobre o fazer da(s) benzedeadas(s), suscitando muitos mistérios também nos conflitos e nas contradições.

### **Mistérios gozosos**

Se, por um lado, há uma escassez de benzedeadas tradicionais na cidade – endossada pela hipótese de estudiosos de que no contexto globalizado atual a prática da benzedeadas tradicional está ameaçada de extinção<sup>6</sup>, por outro, muitas ainda atuantes, como Dona Eva, mantém alta demanda de atendimento (embora, na sua percepção, a existência da benzedeadas tradicional esteja sendo transformada em outras práticas contemporâneas também relacionadas a este universo espiritual, de saúde e/ou religioso):

"Parece que está acabando as pessoas que benze. Acho que as pessoas também passam isso em outra religião hoje em dia, mas pelo menos as garrafadas, minhas meninas sabem e podem ensinar para os outros quando precisar" (Dona Eva).

### **São tantos os mistérios...**

As benzedeadas atuam em um contexto religioso sincrético desde a sua origem. O catolicismo brasileiro, em sua vertente mais popular, desde o Brasil colônia influenciou a emergência das benzedeadas e rezadores(as) nas orações, terços, novenas, celebrações – apesar das posteriores perseguições a tais saberes realizadas pela Inquisição Católica.

7 Azevedo, Téo. *Plantas medicinais e benzeduras*. São Paulo, Top-livros, 1984. Ver também OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1985; Silva, Claudia Santos. "Rezadeiras: guardiães da memória". In: V ENECULT- Encontro de estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf>>. Acesso em 18 jan. 2018.

8 Cunha, Lidiane Alves da. "Saberes e religiosidades de Benzedoras". 2010. In: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/565/423>>. Acesso em: 08 jan. 2019. Ver também Trindade, Deilson do Carmo. *As benzedoras de Parintins. Práticas, rezas e simpatias*. EDUA: Manaus, 2013.

As práticas e rituais indígenas, os cultos afros e demais saberes populares culminaram neste tipo de prática natural ligada ao tratamento de doenças (por meio de garrafadas, uso de ervas, chás, conselhos, orações) – que era muito comum entre mulheres<sup>7</sup>.

Benzer passou a ser significado popularmente como uma prática que solucionaria os problemas diários em diversos campos (afetivo, saúde, finanças, entre outros). No imaginário social brasileiro, a figura das benzedoras está fortemente atrelada ao campo da cura/ saúde e da espiritualidade<sup>8</sup>. Conforme visto no contexto de Dona Eva, a maioria dos seus vizinhos(as) relatam buscar atendimentos para fins de cura ("do corpo e do espírito"), endossados pela credibilidade conferida por muitos à experiente benzedora, também reconhecida como "Vó Eva", subjetividade acolhedora, agregadora de sabedorias populares, sincretismos religiosos e afetivos que encorajam resistências às esperadas congruências identitárias.

Orientada pela "missão de fazer o bem e não olhar a quem", Dona Eva também resiste enquanto existência mínima singular que potencializa outras existências ao seu redor (especialmente em momentos de fragilidades) por meio de gestos e atitudes que conferem acolhimento, cuidado e conforto – e que envolvem a ordem do dizível e do indizível, do explicável e do não explicável, da multiplicidade de afetos e de outras produções de existências, tempos, memórias e potencializações vitais.

"A gente não vive de brisa, fia! Tem que viver com Deus se quiser ter uma vida feliz, em paz. Tem que ter amor a Deus. Muita gente vem benzer e sara. Depois vem mais, traz mais pessoas de fora. Um traz o outro. Vem gente de outro Estado, vem pessoas passear e vem benzer, tá com problema ... tem estrangeiro que vem. A gente faz oração não só para quem vem, mas também para quem não pode vir. A fé remove montanhas, temos que apegar a Deus. Toda religião tem que se apegar a Deus daqui para frente. Esse mundo precisa muito de oração. Tem muita gente sem fé, sem coragem, que não pensa no outro. Pedir um mundo de mais lavoura, de plantação, porque hoje temos muita miséria" (Dona Eva).

Pelas forças vitais que ali existem e resistem..., que assim seja!

Bença, Eva!

### **Eva, o começo, o meio e o fim**

A experiência do "ser mulher", no contexto de Dona Eva, trouxe inquietações de gênero, raça-etnia, classe social e geração centrais naquele universo.

A produção de um "fazer viver" a todos(as) que frequentam os seus atendimentos é um modo de vida escolhido pela "Vó Eva", a mãe de uma família repleta de filhos, netos e bisnetos, rodeada de vizinhos(as) e amigos(as) de longa data, filha de benzedor/ curandeiro, que trabalhou como dona de casa, como trabalhadora braçal na lavoura e na usina, em área rural, "tradicional

"tradicional mulher curandeira", espiritualizada, que já frequentou centros espíritas, terreiros de umbanda, igrejas católicas, e se tornou a atual benzedeira. Possuidora de experiências de uma longa vida, de sabedoria popular, de saberes e fazeres do corpo, do espírito, das estórias e histórias, das oralidades, das forças da natureza, dos segredos, dos cuidados: saberes e fazeres vitais.

Dona Eva não restringe o seu fazer a um saber prescritivo ou à relação direta entre cada queixa e sua correspondente receita de cura como algo que pode ser passado aos dispostos(as) a aprendê-lo. Eva apresenta, de modo singular, o seu saber intuitivo (e também os saberes lógicos, populares, naturais, entre outros tantos que se compõem com o seu, voltado à escuta atenta dos afetos, dos sofrimentos e dos acolhimentos: uma vida dedicada a esse algo "além" do dizível e do visível).

Nesse sentido, para que a sua prática continue sendo transmitida, Eva intui a necessidade de alguém que esteja disposto a se mover junto com ela nesses "outros saberes", não só para aprendê-los, mas também para apreendê-los (em certa movência intuitiva e vital). Então, na percepção de Dona Eva, a tradição só permanece ali se também houver fluidez e compromisso com a transmissão "do sagrado/vital" que há neste processo entre fazeres-saberes-afetos. Para transmiti-la é preciso alcançar a altura daquela prática.

Essa articulação vital anunciada é o "sagrado" de Eva, um "fazer viver" que também é contrastado por um misterioso "fazer morrer".

No início do trabalho, realizei uma pesquisa criteriosa em acervos públicos de São Carlos sobre benzedeiros e culturas populares locais. Pesquisei em todas as bibliotecas municipais da cidade, no Arquivo Público e Histórico - Fundação Pró-Memória de São Carlos, na Universidade Federal de São Carlos, além de ter realizado buscas na internet, porém não encontrei nenhum material sobre benzedeiros da cidade. A busca por benzedeiros tradicionais ainda atuantes, que pudessem trazer pela oralidade tais experiências e saberes populares, também foi um grande desafio, mas foi a própria oralidade que conduziu esta experiência.

Após pesquisas e pedidos de colaboração e indicação de benzedeiros nas mídias digitais, em diversas instituições religiosas da cidade e em uma vasta rede de conhecidos(as), encontrei apenas cinco benzedeiros tradicionais. Três delas suspenderam os atendimentos por problemas de saúde e, com as outras duas, realizei um longo trabalho, sendo uma delas Dona Eva, especialmente popular. No entanto, durante o período em que mantive contato com Dona Eva, frequentando os seus atendimentos e a sua vizinhança (inicialmente por volta de cinco meses), ela foi surpreendida pelo falecimento do seu segundo marido, o que a levou a interromper os atendimentos por alguns meses retornando mais tarde às atividades.

Entre adoecimentos, mortes, curas, orações, tempos e contratempos, também procurei me movimentar na escuta desses acontecimentos que atravessaram estas vivências e existências.

Se, por um lado, Eva é uma existência mínima que resiste por meio de um fazer e de um saber popular raro no seu contexto e "assombrado" pela possibilidade de seu desaparecimento, já que ela é uma das pioneiras e uma das raras benzedeadas ainda atuantes na cidade; por outro, o seu ofício possivelmente não será continuado por familiares. Tais peculiaridades potencializam ainda mais a relação vital em torno de Eva. Quando Eva morrer, morrerá também aquele fazer e certa dimensão (valiosa) da história, da memória da cidade e deste universo, de modo geral.

Porém, a singularidade de Eva atravessa uma existência limitada ao corpo físico. Há um corpo vital acontecendo ali que transpõe tempos cronológicos, corpos materializados, memórias de passados e que dura em potência nas mais variadas experimentações possíveis. Ou seja, há composições de forças e intensidades vitais que possibilitam criar outros tempos, outras memórias, outros sagrados, outros encontros e outros possíveis.

Eva acredita no seu fazer, não se preocupa com julgamentos. Ela literalmente "se benze" de julgamentos e "falatórios". Coloca o seu fazer como força central e desviante de preconceitos, julgamentos, repressões, entre outros tantos desafios que ainda atravessam o seu caminho. Fazer viver este saber é fortalecer a vida (de Eva e das outras tantas que ela carrega em si); é torna-la viva, mesmo diante de tantas ameaças de mortes.

Na minha frente ninguém nunca falou nada, se falar é bobagem, eu não acredito; acredito na minha pessoa. Meu marido nunca importou porque ele sabia que eu tinha necessidade de benzer. Eu falava para ele que fazia bem para a minha cabeça e o meu pensamento e ele concordava. Tem que ter muita fé. Essa fé cura. Já me curou e também ajuda os outros. Levanto e deito fazendo oração, agradecendo a Deus. (Dona Eva).

Eva, a primeira e a última mulher, a que guarda o início, o meio e o fim, na mitologia Cristã e também neste plano vital anunciado. Eva não morre. Eva faz viver. Eva está por vir.



1 esse texto é uma espécie de colcha-de-retalhos monstruosa, cut-up composto de escritas automáticas e poemáticas, cenas-fragmentos oriundos da clínica do Acompanhamento Terapêutico (AT) e articulações conceituais de caráter ensaístico. compõem-se também de trechos do meu processo de pesquisa atual intitulado "Cartografias Anedípicas", vinculado ao Programa de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal do ABC (UFABC), sob orientação de André Luis La Salvia.

2 psicólogo, psicanalista, acompanhante terapêutico, membro do Sítio, mestrando em filosofia pela UFABC, autor do livro de poesias "corpos polimórficos". contato: juansalazarj@gmail.com.

3 Deleuze, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

# quando o corpo quebra e se esquizografa<sup>1</sup>

juan salazar<sup>2</sup>

## resumo

quebras corpóreas são como acontecimentos não-desconectantes, portam a potência da re-incorporação de fragmentos, produzindo o real e afirmando a existência. se esquizografam, amarram clínicas (sem psicanálise) e elementos não-comunicantes de um texto. esvaziam sentidos e refazem-os, instaurando uma anonimização pública da experiência e do encontro decorrente da força de corpos e escritas em constante colisão.

palavras-chave: esquizoanálise, escrita, corpo, clínica, Acompanhamento Terapêutico.

## abstract

bodily breaks are like non-disconnecting events, carry the power of re-embody fragments, producing the real and affirming the existence. schizographs itself, tie clinics (with no psychoanalysis) and non-communicating elements of a text. empty out meanings and remake them, establishing a public anonymization of the experience and the encounter due to the bodies and writings force in constant collision.

key-words: schizoanalysis, writing, body, clinic, Therapeutic Accompaniment.

sempre fui atravessado pela imagem de perfurar o próprio corpo, não tanto pelo prazer da dor mas mais pela indagação do que há dentro ou do que é possível transportar do fora para dentro (ou vice-versa): algo como uma abertura, condição de arrombamento para se fazer pensar<sup>3</sup>. nunca executei tal ato, mas hoje essa imagem não é punitiva e escapa da culpa, se estetiza e ganha um corpus ético que me dá chance de escrever, poemar. de fazer da perfuração, um texto. nunca tive os contornos do meu corpo exatamente vistos - ressoou mais o esmagamento dos gestos, daquele dente sobressaliente, do quadril não inerte [motivo de bixa para a infância]. sempre quis saber costurar, não tanto pela destreza de um ofício, mas mais pela agulha-perfura, que já desentupiu boca de fogão e chuveiro. quiçá algo desentope na carne, jorre sangue pra fazer fluir não a morte, já que esse não é um texto de morte, mas de certa correnteza de vida, máquina de costura que junta sem deixar nada achatado. cola, mas com espaços ociosos. a minha pele é furo. - *mãe, quebrou a correia da máquina. - filho, bala na agulha*. nós somos mesmo é da vala. e minha pele é de repetição.

4 Deleuze, Gilles Et Guattari, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.198.

5 Deleuze, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2015, p.155.

6 Deleuze, Gilles. *Sacher-masoch: o frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

quando o corpo quebra não se sabe o que acontece. não que a quebra não porte a carga efetiva de um acontecimento, mas a sua cognoscibilidade não está posta necessariamente numa discursividade que possa abarcar esta ação: não há fala que remende um osso quebrado. e se concebemos que o corpo já é uma condição sim do pensamento, para quê crer que algo da palavra poderá significar, ampliar ou transmutar tal experiência para vir a tornar isso um acontecimento? quero um acontecimento mudo de sentido: a quebra efetiva de um osso, um risco de carne, cabeça de fêmur ou dedão de pé quebrados, erupções cutâneas, "[...] fluxo de rebanhos e sementes, fluxo de merda, de esperma e de menstruações, nada deve escapar"<sup>4</sup>. tudo isso que não escapa de ser codificado pela máquina social mas que antes mesmo de qualquer código (se é que há um antes), já porta em si elementos de um agenciamento coletivo de enunciação pertinentes ao acontecimento, à essa impessoalidade singular que passeia entre público e privado na firmação deste - na firmação disso que não se faz sozinho. "[...] não há acontecimentos privados e outros coletivos; como não há individual e universal, particularidades e generalidades. Tudo é singular por isso coletivo e privado ao mesmo tempo, particular geral, nem individual nem universal"<sup>5</sup>. e como mais-que-externalizar um corpo ou só somente externalizá-lo, tornando o dentro resquício mínimo de uma individualidade (cisco) que aparece pra fora e se generaliza? como fazer desta forma de aparecimento uma fratura exposta, mas sem que seja preciso fraturar um osso - sem que o ferimento se reduza à falsa unidade do sujeito? talvez seria como na literatura pornológica em que se busca uma não-linguagem, ou um colocar a linguagem em relação ao seu próprio limite, sendo necessário alçar sua esfera de impessoalidade - transpassando o pessoal, tornando-o real não para si, mas em si, para o mundo<sup>6</sup>.

fui lembrado de quando ele me amarrrou numa cadeira de criança onde eu deveria ficar imobilizado. logo, facilmente me soltei, causando furor e inconformação nele. ele queria que eu permanecesse amarrado, imobilizado. chorou, não queria brincar assim. cedi, pelo que lembro, e me deixei ser imobilizado por ele: usado, literalmente, mas esgotado de qualquer sentido negativo que essa palavra possa portar, afinal, tratava-se de um corpo-plataforma para outro corpo acontecer, para uma experiência nascer. naquele dia ele precisava me usar na imobilidade do meu corpo, para fazer algo brotar dali enquanto uma potência déspota. - *você está preparado para morrer?* ele já havia morrido muitas vezes antes: caía no chão... ficava de corpo-morto. precisava sempre me assegurar da sua morte e pedir um alento de vida - fazer um ressuscitamento, sentir a perda. mas agora era eu quem estava sob esse risco, devendo estar submetido à ele. amarrar é não só a iminência de desamarrar mas a possibilidade de certa contenção criadora. quero uma hiperpresença que fure sem invadir, penetre sem demolir, seja corpo-inteiro sem me fazer subsumir. só não me amarre tão forte... não precisa chegar a me imobilizar: quero o disfarce de poder brincar.

parar no tempo. ontem parei na dobra do tempo, nesse visgo impermissível onde o nada se sobrepõe ao nada. e na barragem das coisas, o alerta de uma linha amarela e a queimadura de um

dorso de mão se tornaram limites invisíveis que não vingaram numa cronologia apaziguante de tempo. nem mesmo que se efetivasse um corte, esse tempo voltaria a rodar, sequer uma rotina iria se forjar – uma mentira que se poderia contar e fazê-la vingar. mas ainda assim: não ultrapasse a linha, ultra-passe – transpassagem de pele, queimadura e aquela caceta que dura. se te amarro, é só lembrança que seus punhos são só agulhas – perfuram sem matar, conectam, travam essa externalidade que não me significa. é como arrancar um peito sem sangrar ou remontá-lo numa outra face em que tais gestos não se assemelhem mais ao grotesco. é como puxar cabelos sem arrancar ou como aquele seu cabresto que não te servia para andar. retiro os fios de dentro, lembrando-os que são de fora. e nesse banho contínuo, o sangue vira água e mesmo a morte tem algo de um monumento a se celebrar. mas não quero o monumento, não quero tatuar aquele demônio-tormento. quero insistentemente o acontecimento, a ferida indigna não resignada mas transpassada, feita outra. outra carne, outro muro, outra ponta de faca. arranca, arranca, arranca – e não desfia, não termina: vira pedaço de quadro esquartejado. quero parecer inteiro dilacerado e não um fado. pois as coisas claras e distintas não entendem poesia.

quando arranco meus cabelos ou bato a cabeça contra a parede, quando arranco minha roupa, quando me jogo no meio da rua nua, não sou eu, mas algo que vem de fora e se apossa de mim, me tornando assim arrancada dos próprios cabelos, parede-batida na cabeça, tendo arrancada as roupas, sendo jogada no meio da rua e ainda nua. eu incorpo não aquilo que eu quero, mas aquilo que me é quisto, colocado, atravessado. meu corpo se esfacela independente de mim, ainda que ao mesmo tempo recaia sob este mesmo corpo dito meu. meu corpo é quase como um receptáculo aberto, onde o limite não se localiza nem na pele nem no desejo, mas na total profusão imanente deste, de fora pra dentro, de fora pra fora. não sou eu quem te deu um soco na cara. não sou eu quem caiu subitamente no chão. não fui eu quem quebrou a televisão. eu nem sequer estava lá. *é agora que você vai me dar um tapa na cara? é agora que você vai me bater? é agora que você vai enfiar uma agulha em mim?* "eu não acredito em pessoas que começam as suas frases com a palavra eu"<sup>7</sup>.

sentados na cama em seu quarto, nos encontrávamos numa aproximação atípica. não saímos para a rua neste dia – ainda que seus pais sempre esperassem que saíssemos como garantia de aquisição de sociabilidade por razões mães-pais daquele recorte, daquele con-texto. folheava um livro de alienígenas que peguei em sua estante ao que com desdém ele me contou que este era mais um dos livros chatos que seus padrinhos chatos tinham dado pra ele. nessa pura desidentificação, ainda assim, éramos aliens-aliados no quarto. ao fim do livro surge uma gosma roxa, um elemento que era identificado como material alienígena coletado em algum lugar secreto do mundo. tocava com o dedo aquilo e ele também tocava, eu sentado na cama e ele deitado. estávamos aproximados corporeamente até que eclode aquilo que ele me pergunta. – *não parece esperma? você já tocou em esperma?*

8 a palavra esquizografia foi primeiramente por mim vista no título de uma página de redes sociais que se dedica a transmitir informações acerca da esquizoanálise. a página se define como "ESQUIZO-GRÁFIAS: pela multiplicação das multiplicidades de se criar novos possíveis possíveis", e se utiliza do instagram, facebook e um podcast para disseminar tais informações. minha inspiração não se reduz à palavra, mas se desloca ao conceito que ela pode induzir. sendo assim, apesar da inspiração gráfica e fonética, a trama conceitual tecida acerca da esquizografia neste texto, diz respeito à sua autoprodução, à si mesma: inaugurabilidade. posteriormente pude verificar que Lacan publicou em 1931 um texto chamado "Escritos inspirados: esquizografias", onde comenta as práticas poéticas de uma professora primária psicótica, relacionando-as à uma estereotipia da escrita psicótica e à uma potência criativa e reveladora de conflitos. o termo esquizografia é forjado do termo esquizofasia, que designa a existência de uma dissociação. Cf. Campos Guerra, A. M. "A escrita na psicose e seus efeitos no encontro com um psicanalista na atenção psicossocial". In: Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009, pp. 132-142. inaugurabilidades a parte, o que quero apontar apenas é o caráter ahistórico deste conceito que começa se esboçar. fica o nonsense.

9 Deleuze, Gilles Et Guattari, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.122.

mobilizo-me e desfaço o roxo deste código ainda sem cor. no segundo de silêncio me distancio da erotização, derivando-me apenas nessa tal comunhão comum ao que constitui um encontro. desfaço o esperma homossexual. são como microdecisões de um instante, elegendo sempre uma porção de inapreensível. digo: - *sim. quando nos masturbamos há sempre a possibilidade de se tocar no próprio esperma.* (sendo esta apenas uma das possibilidades de se tocar em porra). ele surpreso, responde num certo segundo de tempo depois: - *nossa... você não tem medo de falar assim da sua intimidade? nem tanto assim meu caro... - claro que tenho. sempre temos um pouco de medo, e eu não estou falando de toda minha intimidade. aliás não sei se dá pra se falar de toda as intimidades para alguém. apenas falei desta intimidade pois confio em você e achei que seria importante compartilhar isso contigo.* numa perplexidade empática ele me conta que nunca ninguém havia lhe contado intimidades. medo, confiança e testemunho. como se sabe o que é o sexual se ele não pode existir pra fora de si? ou ainda, como existir sem ser pra fora de si? seguimos na mesma posição, falamos de outras coisas e ele mantém um toque seriado de seu dedo indicador numa pinta que tenho na mão. fica me tocando, intimidade da qual sinto e permito-me não me incomodar - me deixo ser tocado. percebemo-nos em outras possibilidades de estada sem muita prevalência dos afetos, passando a produzi-los, inaugura-los. alçamos novos vãos para um futuro que se erigiu dali.

perceber o que se escreve nem sempre se percebe. se percebe sempre num depois, pois caso se perceba antes, se forja um falso pensamento antes mesmo do corpo que já escreve, desse relampejo quase automático que já pensa. se escreve para depois ver o que se faz e talvez depois, reescrever. mas aquilo que sai, só somente sai, e é nesse ato-simples que pode se (de)compor algo. tento parar. tento parar agora para perceber um pouco deste texto, decidindo nomeá-lo como algo que já vem sendo praticado por mim e se firmado escorregadiamente: esquizografia<sup>8</sup>.

quando ele é atropelado por uma moto em minha frente, ultrapassando o sinal fechado para nós, ele ultrapassa algo que já não diz respeito à ele mesmo, mas que remonta às fulguras de um atropelamento que vinha sendo até então falado, pensado, imaginado e pré-alucinado. a imagem de um ônibus que o atropela, a cena do coringa que é atropelado no filme. seu ultrapassamento do sinal vermelho para pedestres é transpassagem que ao mesmo tempo reivindica o real da produção desejante e o risco de desmoronamento de um corpo - de algo que se compôs pelo fora, e desembocou nele. ele não quis ser atropelado, mas o atropelamento acendeu realidades nele, em nós e no mundo, até então não exatamente percebidas. se o desejo produz real, trata-se de um "sempre-mais de realidade"<sup>9</sup>, oposto à concepção freudiana de que na psicose ocorre a severa perda da dita realidade. o esquizo efetivamente concretiza "a encenação de uma máquina produtora de real. Longe de ter perdido não se sabe qual contato com a vida, o esquizofrênico está mais próximo do palpitante coração da realidade, a tal ponto que se confunde com a produção do real".

10 Ibidem, 2010.

11 Freud, Sigmund. "O eu e o id (1923)". In: *Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

12 Deleuze, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

o atropelamento é autoproduzido - mas escapa-se deste, para além deste: criando um dedão quebrado e um contorno nos seus constantes ultrapassamentos.

a esquizofragia opera na literalidade das máquinas desejanter visando atingir ou produzir um social passível de existir a partir daquilo que lhe escapa e faz estranhar. fractaliza-se, fratura-se, não para se perder, mas para prosseguir. as máquinas desejanter são um sistema de cortes que nada tem a ver com uma separação, mas tão somente a ver com dimensões variáveis, que condicionam uma continuidade onde toda máquina é máquina de máquinaoutra máquina que supõe produzir o fluxo: um fluxo contínuo e infinito<sup>10</sup>. não é possível preservar um Eu neste processo, tampouco separar esse maquínico múltiplo dos outros modos que constituem este texto: modos de ler, captar, escutar, estar, rascunhar, digitar - modos de se afetar, modos de assumir as zonas de vizinhança entre aquilo que se cruza e escapa, modos de recolhimento (não no sentido da retenção fechada, mas daquilo que se colhe). se para Freud<sup>11</sup> o Eu, ainda que possuindo uma parte do Id, é uma superfície corporal que faz valer a influência do mundo externo, tornando-se emblema daquilo que ele entende como percepção ou de uma função mediadora do real (que é regido pelo princípio de realidade), em Deleuze & Guattari temos a aspiração destas entidades convergentes, multiplicando-as, perfurando-as e transvazando-as. o conflito entre Eu e Id dilui-se, abrindo-se espaço justamente para aquilo que é preciso dizer do formigamento destas rachaduras<sup>12</sup>, potencializando-as e não adaptando-as. para escapar das capturas representativas do desejo é preciso concretizar uma cartografia, fazê-la. desmontar aquilo que é só uma maneira de falar, firmando terreno para o acontecimento de uma esquizografia que eclode dessa tentativa de implosão do Eu.

fiquei de pé sob sua nova cama transformada em leito hospitalar em sua morada. você, com a cabeça do fêmur quebrado. como sob miragens incessantes, você me perguntou se eu realmente existia, se eu realmente estava ali na sua frente. respondi que existia, que eu estava ali na sua frente. você me disse que queria que eu ficasse ali pra sempre. me contou do fêmur quebrado, mas num olhar desesperado e num abrir de boca clamante me pediu o mundo lá de fora: as pessoas, a rua, os lugares - não-eu. você só passou por mim e eu passei por você: transpassagem. e você é como a janela deste trem em movimento, onde mesmo imobilizada, tal fluxo não cessa. dizem que você não reconhece a perna quebrada, que "não entende". mas eles não entendem que o desejo não pára na perna quebrada, que seu corpo não te basta e que você não é só você. hoje foi com a cabeça do fêmur quebrada que falei: ela se lembrou da perna amputada da mãe, me perguntou onde estava o seu filho, se ele já havia ido visitá-la. ela perguntou: - *você veio me ver?* e eu disse: - *sim, eu vim te ver*. e assim se dá esse reencontro-quebra onde olhamos os nossos corpos, suas partes de pé, perna, ventre, boca e olho. minha parte de mão na sua cabeça, de mão dada. meu tênis, minha bermuda, minha camiseta. nós nos olhamos em partes: nada está integrado ali - e não é possível integrar. ainda assim é possível ver. o limite é o limite das partes.

13 Deleuze, Gilles Et Guattari, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.118.

14 William Seward Burroughs II foi um escritor e poeta norte-americano da geração beat. constitui uma obra de atmosfera fantástica, grotesca e autobiográfica. o método cut-up foi por ele proposto em suas experimentações de escrita literária, culminando numa trilogia composta pelos livros: "The ticket that exploded", "The soft machine" e "Nova express". seus cut-ups também resultaram em obras gráficas e em uma videoarte.

15 Diógenes, Paulo César Rodrigues. "Sobre máquinas de escrita e remistura: o método cut-up de William Burroughs". In: *Revista Línguas e Letras. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná*, p. 343-370, 2012, p.347.

16 Ibidem, p. 347.

17 Pessanha, Juliano Garcia. "8. Refrões". In: *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu editora, p. 142-151, 2018, p.143.

18 Pessanha, Juliano Garcia. "Em louvor ao júbilo". In: *Testemunho transiente*. São Paulo: Cosac Naify, p. 255-266, 2015, p.257.

19 Deleuze, Gilles Et Guattari, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.63, grifo nosso.

o limite é o limite das partes.

e "[...] se tudo se mistura assim, é em intensidade; não há confusão dos espaços e das formas, postos que estes são precisamente desfeitos em proveito de uma nova ordem, a ordem intensa, intensiva"<sup>13</sup>. a diferença dos elementos se mantém presente ainda que não possam ser totalmente decodificadas. há um esgotamento da mistura. todas as coisas do mundo só valem pela sua força de amputação, desconexão ativa do lembramento cosmogônico de que as partes se sobressaem sobre o todo, sendo que o todo não é "uno", mas "todos", que são singularidades-desconectantes. acopla ao mesmo tempo que separa: amputa-me o olho para eu realmente ver.

não há fala que remende osso quebrado, quiçá, haja escrita. assim como no método cut-up de William Burroughs<sup>14</sup>, a esquizografia pode envolver uma pragmática literária, uma "[...] metodologia de recorte, remistura e hibridização de diversas fontes textuais, previamente existentes, selecionadas das mais diferentes proveniências [...]"<sup>15</sup>. um complemento de texto automático, páginas datilografadas tiradas ao estilete dum ventilador acopladas à uma metodologia não-tecnista mas sim um método-ético, um meio do/para caminho. o cut-up é uma máquina de escrita conceitual onde "mais do que um ponto de concentração, [...] serve-nos, aqui, tanto quanto possível, como ponto de dispersão e agenciamentos, linha de fuga, enfim, multiplicidades"<sup>16</sup>. serve-nos como ponto de quando o corpo quebra e se esquizografa, pois a quebradura como já bem repetimos não propõem um descolamento do real - seria como um cortar-recortar que se cola ao mesmo tempo em que se separa. "No corpo insone se acumula o magma do acontecimento. E entre coágulos e tumores surge, às vezes, um poema"<sup>17</sup>.

daí, ela surtou. começou a gritar no banheiro. alucinou. gritava continuamente e parava, olhando para aquilo que nós olhávamos como sendo nada: alucinação. gritou, gritou de novo. e parou. na base da barriga, via-se a pequena abertura de seu intestino não-acoplado à sua bolsa de colostomia (fruto de uma facada que havia sofrido). o cheiro. a impossibilidade de contenção. o não-saber onde tocar ali. gente, ela está surtando. "O surto é a sorte para começar a despedir-se da mentira autobiográfica e tentar redigir uma heterobiografia haurida na experiência viva"<sup>18</sup>. e como sob miragens incessantes, é o que se faz aqui: passeia, veloz e singra.

*[...] na viagem de trem, nunca existe totalidade daquilo que se vê, nem uma unidade dos pontos de vista, mas apenas a transversal que o viajante enlouquecido traça de uma janela a outra, "para reaproximar, para remendar os fragmentos intermitentes e opostos". Reaproximar, remendar, era o que Joyce denominava "re-embodiment" [reincorporar]. O corpo sem órgãos é produzido como um todo, mas no seu próprio lugar, no processo de produção, ao lado das partes que ele não unifica nem totaliza. E quando se aplica a elas, se assenta sobre elas, ele induz comunicações transversais, somas transfinitas, inscrições plurívocas e transcursivas sobre a própria superfície, na qual os cortes funcionais dos objetos parciais são sempre recortados pelos cortes das cadeias significantes e os de um sujeito que aí se situa. O todo não só coexiste com as partes, como também é contíguo a elas produzido à parte, e aplicando-se a elas [...]*<sup>19</sup>

20 Deleuze, Gilles.  
*Diferença e repetição*. Rio  
de Janeiro: Graal, 2006.

21 Deleuze, Gilles. Et  
Guattari, Félix. *O anti-Édipo:  
capitalismo e esquizofrenia 1*.  
São Paulo: Editora 34, 2010.

a transversalidade que não submete as partes à organização do todo é exercício esquizográfico que induz à esse estado pornológico de uma não-linguagem, de uma agramaticalidade e assintaxe anedípicas, que esgotam o estilo equiparando-se assim a literatura à esquizofrenia, processo e não meta, produção e não expressão – sendo a literatura de consumo uma redução, uma conformidade, uma forma edípiana. esse exercício de escrita esquizo só pode ser lido de maneira cognoscível por meio da velocidade e do movimento que o transcorrer e deslizar sob essas partes heterogêneas efetua: é preciso tornar-se esse viajante-passageiro enlouquecido, acoplar-se à esquizografia, autorizando a existência de enxertos aberrantes que quando lidos isoladamente não podem ser apreendidos ou integrados, mas quando arranjados nessa transversalidade adquirem uma potência afetiva que transpassa a consciência de saber dizer o que é uma coisa e o que ela significa. a escrita-leitura repousa assim na sua dimensão corpórea, na capacidade de se afetar pelo corpo – pelos olhos, pelos dedos, pela cabeça.

é impossível não ter família, ele disse. é impossível não nascer da cópula entre uma mulher, vulgo mãe, e entre um homem, vulgo pai. a questão dele não é apontar uma suficiência benevolente por sempre haver família na composição dos sujeitos e do social, mas é justamente denunciar a viscosidade familiar, da impossibilidade de nascer sem família – ou ainda, da interrupção que este sofre por não poder subjetivar-se sem família, sem que isso se torne emblema da falta mas só expressão do desejo que o atravessa. ele deseja poder não falar com a mãe e nem com o pai, deseja não ser acessório personológico de uma ausência. é quase como se ele quisesse se afinar com a afirmação de que “é possível não ter família”, assim como é possível ter sua voz repetida por outro, assim como é possível ter as transformações do seu rosto púbere serem sentidas como uma deformidade que não condiz com o terror, mas pela consonância do quanto um corpo não basta para designar o humano – tampouco uma família. agora ela: a minha irmã sumiu de mim, sumiu com minha mãe, sumiu com meu filho, sumiu comigo da família. é necessariamente disso que repercute o esparramamento do meu corpo no mundo, minha denúncia de um afeto-próprio e desarranjado de mim mesma, realocado e aplastado na cara do outro? porque tua insistência em reinserir isso num complexo? você sonhou com Gustavo? você sonhou com meu filho Gustavo? o meu filho sumiu, morreu, ou foi arrancado de mim – ou simplesmente a suposta dura verdade: dei meu filho parido na rua para alguém. deliro, pois não foi de vontade própria – eles o roubaram. quer dizer, “daí, deliro?”. porque me desmonta ter parido um estranho de mim? porque é o outro que precisa sonhar um filho – refabricar um filho em mim, ou para mim? será clamor de cópula familiar? porque preciso errar teu nome, para depois te chamar de pai, e depois te desejar namorado/marido – independentemente se tu se localiza homossexual (independentemente do sexo). eu crio realidades. eu quero cortar com minha mãe: não quero depender dela. meus pais nem imaginam que eu tenho um contrato sexual justo, honesto. a minha mãe eu lambo que nem gatinho, dela junto a minha cama: a asseguro dentro de mim. mas, não tenho nada com papai-mamãe.

22 Ibidem. p. 65, grifo nosso.

23 Lapoujade, David. *Deleuze e os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

24 Deleuze, Gilles Et Parnet, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora escuta: 1998.

papai-mamãe não é somente o comum da posição sexual, mas a denúncia que nem pai e nem mãe é comum a nada e nem ninguém. e não sou eu quem fiz nada disso: o meu corpo não é meu. possessão. é agora que você vai cortar meu braço?  
*é agora que você vai cortar meu braço?*

é nesse "*caráter absolutamente anedipiano da produção desejante*"<sup>22</sup> que podemos tomar as partes desta escrita como objetos parciais, pulsões não evolutivas, que não visam uma integração, mas que são somente partes de corpo que se conectam para fora de um corpo dito meu, para fora da ideia de que existe uma pessoa global que detém essa parcialidade dos objetos e de um corpo. reincorporar essas partes, se transpassa do crivo edípico, figurando um acoplamento fugaz que se estabelece pela rede formigante entre essas partes.

esses cortes aberrantes dizem respeito à um princípio de distribuição da produção desejante que nasce da conflitiva entre o organismo e suas ligações de órgãos entre si que garantem seu funcionamento, e o corpo sem órgãos (registro do improdutivo) que simplesmente não suporta essas amarrações e ligações determinantes, desliga-as. esse princípio de distribuição portanto, assemelha-se mais à um princípio de disparação como sistemas desses cortes aberrantes que se opõe a qualquer princípio de organização ou articulação<sup>23</sup>. quando o corpo quebra e se esquizografa como disparação e re-incorporação.

não quero essa hóstia na boca. recolho-me na quietude dessa falsa ficção, desse autoplágio que desmente qualquer verossimilhança com os códigos sociais que viscosamente passeiam por aí, anonimizando os corpos e matérias citadas sem necessariamente dotá-los de invisibilidade, mas sim de uma extração transvisível que não precise apenas referir-se unitariamente à estes corpos, podendo assim se tornarem partículas singularizadas que magnetizam um texto, tornando-o outro: um devir-texto ou uma quebra de corpo que alça o real - um menor-maior. não desejo demonstrar "tratamentos", mas talvez expor rastros dessa tal de clínica sem psicanálise, amarrando seus declives e conjunturas<sup>24</sup> para além de um puro retrato. não que isso seja se desviar da legitimidade destes porta-retratos próprios, mas trata-se de um exercício de movimentação dos retratos, um estilhaçamento contornante onde a unidade deste ao mesmo tempo em que se localiza, se quebra e desmonta - se anonimiza, torna-se público.

mas o anonimato nem sempre garante proteção - guarda o crivo do secreto que não se marca nessa troca que tanto insisto, apelo de sanidade daquilo que o outro vê em mim, da cegueira de minha desordem, do mais-encontro que tanto desejo e tanto derrapa entre a tua cara e esse rasgo em mim dito boca. sois estranha. tamanha. desespero, apreço e colagem que não acabam.

1 Psicóloga, mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP, no Núcleo de Estudos da Subjetividade. Doutoranda na mesma instituição. Autora do livro de ensaios *O Corvo e a escrivaniha* pela editora Via Verita: 2017. Investiga e tenta aproximar o trabalho clínico com o campo artístico, em especial, a literatura.

## O Silêncio e o Simulacro

Débora Lázaro<sup>1</sup>

Para um escritor

*Um dia você me disse que só escrevia pela manhã. Essas coisas de cabeça fresca, cabeça descansada, cabeça, cabeça... "Ao acordar tudo fica mais claro", emendou. Se você soubesse da vampirisse de todo Escritor, todos os seus livros seriam uma frase. Se você, que nunca leu Blanchot, se aventurasse na penumbra do vampiro Lobo – que finda um dos seus livros dizendo "porque aquilo que escrevo pode ler-se no escuro" – talvez você nascesse para além do que vê. Porque escrever, escritor, é encontrar numa voz uma boca, um nariz e um olho. E se assustar. Escrever é deixar a coisa decantar. Há que ter útero. Ser capaz de contrair e dilatar. Seu problema é excesso de luz e ruído, escassez de pergunta e dor. Um mergulho em você e acaba-se tetraplégico, escritor...*

*"O dia é legível. A noite é ilegível. Escritor é aquele que pode ler a noite."*

Marguerite Duras, respondendo à pergunta "Por que você escreve?"

É um retrato. Desses que compõem perfis em redes sociais contemporâneas. Nele, há um homem sorridente, o rosto meio de lado com bochechas salientes e dentes alvos. Um olhar brilhante. Um olhar que diz de uma alegria por possuir ali mais de quatro mil «amigos», número que, segundo as regras da própria rede, ó lhe permite agora acumular "seguidores". Eu sou um desses. Um dos sei lá mais quantos que veem esse homem sorridente «postar» notícias sobre seu ofício. Porque esse homem alegre não é do tipo que perde tempo com bobagens pré-ditas em redes sociais. Esse homem, dono de trasbordante alegria, fala, apita, divulga, merca e exalta seu ofício e, para isso, utiliza a tal rede social e seus mais de quatro mil amigos seguidores. E eu sou um desses. E assim sendo, só tenho acesso ao que esse homem sorridente publica de forma "pública" e o vejo, diariamente, vender seu produto e tudo o mais que gira em torno deste, como o que as outras pessoas sentem ou dizem que sentem sobre o seu trabalho, e tudo isso como forma de atrair mais pessoas a o consumirem, porque é assim na tal da propaganda boca a boca que a coisa cresce, e é sempre sob o olhar cuidadoso do dono que o boi engorda, essas coisas, você sabe como é ... Na foto que divulga o perfil do homem trabalhador comerciante sorridente, vale ressaltar, seu sorriso se congelou com os lábios entreabertos, as bochechas gordas ficaram comprimidas e seus olhos brilham numa alegria vítrea de peixe. Esse homem cintilante, repito, além de divulgar, vender e criticar seu próprio ofício, também é alguém engajado socialmente e, a julgar pela ausência de porosidade em sua face, não por motivações inominavelmente intrínsecas, viscerais, mas porque um tal engajamento contribui para ampliar sua imagem de bom moço, amparando seu modo de ganhar a vida e a felicidade, seu modo de brilhar. Esse homem alegre, sorridente, contemporâneo e adequado, esse homem de olhos vítreos de peixe, poderia ser dono de um restaurante de comidas exóticas na rua Padre João Manuel, poderia ser um agente de viagens em cruzeiros marítimos na Oceania, poderia ser um corretor de imóveis, um corretor de seguros de vida, poderia ser um Coach, cujo sinônimo

2 Coli, Jorge. *O que é arte?*  
São Paulo: Brasiliense, 2007.

3 Deleuze, Gilles. *A Literatura e a Vida*. In : *Crítica e Clínica*.  
São Paulo: Editora 34, 2011.

é ajustador de vidas que não se ajustaram, mas não é. Este homem de neon, este homem feliz e sorridente (insisto), absolutamente identificado com o mundo e suas parafernalias cibernéticas contemporâneas, cuja sombra parece ter sido ofuscada pelo excesso de brilho em que sua vida se inunda, é um escritor.

E a questão que aqui se coloca, a questão que persiste e se agiganta numa atmosfera de pura antipatia e asfixia, é que num mundo-cemitério, sintético, botoxilizado, num mundo cloridrato de sibutramina, a leitura de um livro situado no espaço literário é uma das raras possibilidades de se tocar em algo vivo. E não há outro motivo na escrita deste texto que não sejam a urgência e o desespero acumulados em minhas células nervosas para pensar o espaço artístico, mais especificamente o literário, como campo promissor de circulação de vida e o perigo de suas lesões contemporâneas. Lesões que me parecem oriundas, como bem pontuou o Jorge Coli<sup>2</sup>, da tentativa de "compensar pelo excesso e extravagância a ausência de seiva criadora". E, ao ser invadida por essa ponderação do Coli, corri o dedo nas páginas do dicionário mais próximo e estava lá:

Seiva (sei-va) s.f. 1. (bot): nutriente líquido que circula nas células dos vegetais;. 2. (fig) Força, energia, vigor.

E de que vigor se trata? Que força seria essa que, segundo Coli, parece não circular nas células de boa parte das excessivas criações artísticas de nosso tempo, da mesma inseparável maneira que parece não circular nas veias dos artistas que as produzem, que o escritor sorridente, iluminado e adequado anteriormente citado representa com incômoda precisão? Cabe ressaltar que a adequação aqui narrada como um problema não é uma vontade de enaltecer o estereótipo de bizarrice ou de pessoas "diferentes" que costumam sofrer os artistas, até porque corremos o risco de, apologizando o "estranho", cairmos no equívoco do mesmo, repetindo o já narrado como se anunciássemos uma louvável distinção. Mas, da mesma forma que um clichê é uma pedra fosca que em algum remoto instante incandesceu, o estereótipo é a cristalização equivocada de uma imagem com algumas gotas de verdade. E assim sendo, a fama que o artista goza de "diferente", embora no cenário artístico atual essa "diferença" não passe de mais uma simulação mercadológica, de mais um "tipo assim" contemporâneo, não é algo infundado, mas uma espécie de intuição coletiva de que o pintor, o escultor, o escritor são mesmo seres desconectados da engrenagem mundana comum, e essa desconexão pode fazê-lo olhar, pensar, viver e vestir-se de forma destoante sem que isso muitas vezes seja sequer sentido e menos ainda enaltificado ou visto como uma vantagem por ele próprio. A, muitas vezes, dissonante vida e presença do artista nada mais são do que o eco da existência de alguém que, como disse o Deleuze<sup>3</sup>, "do que viu, do que escutou regressa com os olhos vermelhos, os tímpanos furados" e daí, dessa "pequena e irresistível saúde", escreve, pinta, dança, esculpe. Chegou a hora de dizer que a Literatura, e qualquer outra manifestação artística, é uma tarefa não-normophática de saúde, (continuo com o Deleuze), porque "segue a via inversa e só se levanta quando descobre sob as pessoas aparentes a potência de um impessoal que, de modo algum, é uma generalidade." E já que entramos no impessoal, quero dizer que o escritor feliz descrito repetidamente nesse texto obviamente

4 Cândido, Antônio.  
*Formação da Literatura Brasileira - Momentos Decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.  
São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

5 Deleuze, Gilles. op. cit, 2011.

escreveu livros. E eu os li. Num desses livros, o protagonista narra, em linguagem quase jornalística, as desventuras de um casamento que durou quatro meses, resultando em um conturbado e holofotizado divórcio. Acontece que o protagonista, assim como seu autor, é um escritor. O protagonista, assim como seu autor, correu a São Silvestre. O protagonista, aliás, tem o mesmo nome e sobrenome do seu autor, que se também divorciou de forma conturbada e holofotizada, após quatro meses de união. E isso não seria exatamente um problema se essa forma literária, ou seja, o corpo do livro, que é exatamente a zona de estremeamento, a zona de encontro entre o leitor e aquilo que foi dito, se isso, justamente isso, não fosse alardeado sob as luzes de trezentas e trinta e três entrevistas que o seu autor, o tal escritor sorridente, concede, mídia afora, afirmando ser essa forma uma mera "técnica narrativa", transformando seu leitor em um algo experimental, um rato de laboratório ou qualquer outro instrumento científico do gênero. A forma como um fenômeno artístico é apresentado ao mundo é o que mais importa, não por razões estéticas (olha como eu escrevo bonito!) mas porque, dada a universalidade das grandes questões humanas, é o que o diferencia e o faz saltar da ordinariade, podendo propiciar aquilo que Antônio Cândido<sup>4</sup> nomeou, referindo-se à Literatura, mas, podendo estender-se a outros campos artísticos, de "comunicação inter-humana", e Blanchot preferiu chamar de *Conversa Infinita*, só possível por ser a arte o "aspecto orgânico de nossa civilização". A sedimentação, ou seja, a inserção de argamassa no terreno orgânico humano, o terreno artístico, esse espaço fulgurante de vibração, ocorre quando a seiva esgotou ou sequer existiu na corrente sanguínea daquele que se auto-elegeu alguém com altura suficiente para presentear artisticamente a humanidade. Pois talvez seja a seiva que distingue um diário de um Diário e transforma um relato corriqueiro, um enunciado, numa enunciação. É por isso que, ao ler um livro carente de vibração cujo conteúdo se mescla à própria vida de seu autor, ou melhor dizendo, um livro que espelha sua vida, ficamos na dúvida se estamos diante do resultado de uma força com vontade dialógica e, portanto capaz de nos deslocar para um desconhecido seio selvagem e vivo, ou se deparamos com mais um produto contemporâneo cujo intuito primeiro de fabricação é a auto-promoção, ou seja, a ultra-humana narcisista vontade de reconhecimento. Talvez por isso, ao terminar de ler o livro mencionado, estava com a mesma visão e o mesmo ângulo da mesma já conhecida, florida e gasta poltrona da minha sala. Nada de estremeamentos... Todo escritor, delírio, deveria escrever com um corvo empalhado sobre a escrivania. Um corvo necrófago e sua plumagem negra que o fitasse severo a cada tentativa mundana de escrever a partir da superfície e não das profundezas de um desconhecido. E se, para Merleau Ponty uma obra de arte é uma tarefa infinita que exprime o que existe e uma tal expressão não é uma imitação ou uma fabricação, muito menos a tradução de um pensamento já claro, só mesmo um corvo, um chapeleiro em transe, uma Alice perdida, ajudariam Lewis Carroll a cravar maravilhas sem sentido no imaginário da humanidade. A literatura, grita Deleuze no ensaio "A literatura e a vida", começa com a escrita, mas "só acontece quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos retira o poder de dizer "eu"<sup>5</sup>. É essa potência do impessoal que possibilita um Diário como o do Kafka, porque não se escreve com as recordações, mas estas passam pela escrita quando algo efetivamente se escreveu. Escreve-se quando algo vivo toca a

experiência e o homem então torna-se uma contradição de força e humildade capaz de plasmá-lo num papel. E esse pensamento me faz imaginar que as centenas de oficinas de escrita espalhadas mundo afora com a curiosa proposta de produzir escritores ensinando-os a escrever tecnicamente deveriam, ao invés de começar já prometendo a publicação de um livro com o trabalho de seus participantes ao final do percurso, iniciar entregando a cada candidato a escritor o seguinte poema do francês Jaques Prévert<sup>6</sup>:

### **Para pintar o retrato de um pássaro**

Primeiro pinte uma gaiola  
com a porta aberta.  
Depois pinte  
algo gracioso  
algo simples  
algo bonito  
algo útil  
para o pássaro.  
Então encoste a tela a uma árvore  
em um jardim  
em um bosque  
ou em uma floresta.  
Esconda-se atrás da árvore  
sem falar  
sem se mover...  
Às vezes o pássaro aparece logo  
mas ele pode demorar muitos anos  
antes de se decidir.  
Não desanime.  
Espere.  
Espere durante anos, se for necessário.  
A rapidez ou a lentidão do pássaro  
não influi no bom resultado  
do quadro.  
Quando o pássaro aparecer  
se ele o fizer  
observe no mais profundo silêncio  
até ele entrar na gaiola  
e quando ele assim agir  
delicadamente feche a porta com o pincel.  
Então,  
apague uma a uma todas as grades  
tomando cuidado para não tocar na plumagem do pássaro.  
Em seguida, pinte o retrato de uma árvore  
escolhendo o mais bonito de seus galhos  
para o pássaro.  
Pinte também a folhagem verde e o frescor do vento  
o dourado do sol  
e a algazarra das criaturas, na relva,  
sob o calor do verão.  
E então espere até que o pássaro decida cantar.  
Se ele não cantar  
é um mau sinal,  
um sinal de que o quadro é ruim.  
Mas se ele cantar é um bom sinal  
um sinal de que você pode assinar.  
Então, com muita delicadeza, você arranca  
uma das penas do pássaro  
e escreve seu nome em um canto do quadro.

7 Heidegger, Martin.  
*A origem da obra de arte.*  
Lisboa: Edições 70, 2008.

8 Blanchot, Maurice. Morte do  
Último escritor. In: *O livro por vir.*  
São Paulo: Martins Fontes, 2005.

9 Antunes, António Lobo,  
*Memória de Elefante.* Rio de  
Janeiro: Objetiva, 2006.

10 Brasil, Maria Regina.  
Silêncios em Memória de  
Elefante. In: *A escrita e o mundo  
em António Lobo Antunes.*  
Lisboa: Dom Quixote, 2004.

Se - somente se - o pássaro cantar, escrever seu nome no canto...  
O poeta refere-se a um quadro, mas fala numa tacada só de todo  
empreendimento artístico. O poema sugere, para o acontecimento  
de uma obra, uma difícil, contraditória e, acima de tudo, humilde  
passividade ativa que não prescinde de certo talento, afinal, há que  
saber pintar a invisível algazarra das aves da relva...

E quando Heidegger tentou pensar a origem da obra de arte<sup>7</sup>, não  
o fez para ajudar os marchands a engordarem os valores das obras  
que mercam ou para aumentar o prestígio dos sapatos surrados  
que o Van Gogh inúmeras vezes pintou. Mas por compreender,  
depois de muito interrogar-se sobre o Ser, sobre o efetivo "é" que  
se esconde, aparentemente resolvido, em cada enunciado, que algo  
acontece na obra de arte que diz do enigma da vida.

Roland Barthes, no ensaio "Aula", derrama todo o seu amor pela  
literatura dizendo que esta assume muitos saberes e nos lembra  
que, num romance como Robinson Crusoé, só ali, há todo um  
saber histórico, geográfico, social, técnico, botânico, antropológico  
e que assim, se todas as disciplinas tivessem de ser expulsas do  
ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva,  
porque todas, absolutamente todas as ciências, estão presentes no  
monumento literário. E assinala que, mais do que comportar em  
si esse punhado de saberes, não se encerra neles, principalmente,  
porque a ciência, alerta, é grosseira e a, vida, sutil. E é para  
corrigir essa distância que a literatura existe como discurso não  
epistemológico que não simplesmente utiliza a linguagem, mas a  
engrena no rolamento da reflexividade infinita.

### O Silêncio e A Fala Muda

Maurice Blanchot, no ensaio "A morte do último escritor"<sup>8</sup>, imagina  
um mundo onde "o pequeno mistério da escrita", a "fala eminente  
das obras" desaparecesse por completo. O que nos aconteceria?  
Quais as consequências dessa mudez? E alerta que, para nossa  
surpresa, a um tal emudecimento, que supostamente resultaria  
num silêncio (já que estamos falando de vozes que se calariam), nos  
faria desembocar no extremo oposto: numa fala. Ou melhor: num  
vazio falante. Por ele descrito como:

*"...um murmúrio insistente (que nada acrescenta ao grande  
tumulto das cidades), indiferente, o mesmo para todos, sem  
segredo, que parece dizer algo enquanto talvez não diga nada,  
uma falsa fala que não se ouve."*

Noutras palavras, o que se cala quando a literatura se cala, é o  
silêncio. Porque "o livro verdadeiro", continua ele, "tem sempre algo  
de estátua. Ele se eleva e se organiza como uma potência silenciosa  
que dá forma e firmeza ao silêncio e pelo silêncio."

O escritor português António Lobo Antunes iniciou sua carreira no  
ano 1979 com o livro *Memória de Elefante*<sup>9</sup>, livro-marco em minha  
existência porque, creio eu, me fundou enquanto leitora. Nesse  
livro, dizem os críticos, o protagonista é o alterego do próprio Lobo  
Antunes, uma vez que, como este, também é psiquiatra, também é  
divorciado, também tem duas filhas, também participou da guerra  
de Angola. O livro em questão, assim como *Mrs. Dalloway* de  
Virginia Woolf (declaradamente uma de suas influências literárias),  
é a narrativa de um único dia na vida do médico protagonista, que  
se encontra perturbado no vaivém oscilante entre o seu passado

11 Ponty, Merleau. A dúvida de Cézanne. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultura, 1980.

12 Blanchot, Maurice. A morte possível. In: *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro, Rocco, 2011.

(as lembranças da mulher amada que perdera e dos tortuosos momentos vividos na guerra) e do seu momento presente no hospital psiquiátrico em que atua e que rejeita. Há centenas de trabalhos acadêmicos a respeito desse livro, bem como da extensa obra do escritor português e num deles, intitulado "Silêncios em Memória de Elefante"<sup>10</sup>, Maria Regina Brasil está consciente de que silêncio não é ausência de comunicação, e o sai caçando nessa obra que, segundo a mesma, grita ao longo de cento e noventa e oito páginas o silêncio-memória, o silêncio dos homens, o silêncio-repressão, o silêncio-fantasma, o silêncio-ocultação, o silêncio-solidão, o silêncio-saudade, o silêncio-comunhão, o silêncio-existencial, e pontua que não há fim na quantidade de silêncios, ou seja, espaços habitáveis dentro dessa narrativa que não se distingue pela sua autenticidade, mas pela capacidade que atinge enquanto obra de alargar e deslocar aquele que a lê. E não é o caso de falar aqui de cada um desses silêncios, mas talvez de falar da minha experiência como leitora, algo similar a uma travessia ou um atravessamento, a uma corporificação da angústia, da dor e do sofrimento do protagonista, o que me fez terminar o livro em completo estado de mudez que era também um tremor inseminado, um sopro vivo que me conduzia a cantos familiarmente desconhecidos.

Diz Marilena Chauí<sup>11</sup> que, para Merleau-Ponty, a grandeza de uma obra não se mede por sua eficácia, mas sim por sua fecundidade. Fato impossível de explicação que a autora tenta descrever neste trecho do ensaio:

*"Preguiçosamente começo a ler um livro. Contribuo com alguns pensamentos, julgo entender o que está escrito porque conheço a língua e as coisas indicadas pelas palavras, assim como sei identificar as experiências ali relatadas. Escritor e leitor possuem o mesmo repertório disponível de palavras, coisas, fatos, experiências, depositados pela cultura instituída e sedimentados no mundo de ambos. De repente, porém, algumas palavras "me pegam". Inseparavelmente, o escritor as desviou de seu sentido comum e costumeiro e elas me arrastam, como num turbilhão, para um sentido novo, que alcanço apenas graças a elas. O escritor me invade, passo a pensar de dentro dele e não apenas com ele, que se pensa em mim ao falar em mim com palavras cujo sentido ele fez mudar. O livro que eu parecia dominar soberanamente apossa-se de mim, interpela-me, força-me a passar da língua falada à língua falante, arrasta-me do instituído ao instituinte."*

(eco)

A grandeza de uma obra não se mede por sua eficácia, mas por sua fecundidade.

A grandeza de uma obra não se mede por sua eficácia.

A grandeza de uma obra não se mede.

E, agora, ao ser invadida por esta ponderação do Ponty, tal qual o fiz no início deste ensaio a procura da palavra seiva, corri o dedo nas páginas do dicionário e estava lá:

Eficaz: adj.: 1. Que produz o efeito esperado; argumento eficaz, remédio eficaz. 2. Que é eficiente, competente, capaz; funcionário eficaz, mecânico eficiente.

(silêncio)

13 Blanchot, Maurice. Morte do Último escritor. In: *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

14 Proust, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

15 Marilena Chauí, no ensaio Merleau-Ponty: o que as artes ensinam à filosofia, abre um espaço para falar o que está em jogo no que chama advento. Diz ela, "O advento é aquilo que, do interior da obra, clama por posteridade, pede para ser acolhido, exige uma retomada porque o que foi deixado como herança, torna-se doação, o dom para ir além dela. Há advento quando há obra, e há obra quando o que foi feito, dito ou pensado dá a fazer, dá a dizer e dá a pensar." Chauí, Marilena. Merleau-Ponty - O que as artes ensinam à filosofia. In: *Os filósofos e a arte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

16 Pécora, Alcir. *O inconfessável: Escrever não é preciso*. <http://sibila.com.br/critica/o-inconfessavel-escrever-nao-e-preciso/3977>

17 Lorrie, Moore. How to become a writer. In: *An Introduction to Short Fiction*. 6th Ed. Boston: Bedford/ St. Martin's, 2003.

18 Pelbart, Peter. *Viver não é sobreviver: para além da vida aprisionada*. <http://www.redehumanizausus.net/63635-viver-nao-e-sobreviver-para-alem-da-vida-aprisionada-segunda-parte>

Quando escrever é descobrir o interminável, o escritor que entra nessa região, não habita a expectativa de uma eficácia, nem caminha para um mundo mais seguro, mais belo, mais justificado, onde tudo se ordenaria segundo a claridade. "O que fala nele", diz Blanchot<sup>12</sup>, "é a decorrência do fato de que de uma maneira ou de outra já não é ele mesmo, já não é ninguém." O escritor, quando cai sob o fascínio do publicar, quando isto vem antes de qualquer outra relação que ele possa ter com sua escrita, fazendo-o conduzir a própria vida numa claridade incessante e colocar o ato de escrever como uma atividade ôntica qualquer, é como um publicitário fantasiado de artista e corre o sério risco de publicar o que nem sequer foi escrito. Blanchot<sup>13</sup> chama isso de "a extraordinária confusão que faz com que o escritor publique antes de escrever, que o público transmita o que não recebeu e que o crítico julgue e defina o que não leu."

A vaidade e a vontade de reconhecimento não são (privilégios) apenas dos artistas contemporâneos e, se Proust<sup>14</sup> ou Céline vivessem nos dias de hoje, provavelmente, teriam seus perfis (sorridentes?) em redes sociais e usariam as ferramentas tecnológicas a seu favor. Sim. Mas ficaria a pergunta: teriam eles produzido o que produziram? Obviamente, não. Eles seriam deste tempo. O mergulho da madeleine do Proust e a viagem por ele empreendida ocorreriam na velocidade de um *click*. E a busca do seu tempo perdido seria uma narrativa, provavelmente, de duzentas páginas. Então, não é essa a pergunta... Não é essa a questão que ruma neste texto... Mas, talvez, esta: o que está em questão na obra, no que empreende o movimento artístico, em suas mais variadas facetas, ou seja, aquilo que acontece na obra, o advento<sup>15</sup>, é possível de acontecer na velocidade e na luminosidade, no rumor, no ruído e no espelhamento a que estão submetidas as existências contemporâneas? Estaria o crítico literário contemporâneo Alcir Pécora<sup>16</sup> correto ao afirmar que vivemos hoje, no campo literário, um "maquinismo fabril-escriturário que tem como desfecho um mar de escritos" que, geralmente, nada dizem? "Escrever não é preciso" afirma, sarcasticamente, o crítico em seu ensaio e diz que escritor "sério", uma raridade contemporânea, é aquele que "busca resistir à vulgarização do escrito." Porque, segundo ele, "exatamente porque escrever não é preciso é que escrever pode ser tudo menos uma atividade como outra qualquer". E isso me parece consoante com o Lorrie Moore em seu texto "How to become a writer"<sup>17</sup>, onde diz: "Primeiro, tente se tornar outra coisa. Qualquer outra coisa". E também com as palavras de Deleuze em seu *Abecedário*, onde diz: "Escrever é devir qualquer coisa, menos escritor". E também com Vigínia Woolf que, quando interpelada sobre por que escrevia, falou: "Escrever? O escritor está preocupado com outra coisa..."

Heidegger tentou pensar a arte como um pensamento que resiste a uma doutrina constrangente e também a uma produção cultural válida. É como se ali houvesse algo de inadvertido, algo que surge na contramão do programado. Então há que estranhar o lado festivo, gregário e ruidoso de "nossos artistas", há que estranhar uma "balada literária" e de certo modo suspeitar se a maioria dos escritos contemporâneos anunciados como literatura não seriam provenientes do lugar populoso que o Peter Pelbart<sup>18</sup> denomina "massa" em contraponto à ideia de multidão. Esta, alerta ele, um

19 Pessanha, Juliano Garcia. A província da Escritura. In: *Certeza do Agora*. São Paulo: Ateliê Editorial. 1996.

20 Sartre, Jean Michel. *Que é literatura?* São Paulo: Editora Ática, 2006.

*"espaço plural onde se reúnem forças como: vitalidade constituída de linguagem, inteligência coletiva, inventividade, afetação recíproca, sensorialidade alargada. Um lugar onde se tenta conjugar o comum e a singularidade."*

Cabe mesmo suspeitar se, seguindo o pensamento do Peter, não estaríamos predominantemente diante de artistas governados pelo "Biopoder", que seria o poder sobre a vida assaltada pela ciência, pelo capital, pelo Estado, pela mídia, e não regidos pela "Biopotência", isto é, a potência da vida, "a potência primeira que goza de força soberana e constitutiva, inaugural e indomável, que o Biopoder percebe e sobre a qual se constrói e se ancora."

Talvez por isso, por nos encontrarmos diante dessa inversão de fundamentos, é que presenciamos inversões menores e não menos catastróficas como o lugar dado à crítica literária de nosso tempo. Não que nunca tenha havido, na história da humanidade, amizades ou mitiês, entre críticos e artistas, mas é deduzível que, à medida em que um livro, um quadro, uma escultura sejam vistos primeiro e, às vezes, exclusivamente, como um produto a ser comercializado, o aval, o aplauso e a chancela de críticos reconhecidos passem a ser o carimbo legitimador, o certificado ISO 9000, o selo do Inmetro para as questionáveis "obras". Mesmo que, como bem sinalizou Juliano Pessanha referindo-se à literatura no ensaio *A Província da Escritura*,

*"A língua da escritura é a língua da palavra despencada e a palavra despencada desdiz a palavra industrializada, a palavra cultivada e a palavra prostituída", e assim sendo, continua "não há negociação, nem mútua cooptação entre a palavra normalizada e a palavra que desabou".<sup>19</sup>*

Releio isso e penso, dentro de um talvez: É mesmo de joelhos o lugar da crítica ante a obra, porque esta é qualquer coisa desobrigada de acontecer e, quando acontece, ao contrário daquela, não é sustentada por nada, por nenhum solo, nenhum fundamento, é vibração que se sustenta e se justifica por si. Um presente dos mares e suas profundidades desconhecidas, por vezes revoltos, por vezes repletos de feras, cujo artista mergulha com o possível de um arpão e quando volta (se volta) com algum achado, retira o excesso de algas, seixos e sal e o ergue como presente. Aos críticos, nessa aventura de busca, com todo respeito à sua ôntica tarefa, coube o cais, a terra firme ou o convés de algum navio, a passeio, em alto mar. Não se tem notícia de críticos suicidas... Já não podemos dizer o mesmo de Hemingway, Sylvia Plat, Virgínia Woolf, Florbela Espanca, Pedro Nava, Anne Sexton, Camilo Castelo Branco, Yoklo Mishima, John Berryman, Sandor Marai... A morte, comungam o Blanchot e o Heidegger nesse quesito, ronda a tarefa de vida da arte. De modo que, por exemplo, escrever - equivoca-se a nossa Academia Brasileira de Letras e seus substituíveis "imortais" - nada tem a ver com imortalidade, embora o resultado da arte, não o artista, persista ao tempo. Morre o autor, não a obra. Mas imortalidade, ou vontade de imortalidade, não é o terreno em que parece se mover o artista verdadeiro, este que toca porque foi tocado. Este desconhece por completo a "má-fé" sartriana, porque toma para si a responsabilidade com a vida<sup>20</sup>. Este parece conhecer o conviver, com ou sem malogro, na presença diária do fim. A tal "decisão antecipadora da morte", disse Heidegger, que nada tem a ver com querer morrer, mas o contrário: com o partir sereno, só alcançado por aqueles que verdadeiramente viveram.

# Geoestética: notas introdutórias para uma geografia da arte

Claudio R.O Cavargere<sup>1</sup>

1 Possui graduação em Ciências Sociais - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2019). Atualmente cursa mestrado em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-SP. Tem experiência na área de Antropologia e Filosofia, com ênfase em Antropologia da Arte, Estética e Filosofia da Arte, Filosofia e Literatura e Filosofia das Ciências Humanas, atuando principalmente nos seguintes temas: mito e rito, erotismo, arte e literatura.

2 Ver Van Gogh, V. *Cartas a Theo*. São Paulo: L&PM, 1997.

3 Deleuze, G; Guattari, F. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010, p.197.

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo traçar novas linhas de pensamento em direção a uma possível geografia da arte. Para tal intento, longe de esgotar o artista, e mesmo o leitor, em periodizações sucessivas no tempo, em biografias ou pertencimentos acadêmicos, busca-se aqui fazer resvalar a obra de arte em toda sua força cartográfica, percorrendo mais seus caminhos de composição vital em direção a uma territorialidade que a regras e atributos que nos permitiriam classificá-las em nome de uma historicidade.

*[...]será que o que se passa no domínio da escrita não é desprovido de valor se permanecer 'estético', anódino, privado de sanção, se nada houver, no fato de escrever uma obra, que seja um equívale (e aqui intervêm uma das imagens mais caras do autor) daquilo que é para o toureiro o chifre acerado do touro...?*

Michel Leiris

O *tableau blanc* se enuncia sobre o artista, incita-o ao crime, à marcação. Tudo do que sempre esteve aí ainda lá se encontra, à guisa de expressão. Infinitas forças que digladiam arrastam o quadro para o ponto mais longínquo de si mesmo, seu fora. Tudo depende de um primeiro corte, um primeiro golpe – abrupto, súbito; em suma, um só e único golpe de vista<sup>2</sup>. A violência do corte traça um plano de composição sobre o caos, restituindo, do finito, o infinito. São os tracejados agulhantes do pincel, suas cores, que arrastam as linhas às figuras, essas forças expressivas de blocos de sensações – compostos de perceptos e afectos. Independentes do artista, de suas percepções vividas, mas igualmente do espectador, quicá ávido de opiniões e juízos sobre o que deveria, ou não, ser a arte, os blocos de sensação transbordam e atravessam como flechas as delimitações do quadro, arrebatando e deformando por sua força gravitacional as leis métricas do vivido. A pintura, como um composto de caos - caosome - escarifica e fende a percepção conhecida, atropelando-a e violentando-a em direção à potência do infinito.

O artista, esse produtor de novos afectos e perceptos, cria composições abertas aos movimentos infinitos das forças abismais da vida, tracejando linhas de força pululantes nas danças expressivas do cosmos. Mas, diferente do que se imagina, não é fácil erigir um monumento, concatenar as extensões de uma moldura: é preciso violentar a matéria, constrangê-la às forças cósmicas que a cortam e a perfuram; só assim a matéria pode tornar-se matéria expressiva – percepto extraído da percepção; afecto extraído da afecção. Aqui, o sustentado tornar-se sustentação, e o material não possui razão de ser senão enquanto força, sensação que se conserva a si mesma "na eternidade que coexiste com essa curta duração"<sup>3</sup>.

Ora, é de toda uma solidez, uma consistência, que se trata. Como ser de sensação, monumento de sensação pura, a figura estética encarna e expressa o próprio devir, a multiplicidade de forças singulares não humanas que atravessam o humano, as paisagens não humanas da natureza. Para passar do finito ao infinito, é de toda uma junção de planos, extensões, molduras que se trata. Daí, toda uma nova política dos relevos, toda uma arquitetura. Para liberar a vida ali onde ela se encontra aprisionada, não bastam somente blocos, monumentos vazios, é toda uma base que se sustenta. Vertendo matéria em matéria expressiva, extraíndo a sensação pura das percepções e opiniões, a abertura para o caos, para as forças expressivas e violentas da vida, não poderia subsistir sem uma espécie de filtro – ou melhor, de um princípio seletivo. É algo como uma casa, uma arquitetura inerente a toda arte que se forma a partir da junção destes planos, dessas extensões, como paredes horizontais e verticais, projeção de ângulos, forças geométricas, molduras que são como "muros, mas também solos, portas, janelas, porta-janelas, espelhos", e que não tem outra função senão possibilitar ao monumento de sensações manter-se por si mesmo<sup>4</sup>.

Uma casa é já um território, um perímetro, um rasgo. O sistema território-casa inscreve, produz, filtra, agencia o jorro de forças colorantes, as tonalidades inaudíveis, as linhas abstratas e cosmogénicas que varrem sua circunscrição. Função desagantivada em traço de expressão: *ready-made*. E se o território é mais o que abre que o que fecha, ele todo já retalhado, poroso, escarificado em sua origem, a multiplicidade de molduras e a infinidade de extensões que ele trata de juntar já são elas mesmas atravessadas por outras molduras e extensões. É todo um coágulo variável e processual de curvaturas que se ligam e conectam apenas para pulverizarem-se novamente em agenciamentos outros, em conexões variáveis, variadas. O sistema território-casa já é ele mesmo cósmico, aberto e atravessado pelo múltiplo de universos possíveis que ora se articulam, formando constelações, ora se canibalizam, fragmentando-se em novas nebulosas, cortinas de poeira estelar – caosmos. Aqui, o enquadramento da moldura não é senão um desenquadramento, uma curvatura variável, uma espessura esparramada segundo linhas de fuga que o desterritorializam: o território é ele próprio o desterritorializado.

Mas também se traça um perímetro, faz-se também um território, para engendrar a luta, para fazer a guerra. Guerra não necessariamente contra um outro, mas consigo próprio, ou melhor, contra si enquanto outro. Se a figura estética encarna o acontecimento ele mesmo, é porque ela constringe a matéria à sua desconfiguração, à sua reelaboração enquanto matéria expressiva, a uma funcionalidade outra, para então dela produzir o ser puro da sensação: o percepto fora da percepção, o afecto fora da afecção. Daí a necessidade do enquadramento, da moldura das forças, suas extensões e planos múltiplos articulados em constelações entre si. Mais do que um encerramento, uma clausura, a moldura é uma porta entreaberta para o cosmos, essa curvatura variada ao infinito, esse "plano vetorial abstrato" em que correm as mais variadas forças: forças geométricas, azulantes, gravitacionais, planificadas etc. A moldura, e o processo de seleção que engendra, é ela mesma um posicionamento, uma tomada de posição em uma dada relação de forças. Se a arte não é julgada como melhor ou

pior em relação à um juízo abstrato fundante, é porque seu juízo é interno, ou melhor, auto-sustentado, dado pela própria vida. Foi de sobreabundância ou de fencimento de vida que algo foi criado? Que vida esta arte cria? Com quais forças ela se alia? Ela se assenhora e nutre as forças, ou delas se aparta, as domina de forma autofágica? Um território implica já um parentesco, uma rivalidade promissora, uma troca, ou já mesmo uma dominação, uma colonização, uma escravização das forças – um Estado.

Um território é sempre já um parentesco porque o artista é ele mesmo sempre um afim, um rival, um guerreiro – atleta - na comensalidade e na aliança das forças cósmicas que o recortam e atravessam. Afim e parente da obra que dele se afasta, o artista é sempre obrigado a tomar um lado, incitado desde sempre à cumplicidade com a força que ele expressa e experimenta. Não nos enganemos, se a arte é sempre composição é porque ela já é sempre uma estratégia, uma munição de guerrilha ou um canhão de exército. É com Ahab ou com Moby Dick que se alia Melville? Ou a distinção ela mesmo já não importa, por que a força oceânica da baleia já nos arrastou a todos sob seu jugo maldito? São as forças marítimas e oceânicas ou são as forças itinerárias e comerciais aquelas que exigem nossa afirmação? É por Teseu e as forças nostálgicas de retorno ou pelo Minotauro e seu atravessamento térreo que somos arrebatados quando selecionamos este ou aquele plano de composição? Os traços vetoriais de composição são eles mesmos traços de modos de vida, possibilidades de existência. Não são as forças que são boas ou más, mas sim a moldura e a composição que é forte ou fraca, interessada ou desinteressante, parente cruzado ou sovina.

Corpo, território, cosmos; figura, moldura, composição. Ora, mas como esse sistema funciona? Como se dão suas relações? Como se traçam figuras, enquadram-se molduras, corta-se uma composição? Como se articulam esses três elementos, essas três fases, que são menos fases sucessivas no tempo que uma sobreposição de forças? E como falar disso em pintura?

No classicismo, a matéria não adensa na sensação, tornando-se matéria expressiva, mas antes responde a uma forma, representa e alude a uma substância. Como o pensamento platônico, que erigiu uma imagem dogmática de pensamento, onde a solução de um problema rememora uma essência já vivida onde possa se reconhecer, codificando o pensar na dualidade modelo e cópia, falso e verdadeiro, o classicismo impõe um gosto estético calcado na codificação de imagens de sensação, moldes dicotômicos entre o belo e o feio, o real e o imaginário, onde a imagem, assim como a reconhecimento no pensamento, deve representar uma supra-realidade que lhe confira veridicidade. A arte é centralizar, distribuir, hierarquizar substratos de matéria para que delas se extraia a melhor forma, a mais real. O artista "ventila os meios, separa-os, harmoniza-os, regulamenta suas misturas, passa de um a outro"<sup>5</sup>.

Toda uma distribuição do espaço se faz necessária para representar objetivamente o real: as forças geométricas são separadas e classificadas equilibradamente entre o espaço da tela, incorporando a profundidade. Os cortes ortogonais atravessam o quadro de forma a lhe darem um fundo, uma tridimensionalidade. É do fundo que se trata, de uma nova profundidade. Todas as figuras são

ordenadas e controladas por parâmetros geométricos, equidistantes e equilibradas entre si, de forma a ensejarem uma harmonia universal, uma Unidade Geométrica estável. A disposição das figuras no espaço, agora tridimensional, resvala o contraponto figura-fundo, este só adquirindo solidez pela contraposição regular entre as partes de cima e de baixo do quadro. Forças geométricas de um plano de composição unitário, harmônico, emolduram os planos de forma homogênea, respondendo às coordenadas extensivas do quadro. A junção das extensões verticais e horizontais recuam e condensam todo o quadro em seu centro, canalizando na figura central o montante de forças gravitacionais que antes passavam esvoaçadas.

O centro é o campo gravitacional do quadro. Recuado em sua profundidade solene, é ele quem distribui as proporções, os movimentos, os eixos e as direções de órbita da constelação de elementos. As forças vetoriais de composição, longe de serem abstratas, são aqui milimetricamente calculadas em direção ao horizonte do quadro: são diagonais, círculos, elipses que dão ao espaço uma extensão infinita – não um finito que leva ao infinito, mas um infinito reproduzido matematicamente no finito da moldura. É todo um corpo mecânico que vemos se anunciar, se distribuir, se recortar e classificar em funções e proporções orgânicas. O que vemos é a origem do cérebro, do córtex, da medula espinhal, verticalizados e hierarquizados pelas ranhuras e capilaridades nervosas que percorrem e coordenam o bom funcionamento do corpo. De Da Vinci a Rafael e Michelangelo, é a anatomia que inscreve formas na matéria biológica. Com os mecanismos e os moldes pré-estabelecidos deste arquiteto universal denominado Deus, a arte é a estética mecânica de um corpo orgânico feito à sua imagem e semelhança. Engenharia, mais que Arquitetura, polígonos mais que figuras, templos e santuários mais do que casas. Do artista-engenheiro, "seu único grito é Criação! a Criação! a Árvore da criação!"<sup>6</sup>

Foi preciso muito tempo até voltarmos à Terra. Contra a mecânica celeste da verticalização geométrica, o romantismo nos coloca de novo na Terra, ele nos territorializa. Mas aqui, a terra ainda é um fundamento, um fundo, e todas as expressividades cósmicas nada mais são que suas propriedades variantes. A distribuição violenta das formas atravessa o quadro, perfurando-o de cor. A sensação é terrosa, terrestre, nos puxa em seu movimento colossal, mas ainda não se separa da percepção, da afecção. A paisagem é magnânima, gigante, a tal ponto em que as coordenadas não mais fazem que girarem loucamente para fora de si, fora de órbita; mas ainda é uma paisagem do homem, vista pelo homem. As forças gravitacionais são liberadas pelo movimento avassalador de linhas que se entre-atravessam, refratam sob o jugo das cores. As manchas substituem os polígonos, as rajadas de cor libertam as sensações – do artista. Aqui é o movimento que toma forma, deforma, se impõe. As cores nada mais são que variações contínuas arrastadas pela violência de uma mesma sensação em movimento que invade todo o quadro: a sensação-terra.

Como em Turner, são os movimentos terrestres que nos fendem e nos deslocam em sua rotação agressiva: forças colorantes, moventes, como lufadas de vento ou tempestades. Já não há mais centro, o centro é a própria terra em seu impulso, em sua

7 “É no corpo que algo se passa” (Deleuz, 1995, p. 13).

8 Ver Glowczewski, B. *Devires totêmicos. Cosmopolítica do sonho*. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

velocidade rotativa. Mas como nos demonstram Deleuze e Guattari (1997), no romantismo, é ainda todo um povo que falta. Presos no movimento rotacional da Terra, os românticos atolam e afundam em seu enraizamento. Ainda é um fundo, um fundamento que vemos se elevar, mesmo que não mais celeste. Com figuras manchadas por excesso de força, de rudeza, como a crosta terrestre, os planos e extensões são deslocamentos móveis de um plano de composição terroso que leva ao abismo: fundamento que não vem de cima, mas de baixo, do subterrâneo.

Como no grito de Artaud, é na arte moderna que vemos o calor onde a vida enlaça suas forças. É nela que a matéria expressiva permite entrever forças não visíveis por si mesmas. Longe de um fundamento, de uma Imagem Verdadeira, é toda uma nova densidade que vemos irromper. Trata-se de voltar à Terra, sim, mas não para nela se afundar, mas para povoá-la de movimentos nômades, povos ainda porvir, hordas autóctones que a recortam em direções múltiplas. A Terra, aqui, é mais movimento que base, mais fluxo que solo, desterritorializando e reterritorializando territórios em suas cartografias infinitas. A Terra é já um cosmo, uma galáxia atravessada por territórios infinitos que se cortam, recortam, condensam e pulverizam. Um território é já um contraponto melódico de outra melodia, ela mesma, talvez, um tema harmônico articulado e atravessado por tons polifônicos, dodecafônicos, de uma composição sinfônica incessante.

É em Van Gogh que as manchas atingem sua potência disruptiva, levando os movimentos infinitos contra as próprias forças racionalizadas do quadro, encarnando ali o próprio acontecimento, a vitalidade sinistra de uma natureza aberrante. As cores são como lampejos fugazes, linhas de descarga elétrica que iluminam até à cegueira. As forças luminescentes atingem as forças gravitacionais ondulantes, serpentinas, deformando em seu campo até mesmo a luz, o som, o ar. Dos girassóis, vemos apenas a força solar de um amarelar pujante, puro elemental desterritorializado da Terra, cortando o céu em uma fractalidade cósmica, não mais celeste, verticalizada. É toda uma crueldade que vemos se desenrolar para libertar o corpo de seu funcionamento orgânico, para destroçá-lo e esquartejá-lo ainda uma vez mais em direção aos cortes intensivos da composição. Mutilando seu corpo para oferecer sua orelha aos deuses, Van Gogh liberta os elementais para com eles fazer um pacto: sair do caos para entrar na caosose, no plano de composição de caos, no caos composto, para ali então arrebatarem e exprimirem sua força magmática, térmica, atmosférica, geológica, oceânica.

Sacrificando seu corpo terrestre para assumir o solar, Van Gogh libera as forças intensivas da vida para uma funcionalidade não-orgânica, para uma não-funcionalidade de um corpo furado - um corpo-passagem<sup>7</sup>. Um corpo sem órgãos, desorganizado e ultrajado para fora de toda organicidade; um corpo-absinto, esquizo, de conexões múltiplas em que a nervura cerebral se dobra, torce e retorce, abrindo caminhos outros, ranhuras, limiares e curto-circuitos, este é o corpo de Van Gogh. Vincent é já um índio pois sua casa é já uma oca, malocas moventes de um corpo deslocado, estrangeiro em si mesmo, agenciador de territórios sempre escassos dentre as estradas em que passa. Vincent, um germe de cosmo atravessado pelo caos; Vincent, um comedor de terra e de tinta.

Na arte moderna é o peso que conta, a densidade, a presença da imagem. Contra a imagem representativa, a imagem da semelhança, reconhecimento vertida em pintura, sobre-implicação visual, a arte moderna faz irromper as imagens-força<sup>8</sup>, o puro devir não humano do homem: devir-animal, devir-mineral, devir-vegetal, aquífero. São sonhares, rastros cósmicos de forças intensivas, deuses, sono sem sonhos, embriaguez dionisiaca. São imagens icônicas, diagramas, figuras que se liberam de sua forma e permitem o surgimento do figural, do desregramento, da deformação, do informe. Como um pensamento sem imagem, que força as faculdades ao funcionamento desregrado de si mesmas, ligadas cada uma por sua própria diferença – heterogênesse – o figural abre o dissonante e o disjuntivo no corpo-sentido. Van Gogh sem orelha é já o ouvido do olho, da boca, da mão, para fazer ver o invisível, escutar o inaudível. A mão liberada do corpo é já um devir-manual, traços livres e deformados, emaranhados de linhas históricas que constroem a figura a uma diferenciação, a um figural sem semelhança.

As linhas e forças diagramáticas escarificam as figuras, perfuram como lanças e flechas, forçando-a ao vazamento, para o além da figuração, da narrativa. Há todo um grau de queda, de dilatação. Diante da pluralidade sensível justaposta, a própria figura é esgarçada ao seu fora mais íntimo, ao seu mais tenro ser colocado no exterior de si mesmo. A pura figura não diz nada, não é, mas está, se presentifica como força. Frente à invasão irracional de traços, de pinceladas largas e espessas colocadas quase ao acaso, ao sabor da contingência, é todo um involuntário da natureza que vemos se apresentar. Ora, é da vida que se trata; e se o diagrama nada mais é que uma confusão sistemática de linhas e zonas, de atmosferas outras, extraindo da figura seu figural não-representativo, é só para ali fazer emergir a vida em sua potência catastrófica, em sua possibilidade infinita de criação de novos modos de existência – puro devir.

Como na arte abstrata, o fundo já não é mais fundo, mas distanciamento, corte contínuo de figuras lineares, circulares, espiralares, todas abrigadas em seu seio. Se o fundo vibra, é porque ele já é superfície cavada, vazio colorido e colorante de forças elas mesmos invisíveis: rotação, germinação, duração, gravitação, tempo. Do fundo, só tensões lineares, linhas abstratas e setentrionais disparadas do abismo. Se não há mais fundo ou fundamento, é porque faz-se ver, como em Bacon, a queda, o decaimento, o "baixo", a "superfície esburacável", o plano de composição que "ganha espessura enquanto o material sobe independentemente da profundidade", fazendo "subir, acumular, empilhar, atravessar, sublevar, dobrar"<sup>9</sup>.

Só há um plano de composição: o estético. E se passamos esvoaçados por entre diversas configurações e composições artísticas não foi para delas fazer história, mas sim geografia. Uma composição é sempre um território, uma territorialidade: geografia. Mais do que esgotar as etapas sucessivas de um tempo histórico, o percurso da arte é visto aqui como flanagens de hordas nômades que atravessam um deserto, Warlpiris e aborígenes traçando perímetros, criando monumentos em terra fértil, compondo o caos e as forças da vida. Se o barroco está já para o expressionismo

e o abstracionismo, e o romantismo para o classicismo e o renascimento, não é por sua familiaridade representativa, por suas substituições e avanços tempóreos, mas pela forma como compõem suas forças para habitar e povoar um deserto, um espaço múltiplo em singularidades e possíveis que só podem ser experimentadas no corpo e pelo corpo - corpo intensivo.

O território produz e marca passagens, metamorfoses, variações alotrópicas de cantos, cores e gestos. A arte geográfica é já ela uma ética, uma saúde, um instrumento para traçar linhas de vida, mas também já uma política, uma máquina de fazer a guerra contra a representação e a reconição do pensamento, contra um corpo orgânico e codificado em funções e órgãos sensitivos que não servem senão para estabelecer modelos, parâmetros transcendentais do Verdadeiro e do Belo. Se Dionísio aceita a composição e o germe de ordem, sua força de acontecimento agora incarnada, é só porque o corpo possuído não é senão o de Apolo decapitado.



1 José Pedro Thi. Gresa é pessoa não binária, artista da performance, pesquisador, professor de artes, e orientador de processos criativos. Desenvolve pesquisas sobre performance, gênero, novas estéticas e as genealogias de performance. É graduado em Artes do Corpo (PUC/SP) e mestre em Comunicação Social (UERJ). Já performou e participou de ciclos de formação em São Paulo, Rio de Janeiro, Santos e Salvador. Dentre os seus trabalhos estão, "como evitar o desabamento" (2015), "na-va-lhas" (2017), "Ruídos Mov. 1" (2019), "Se a vítima é não identificada a vítima poderia ser nós" (2019) e, a exposição solo "Não presença materializada" (2014).

2 Butler, Judith. *Corpos em Aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2018.

3 Gómez, Pedro P. "Introducción: Trayectorias de la opción estética decolonial" in, Gómez, Pedro P. *Arte y estética em la encrucijada decolonial II*. Buenos Aires: Del Signo, 2014.

4 Desde 1979, após a organização do Grupo Somos, a sigla LGBT passou por diversas alterações, aumentando as suas representatividades. Esse percurso pode ser conferido em: Green, James N. *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.

5 Um dos casos mais comentados e noticiados nacionalmente e internacionalmente foi a morte do mestre de capoeira e líder do grupo Afoxé Badauê, Moa do Katendê. Ver: <https://www.geledes.org.br/mestre-moa-do-katende-e-morto-facadas-apos-discussao-politica-em-salvador/>.

6 O Seminário Interlinhas foi organizado pelo Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (CAC), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGcom/UERJ).

# CORPOS INDISCIPLINARES: Ruídos mínimos

José Pedro Almeida Oliveira<sup>1</sup>

## Resumo

A partir da noção de "existências mínimas" propostas por David Lapoujade, tentamos neste artigo desenvolver uma linha de discussão que lance as provocações do filósofo francês para a performance, tensionando os ruídos do texto e dos corpos dissidentes – que acionam giros decoloniais – com as ideias de 'pertencimento', 'posse', 'desposuimento'.

Palavras-chave: Ruídos; Desposuimento; Existências mínimas; Performance.

## INTRODUÇÃO

Como falar de algo que transcende o físico dos corpos que ocupam a cidade? Durante a leitura do livro de David Lapoujade essa pergunta me atravessou de tal forma que em várias passagens do livro a única anotação que eu consegui fazer, em cantos de páginas, era "ruído". É justamente sobre essas anotações que me debruço neste artigo. Muito do que irá se desenvolver neste artigo atravessa as minhas descobertas enquanto uma pessoa não binária/ tensionadora de gêneros e em constante estado de performance.

Entre as leituras de Lapoujade outras bombas me surgiram e diante das condições políticas que estamos vivendo não é possível deixá-las de lado. Então esse artigo será constantemente atravessado pelas leituras de *Corpos em Aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*<sup>2</sup> e *Arte y estética em la encrucijada decolonial II*<sup>3</sup>.

Este artigo também está contaminado pelos medos que tomou toda a população LGBTQIA+<sup>4</sup> e todas as outras minorias que tem sentido suas existências ameaçadas por um processo de emergência dos discursos de ódio que pontuaram a disputa eleitoral entre Jair Messias Bolsonaro e Fernando Haddad (casos de perseguições, agressões e mortes de minorias se dilataram<sup>5</sup>).

Para lidar com esses medos a performance *Aquendar os corpos*, apresentada no II Seminário Internacional Interlinhas<sup>6</sup>, atravessará esse artigo e será a forma de ilustração da política ruidosa dos corpos dissidentes.

O artigo está organizado em três movimentos: 1º) organizar os "ruídos" do texto de Lapoujade e marcar como os "ruídos" se relacionam com as vivências de corpos dissidentes, e como esses "ruídos" se localizam no meu corpo; 2º) "costurar" os ruídos na tentativa de articular Lapoujade as demais referências que integram o presente artigo; 3º) apresentar como a performance *Aquendar os corpos* produziu novos ruídos para compreender a leitura de Lapoujade.

7 Lapoujade, D. *As Existências mínimas*. São Paulo: n -1, 2017. p. 111

8 Le Guin, Ursula K. *Os Despossuídos*. São Paulo: Aleph, 2017.

9 Gómez-Peña, Guillermo. "Em defesa da arte da performance" in, Dawsey, J.; Moller, R.; Monteiro, M. *Antropologia e performance: ensaios napedra*. São Paulo: Terceiro nome, 2013. p. 444.

## MOVIMENTO UM

Revedo as anotações ruidosas do livro de David Lapoujade eu me perco constantemente, mas ao mesmo tempo, precisamente ele me puxa para o texto e faz a retomada da leitura; me devolve os fios guia quando localizo as fugas das referências de performance. Aliás, quando iniciei a primeira leitura não imaginava que tal livro pudesse nos dar tantas pistas deste campo tão "impreciso", mutável e instável das definições de performance.

Todos os ruídos marcados no texto são de certa forma caminhos de performatividades potentes que podem ser localizadas no meu corpo enquanto ele se redescobre nesses processos de redimensionamento e de tensionamentos de gênero.

Lendo justamente sobre esses ruídos nós apontamos um caminho que pode ser, num primeiro momento. o guia para abriremos as discussões.

### Os despossuídos, ou:

Podemos descrever os existentes como 'jogados' no mundo, ou invocar seu 'ser-no-mundo'. Mas como fazem aqueles que não encontraram a entrada que os faz 'ser-no-mundo'? Eles não se sentem jogados no mundo, e sim rejeitados, expulsos pela própria realidade. Ou então a parte que está-no-mundo não lhes pertence mais, o mundo os despossuiu antecipadamente.<sup>7</sup>

Os despossuídos podem atravessar muitas referências. Uma delas é: *Os Despossuídos*<sup>8</sup>, romance de ficção científica que narra a história de dois mundos Urras, dominado por uma condição política capitalista (referência ao Estados Unidos da América), e Anarres o mundo com uma política voltada ao proletário (referencia a URSS). A trama do livro é basicamente as disputas destes dois mundos para estabelecer dominação da forma de comunicação que será adotada nos dois mundos (Guerra Fria), e a tensão constante do conflito que poderia evoluir para a guerra.

Eu me debrucei neste pequeno preâmbulo pois achei importante localizar essa referência, pois esse "despossuído" sempre nos aponta o caminho objetivo daquele que "não pertence" ou que não se reconhece também como "não pertencendo", ou seja, aquele que carrega a imagem do despossuído, tanto no romance como nas imagens que Lapoujade costroe a contra-narrativa e o desvio da rigidez.

O que acontece com a performance e com os corpos performáticos, que apresentam outras fronteiras, outras ocupações e trânsitos do pertencer, é estar no local do "desposuimento". Sabiamente Guillermo Gómez-Peña, autor fronteiro e ativador de performances nos coloca, "as fronteiras do nosso 'país da performance' estão abertas aos nômades, aos imigrantes, aos híbridos e aos desterrados."<sup>9</sup>

Tanto os corpos que fazem a performance como aqueles que rompem com as convenções binárias e normativas de gênero e sexualidade ocupam espaços de tensionamentos territoriais (tanto no sentido geográfico como no campo da arte), e normalmente acabam por situarem-se nos espaços fronterços, instáveis e mutáveis.

10 Lapoujade, 2017. p. 104

11 Aqui me refiro ao movimento performático da arte da performance (Cohen, 2006; 2011), e não a performatividade de gênero referente as teorias de Judith Butler (2016). A ideia inicial é conceber esse trabalho/artigo como parte de um processo criativo de performance. As anotações e percursos desenvolvidos aqui atravessam questionamentos que eu também apresento quando ativo as minhas performances.

12 Louro, Guacira L. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teória queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. pgs. 89-90.

13 Lapoujade, 2017. p. 64.

14 Louro, 2013. p. 90.

15 Gomez-Peña, 2013. p. 444.

Por vezes nossos corpos estão em guerra contra os espaços normativos, produzindo disputa de narrativas, porém, tentando estabelecer todos esses tensionamentos com os nossos corpos. Ainda que seja uma disputa desleal, contra uma instituição muito maior – a instituição não visível do heterocapitalismo e consequentemente que consequentemente é a mesma que produz a heteronormatividade. Assim, a disputa pré-fracassada nos leva aos espaços do 'não pertencer' ou do não se sentir 'pertencendo', ou ainda mais, como próprio Lapoujade nos aponta, nós não estamos no espaço do se sentir 'ser-no-mundo'.

Seguindo a lógica do pertencer, como apresentada no texto de Lapoujade, "somos reais apenas se tivermos conquistado o direito de existir"<sup>10</sup>, logo, se as existências não conquistam esse espaço o corpo torna-se, num movimento: despossuído. Corpo este que após o desvio performático<sup>11</sup> é empurrado para outras fronteiras, Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham a confundem os sinais considerados 'próprios' de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes. Tal como atravessadores ilegais de territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou, na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção.<sup>12</sup>

Nós ocupamos o resquício, nós somos o resquício, e esse lugar que os corpos dissidentes ocupam é o da constante fragilidade. Lapoujade usa a ilustração da criança que após ver o copo quebrado descobre a imagem da fragilidade: o copo quebrado no chão, e questiona se o objeto é frágil. Agora, nós não temos mais a presença do copo e sim a imagem na nossa cabeça daquilo que há um segundo atrás era um copo. Isso se dá também no âmbito dos nossos corpos. Corpos estilhaçados pelo não pertencimento, mas nós ainda cortamos, como o copo quebrado, nós ainda cortamos.

Agora mudamos. Nos redescobrimos nesses espaços fronteiraços, e assim como o copo, o corpo possui a sua eficácia que é a capacidade de mudar e reorganizar os seus modos de ser. Ou seja, abrem-se outras percepções, "acotnece que esses instantes têm um papel decisivo, eles afetam os psiquismos que se abrem para outras perspectivas"<sup>13</sup>

Despossuídos desse espaço social, sendo agora "suportados, desde que encontrem seus guetos e permaneçam circulando nesses espaços restritos"<sup>14</sup>, nós nos localizamos na performance, como aqueles corpos desviantes, estilhaçados (como na metáfora do copo e da criança), descobrimos a performance como um espaço de resistência estabelecendo parcerias na performance que, sabiamente Guillermo Gómez-Peña coloca que "nossas numerosas comunidades estão constituídas por refugiados estéticos, políticos, étnicos e de gênero."<sup>15</sup>

Já localizado o espaço do "desposuimento", sigamos apontando para os caminhos da performance. Lapoujade, na abertura do livro, ao iniciar os tensionamentos do que virá a se seguir como discussão de pensar as existências para além dos espaços das coisas

16 Durante todo o percurso de escrita do artigo, e até mesmo agora, pensando nas reverberações (que estão me sendo lançadas durante a revisão do texto), uma das maiores dificuldades que me fizeram ir e voltar inúmeras vezes a leitura de David Lapoujade foi a tentativa de organizar e tentar desvincular das minhas noções de corpo do conceito de existência. Diante dessa dificuldade surge um dúvida: essa dificuldade nos faz deduzir ou nos induz a crença de que eu irei possuir e controlarei o reconhecimento da minha existência?

17 Lapoujade, 2017. p. 72.

18 Ibidem, p. 72.

19 Utilizo aqui manifestação no sentido de colocar ação de manifesto para produzir movimento no mundo, e não "manifestação" no sentido fenomenológico.

e das suas formalidades, nos apresenta a complexidade de 'modos de existências' que muito se relaciona com um dos dilatamentos propostos pela performance.

Lapoujade aponta – após realizar os seus estudos sobre o filósofo Souriau –, os seguintes modos de existências: a) os fenômenos; b) as coisas; c) os imaginários; e, d) os virtuais. Cada um dentro das suas potências tem a sua importância nessa construção da imagem do "não pertencer". Aqui não vamos nos debruçar a mostrar como cada um aciona este movimento mas, vamos nos posicionar a olhar para aquelas existências que propõem a contra-narrativa já que são duplamente não reconhecidas e conseqüente são duplamente despossuídas.

O primeiro processo de "desposuimento" se dá quando esta existência é negada e não reconhecida pelas outras (aqueles que são os possuídos?). O segundo processo é quando essa existência já despossuída não é reconhecida pelo próprio ser que a despossuiu, neste momento, como já vimos, a existência se estilhaça e o corpo torna-se cortante, como na figuração proposta por Lapoujade.

Para podermos tornar real a nossa existência e por conseguinte o nosso corpo<sup>16</sup> é necessário o choque com os percursos do 'desposuimento'. É necessário possuir – quase que no sentido material de tornar palpável – a nossa existência. E esse processo de posuimento nós não desenvolvemos ou adquirimos conforme vamos nos conhecendo. Segundo Lapoujade é uma "conquista da posse"<sup>17</sup>. Seguindo a leitura, "podemos até dizer que o real se define para ele através da posse. Se a questão da existência diz respeito aos modos de ser, a questão da posse diz respeito aos graus de realidade. Quanto mais possuímos uma existência, mais ela é real".<sup>18</sup>

Este movimento de 'duplo não reconhecimento', e que lança a existência-corpo para o espaço da reconfiguração-estilhaço é que vamos posicionar como "ruídos mínimos". É o contra-tensionamento, é o percurso performático que passa por: descobertas de não pertencimento; descoberta do corpo-caco/ corpo-estilhaço; descoberta da produção ruidosa; e, finalmente reconhecimento da fragilidade.

### FRICÇÕES RUIDOSAS DECOLONIAIS

Após todos esses movimentos de descoberta do "desposuimento", de saber que o seu corpo e conseqüentemente sua existência estão lançadas para um espaço do "não pertencimento", as existências ruidosas se articulam num processo de auto-gestão das suas perspectivas e dos seus estilhaços. Diante dessa perspectiva os "ruídos mínimos" passam a se manifestar<sup>19</sup> propondo percursos e movimentos decoloniais.

Vimos como se dão os encontros e choques da performance e, indiretamente, acredito que apontamos uma possibilidade na qual o corpo que questiona e rompe as normatividades de gênero se coloca em constante performance. É justamente sob este movimento que vamos falar neste momento e como eles ativam ações decoloniais nos transitos.

20 Gómez, 2014. p. 15

21 O projeto neo-liberal ativa: o aumento do espaço privado e a diminuição do espaço público.

22 Ibidem, p. 17.

23 Ibidem, p. 17.

24 Ibidem, p. 17.

25 Lapoujade, 2017. p. 111.

Pedro Pablo Gómez nos apresenta uma contra estética decolonial e a emancipação da "opción estética decolonial"<sup>20</sup> que produz justamente a contra-narrativa dos corpos que estão propondo a "des-occidentalização". Segundo Gómez é o caminho de questionar as ordens capitalistas e neo-liberais<sup>21</sup>/ultra-liberais – e num último momento de evolução dos discursos de ódio, o neo-fascismo – que não permitem os transitos.

*Lá opción estética decolonial no es una política de Estado, sino una actividade política, ética y epstémica de comunidades políticas globales, movimientos sociales y personas que se han dado cuenta, em su própria experiencia, de que son objetos del régimen colonial de la modernidad em su dimensión estética y están relegados a las adueras del ser.<sup>22</sup>*

Mais a frente ele complementa o conceito de estética decolonial,

*La opción estético decolonial, en concordancia com lo alterior, es un conjunto de prácticas: encuentros y dialogos interculturales, eventos académicos, craciones artísticas e intervenciones políticas y publicaciones que se realizen em diversos lugares del mundo pero que comparten la experiencia común de las violencias de la colonialidad em lo cuerpos y, ante todo, un horizonte de experctativas y el trabajo por la creación de mundos em los que sea posible dejar de ser colonizados<sup>23</sup>*

Gómez estrutura um conjunto de práticas que podem acionar os processos decoloniais, mas, mais ainda, um conjunto de processos que essencialmente propõe movimentos de ações – de acionamentos performáticos – que somente "podem" ser acionados – performatizados – pelos corpos e existências que vão e são lançados para fronteira.

Acontece neste momento (o de transitar pelos espaços fronteiros, e ao mesmo tempo, o conjunto de práticas) um processo duplo.

O primeiro deles, proposto pelo próprio Gómez, quando acontece a descoberta coletiva desses espaços, os corpos e existências que estão em transito propõe uma atividade imaginativa e simultaneamente expandem as noções e os espaços dos mundos possíveis; para Pedro Pablo Gómez esse é um movimento que se inicia "desde ahí, desde los márgenes y los intersticios de la colonialidad, desde la frontera (el lugar em el que el centro desgarrá el mundo para producir la exterioridad)".<sup>24</sup>

Retornando a David Lapoujade, apesar do autor não desenvolver uma "opción estética decolonial", ele compreende a atividade – nos corpos/existências – desses processos de redimensionamento dos corpos na fronteira. "Não se trata mais apenas de criar almas, mas de compor, construir novos corpos. Se o limite não pode ser alcançado, é justamente por causa desses corpos."<sup>25</sup>, e consequentemente o processo de aparecimento da fronteira, para Lapoujade, "estamos entrando em um mundo no qual a solidez dos corpos, a clareza dos contornos e a fixidez das imagens se dissipam, dando lugar a verbos que afetam todos os modos de existência: aparecer, desaparecer, reaparecer"<sup>26</sup>

26 Ibidem. p. 117.

27 Gómez, 2014. p. 15.

28 Ibidem, p. 15.

29 Butler, 2018. p. 14.

Acontece que essa descoberta dos movimentos e giros decoloniais colcados por Gómez tomam uma proporção maior quando ele nos aponta que esta estética – que está totalmente aliada ao movimento – está num diálogo "inter y trans-estéticos articulados a proyectos que persigan la superación de la colonialidad global".<sup>27</sup>

O fim do primeiro movimento se dá com a tomada de consciência que nos levará a um movimento de (re)transitar, borrando o mapa dos desenhos imperialistas que limitam as ações performáticas-ruidosas das dissidências "la tomada de conciencia del cierre de un ciclo de dominación no significa, ni mucho menos, el fin de la modernidad ni el fin de Occidente, significa el fin de los diseños imperialistas".<sup>28</sup>

O segundo processo se dá sob essa imagem de borrar os mapas, ou seja, os trânsitos dos corpos/existências. Para tal aventura nos debruçamos sob o segundo capítulo, "Corpos em aliança e a política da rua", do recente livro laçado de Judith Butler. Nesta publicação a autora norte americana vai desenvolver uma pesquisa sobre o "aparecimento", segundo a autora "nem todos podem aparecer em uma forma corpórea, e muitos daqueles que não podem aparecer, que estão impedidos de aparecer"<sup>29</sup>. Acredito que essa "não possibilidade de aparecer" começa a ser atravessada por um fluxo de aliançamento dos corpos. É importante alertar que "o aliançamento" não promove o aparecimento dos corpos, mas de certo modo possibilita o início de um movimento comum de luta entre as minorias e as existências ruidosas. Assim o processo de aliançamento apresenta a tese específica do livro que se as minorias agirem em conjunto – que é a luta pela possibilidade do aparecimento – os corpos podem tomar proporções maiores para acionar e questionar as ordens vigentes da política.

Borrando as fronteiras, nos colocando em aliança, e num movimentos posterior – que Butler chega a cogitar no livro – de ocupação da rua, e dos espaços públicos, os corpos colocam em cheque o principal projeto Neo-liberal/Ultra-Liberal e consequentemente ativam imediatamente um processo de descolonização de ocupação da cidade.

Reunir corpos em aliança significa, imediatamente, questionar os limites e as configurações dos espaços públicos e consequentemente propor a "distinção entre o público e o privado, vemos algumas maneiras por meio das quais os corpos, na sua pluralidade, reivindicam o publico, encontrando-o produzindo-o por meio da apreensão e da reconfiguração da questão dos ambientes materiais"<sup>30</sup>. Este movimento de questionamento provoca automaticamente uma (re)leitura do espaço físico, assim "o ambiente material é ativamente reconfigurado e refuncionalizado"<sup>31</sup>, e a reconfiguração ira definir "o que vai ser espaço público e o que ai ser o espaço da política".<sup>32</sup>

O que liga o primeiro processo apresentado sob a ótica de Pedro Pablo Gómez e o segundo processo, a partir de Judith Bluther é juntamente o reconhecimento do processo de ir para a rua, e propor esse "aliançamento". Na aliança reconhecemos o que no final do "movimento um" colocaos como "reconhecimento da

30 Ibidem, p. 81.

31 Ibidem, p. 81.

32 Ibidem, p. 84.

33 Essa ação iniciou-se após o resultado final das eleições presidenciais onde diversas existências sintiram-se ameaçadas e começaram a agir pra criar/construir/ estabelecer redes de proteção.

34 Ibidem, p. 99

35 Todos os relatórios podem ser conferidos em: <https://homofobiamata.wordpress.com/>.

36 LGBTfobia é a violência contra as existências LGBTQIA+.

37 Aquendar é uma palavra do Pajubá – dialeto usado pela população LGBTQIA+, mas mais especificamente as travestis e transsexuais – que indica a ação de “esconder”, utilizada no contexto da performance, significa esconder o pênis (neca, no dialeto pajubá).

38 O voto do então deputado federal causou muita polêmica por fazer referência a “memória de Coronel Alberto Brilhante Ustra”, torturador que coordenou o DOI-CODI SP de 1970 à 1974, dentre as vítimas de Ustra estão: Dilma Rousseff, e outras 3 mil pessoas. Vale ressaltar que dessas 3 mil cerca de 47 pessoas desapareceram. Também foi nesta manifestação de Bolsonaro que ouviu-se a primeira menção do seu lema de campanha “Brasil a cima de tudo, e Deus acima de todos”.

Pode-se ver o voto completo de Bolsonaro no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=bfJhLWsfhA4&t=1s>

39 Descrição retirada dos cadernos do artista.

fragilidade”. A tomada de consciência da fragilidade não impede a ação, muito pelo contrário, ela impulsiona a ação, e transforma-a numa imagem muito concreta, que mobiliza as minorias no Brasil de “ninguém solta a mão de ninguém”<sup>33</sup>. Assim, todos esses acionamentos performáticos – de rompimentos com as estruturas neo-liberais – para aparecimento tem tal objetivo posto por Butler, “Essas ações foram todas políticas no sentido simples de estarem derrubando uma distinção convencional entre o público e o privado a fim de estabelecer novas relações de igualdade.”<sup>34</sup>

## AQUENDAR OS CORPOS

Venho, nos dois últimos anos, desenvolvendo uma série de performances que tem como ponto de partida os relatórios<sup>35</sup> do Grupo Gay da Bahia (GGB). Nesses relatórios o grupo apresenta (em uma das partes) a lista das vítimas de LGBTfobia – inclui-se nesta lista as pessoas que foram mortas/assassinadas e aquelas que se suicidaram em decorrência da LGBTfobia<sup>35</sup>.

Nesta última ação intitulada Aquendar os corpos, a ação era: sentada em uma mesa, escrito na borda “se a vítima é não identificada e vítima poderia ser eu”, tinham duas “pilhas” de papéis (o relatório do ano de 2017), ao lado da mesa dois rolos de fita crepe. Inicia-se a ação, lendo mentalmente a lista das vítimas, avistando uma “[vítima] não identificada” parava-se, passava batom, e em seguida limpava passando em cima do nome. A ação se repetia igualmente na outra pilha até o final da página. Assim que acabava a folha, a de uma pilha era dada a alguém que estava assistindo a performance. Em seguida eu levanta e a outra eu usava para Aquendar<sup>36</sup> meu pênis. Voltava e me sentar e repetia essa ação até que se finalizasse todas as páginas do relatório.

Após fazer isso com a última página do relatório, eu coloca meu vestido, e acionava um vídeo do YouTube, nesse dia da UERJ a fala de Jair Messias Bolsonaro<sup>37</sup>, no dia da votação do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff.<sup>38</sup>

Performar Aquendar os corpos é uma forma de lidar com todos esses medos que me afligem desde o momento em que me assumi uma pessoa não-binário/tensionadora de gêneros. Falar sobre essas vítimas, e sobre esses corpos que não estão mais corporificados é incentivo e fortalecimento para continuar lutando.

Esses corpos listados, essas existências que atravessaram o instante das “existências mínimas”, passando pelo processo de reconfiguração e redimensionamento das suas existências, agora transitaram para “existências ruidosas” por meio do acionamento performático a partir da ação de Aquendar os corpos.

O meu corpo, junto com os corpos que estão “assistindo” a performance, mais todos os outros corpos que estão ali presentes no relatório utilizado, entram em sintonia na imagem performática de “corpo vibrátil”. Neste instante de performance, de acionar e nos colocarmos neste espaço performando, a ação de certo modo foi o de “recolher as vibrações, mesmo as mais ínfimas, desse limite”<sup>39</sup>. Esse limite, é o que transforma a ação em ruído, e conseqüentemente coloca esses nomes incluindo-se os “não identificados” no espaço de aparecimento proposto por Butler.

Esse campo de aparecimento muito diz sobre como nós corpos dissidentes politizamos nossas existências e as "não identificadas", já que segundo Butler "não são apenas o gênero e a sexualidade que são em algum sentido performativos, mas também suas articulações políticas e as reivindicações feitas em seu nome"<sup>40</sup>. Sendo assim, quando Aquandamos todos aqueles nomes performáticos, e acionamos as vítimas "não identificadas" transformamos as suas existências ruidosas em performance.

1 abigail Campos Leal movimenta as suas ações y seu palavravar entre as fronteiras da filosofia y poesia. possui mestrado em Ética Aplicada pela UFF, em Filosofia pela UFRJ y atualmente cursa o doutorado em Filosofia pela PUC-SP. é também uma das organizadoras do Slam Marginalia (competição de poesia falada feita por y para pessoas trans, que acontece em SP). publica textos autorais y traduzidos em formatos de fanzines em torno das questões de gênero y sexualidade, anti-especistas, anti-capitalistas, anti-coloniais y anti-racistas. publicou seu primeiro livro esse ano, "escuirecendo: ontografias poéticas", pela editora O Sexo da Palavra y ainda esse ano publicará "ex/orbitâncias: os caminhos do comunitarismo y da deserção de gênero", pela GLAC Edições.

**email**  
bibicamposleal@hotmail.com  
**instagram**  
@bibirigosa

## me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete e trans

abigail Campos Leal<sup>1</sup>

### resumo

questionando a concepção eurobranca de estudo, reduzida à sua dimensão epistemológica, o presente ensaio aposta que, no contexto das vidas pretas y trans (articuladas mas entendidas também em suas particularidades), os estudos funcionam tanto como cura (dimensão terapêutica) quanto arma (dimensão bélica). fazendo um diálogo cruzado com elementos autobiográficos, com o pensamento radical preto y com a construção dos saberes trans em diferentes contextos, expande-se a noção de estudos para compreendê-la em suas múltiplas funções existenciais y vitais.

palavras-chave: saber prete; saber trans; cura; arma.

*"Dei banho nas crianças e preparei pra sair. Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem."*

Carolina Maria de Jesus (*Quarto de Despejo*, p. 24).

*"Quando os padres partiram, depois de terem cumprido todos os seus ofícios, Ponciá logo percebeu que não podia ficar esperando por eles, para aumentar o seu saber. Foi avançando sozinha e pertinaz pela folha da cartilha. E em poucos meses já sabia ler"*

Conceição Evaristo (*Ponciá Vivência*, p. 26).

recentemente, já em meio a pandemia, me peguei mastigando uma velha lembrança que vira e mexe teima em me assombrar. me lembro da minha mãe me contando que quando era criança, ela gostava brincar de "datilógrafa", usando tijolos como máquina de escrever. e/u devia ter uns seis anos quando ouvi ela contar essa história pela primeira vez e lembro de ter achado engraçado: "quem gosta de brincar de escrever? que chato. que nerd. Mamãe é doida", pensei e/u. Nessa mesma época, também me lembro de achar um pouco curioso e encantador o fato de sempre ter espalhado pela minha casa vários livros espíritas que ela constantemente manuseava, e que as vezes pedia para que nós abrissemos uma página aleatória, em seguida ela lia e nos perguntava o que entendemos. Só depois de mais de vinte anos é que consegui acessar parte da densidade existencial y política inscrita nessas duas cenas. minha mãe articulava aí um uso terapêutico do saber. Para uma criança pobre, filha de um pai carteiro e racializado como mestiço e uma mãe preta-indígena dona de casa, escrever (no fabuloso universo infantil das "profissões") significava a possibilidade de entrar em um mundo de fantasias incríveis. escrever só era uma brincadeira possível, porque no seu contexto, a escrita figurava um mundo distante encantador. De outro modo, o acesso à escrita e a leitura, especificamente a leitura espírita, me parece ter sido uma ferramenta fundamental para ela atravessar

as dificuldades e momentos difíceis que a vida lhe colocou. Nesse contexto, o acesso aos saberes é também a possibilidade de produção de saúde existencial: o saber devém brincadeira quando o tijolo devém máquina de escrever; y a leitura devém vida quando as passagens lidas de um livro possibilitam luzes espirituais que ajudam a iluminar o caminho turbulento da travessia existencial. criança-pobre y mãe-solteira-trabalhadora são vidas possíveis porque se entrelaçam nos fios terapêuticos dos saberes.

também m/e peguei atravessada em diversos momentos lembrando do meu pai contando a história da infância de seu pai, meu avô, uma pessoa de origem amazonense racializado como "caboclo". Ele falava com muito orgulho e com um tom enigmático, meio triste, que meu avô caminhava em torno de dez quilômetros para ir à escola; que, fizesse chuva ou sol, ele ia para a escola, não podia faltar. ao trazer essa narrativa, meu pai parecia querer mostrar como a escolarização era ferramenta, chave, arma, fundamental para a continuação vital da nossa família; expressa no imperativo da caminhada (rumo à escola), do corre, que não pode parar. Aí, o saber não está mais confinado ao "luxo", como tentam fazer certas narrativas. Acessar saberes, nesse contexto, significa ter acessos a armas que possibilitam tanto que a vida brote em meio à pobreza, quanto que ela possa ser defendida da morte. Aí o saber é força, poder, possibilidade de seguir atravessando o tecido da vi/da. criança cabocla anda anda anda, caminha quilômetros pra estudar, porque o acesso ao palavrar do saber dá força para a vida cabocla envivecer.

para Carolina Maria de Jesus, ler não era um mero passatempo, mas a constituição de um lugar de alívio e aconchego existencial que possibilitava superar mais um dia na vida dura y duída de uma mulher preta retinta mãe solteira catadora de papel favelada. E desse alívio das mazelas impostas pelo capitalismo racial, figurado na leitura-escrita, ela fez seu ganha-pão, seu viver. escritas que atravessaram o tempo, fronteiras, idiomas, contribuindo para o (seu) prosperar preto... saber curar, saber viver. Conceição Evaristo nos mostra como o saber pode navalhar o tecido da mis/éria que cobre a vida de corpos pretos. Ponciá, uma jovem preta neta de pretos escravizados, aprende a ler através de padres missionários que se vão antes mesmo de terem completado sua "missão" alfabetizadora; Ponciá sabe, sente, pressente, a força que esse saber possibilita em termos de vida y corre atrás, por conta própria, da sua concretização. É através de bilhetes escritos, mais tarde, que ela terá acesso a oportunidades de trabalho y a reencontros familiares, refundando y defendendo sua genea/logia, marcada por violências raciais profundas. saber (se) armar, saber viver.

os saberes são plásticos, esticam suas formas até tocarem o campo da cura y da guerra da y pela vida. Saberes Clássicos, sem dúvida, que remontam a tradição ocidental y sua metafísica branca: a Escrita fonético-alfabética; a Filosofia, Sócrates, Platão, Plotino, Descartes, Leibniz, Kant, Hegel...; a Ciência; Hipócrates, Pitágoras, Bacon, Copérnico, Buffon, Darwin, Newton. essa merda toda, sim, mas também (e esse também não pode ser subestimado) a poesia, a poesia marginal que é a poesia da poesia, o palavrar solto y perdido, disruptivo, afetado, as diferentes vocalizações, os gestos de lábios y línguas, a voz, o som preto, de Maya Angelou à Luz Ribeiro, de Aimè Cèsaire à tatiana nascimento. a literatura, as narrações fantásticas de bocas pretas que relampejam o futuro na palavra empro(vi)

sada, as viadagens pretas de James Baldwin, as gongações ácidas de Lima Barreto, a exuzidade afetiva de Cidinha da Silva, azamizade sapapreta de Audre Lorde, as escrevivências de Conceição Evaristo. a música, a revolta sônica do punk, a pulsação reboiativa do funk, a dança das ondas sonoras que saem de superfícies golpeadas para golpear os nossos labirintos, a beleza invisível do som, Dona Ivone Lara y Racionais MC's, Leadbelly e Tim Maia, Erykah Badu y Cólera, blocos de marchinha de carnaval de rua, os atabaques pulsando força espiritual nos terreiros, a caixa estourando ao som do funk 150bpm nos bailes de favela, a roda de samba no quintal aos sábados, a House Music que faz corpos fritarem numa pista de dança escura y abafada ou faz corpos voguearem numa BallRoom; a espiritualidade, as giras y as coreografias da cura dos terreiros, a macumba y o maculelê ressoando, os cantos, as gargalhadas, os passes, as águas e comidas y seus barulhos, o tom das histórias, os gritos y as mudanças de vozes, os cantos, a calma do silêncio, a escrita do silêncio. aí, em tudo isso aí, o tempo todo y em toda parte, são os saberes que estão circulando.

não é somente entre pretes y não-brancos que o saber cruza o seu caminho com os caminhos da cura y da guerra. entre desertoras do binarismo de gênero y da heterossexualidade compulsória esse babado também acontece, diferentemente. quando passei a estudar em escola pública na então terceira série, durante o recreio, para fugir da socialização cishétero y do seu terrorismo, e/u me "escondia" na biblioteca. Inicialmente e/u só ficava esperando o tempo passar. mas descobri que a melhor forma de fazê-lo passar era me distrair. Comecei a folhear alguns gibis da Turma da Mônica, e acabei nutrindo um certo gosto pela leitura. Logo após algumas semanas, e/u consegui me adaptar mais às dinâmicas da escola y acabei largando a sala de leitura e o hábito de ler, mas essa experiência marcaria minha vida para sempre, e teve, mais tarde y de forma ainda mais intensa, uma forte relação com o meu desejo pela leitura y pelo mundo das escritas. estranha história de uma criança viada que se refugia da violência cishétero na biblioteca y pega gosto pela leitura de gibi. quando consegui acessar a densidade onto-epistêmica desse momento, pude entender, através de um sentir, como o meu gosto pelos estudos foi uma ferramenta vital que possibilitou, de uma só vez, me curar de feridas y me defender da violência, ambas causadas pelo terrorismo onto-lógico y pelas políticas de morte cis-heterossexuais. acaso/destino se cruzam nessa história de saberes transviados.

Pedra Costa, numa conversa, certa vez, me disse que o seu trabalho era invisível porque seu trabalho consistia em criar comunidade. Foi com Pedra que aprendi o trabalho invisível da construção comunal gênero y sexo desertora. Foi com ela y uns tantos outros que e/u descobri que a teoria feminista e a chamada teoria queer (as de fanzines xerocados compartilhados num show da Solange To Aberta, não as do cânone queer cis-branco) poderiam ser ferramentas concretas aplicáveis ao contexto da vida cotidiana para possibilitar a reconstrução do corpo, das performatividades, das existências, em outros termos – com Pedra também aprendi a dizer adeus à teoria queer. Foi numa conversa num bar com uma amiga trans que tive a minha primeira consulta de ginecologia travesti (beijos). Foi com Indianara Siqueira que aprendi a ambivalência do jogo político-afetivo das travestis, pendulando entre dar ekê no terrorismo cishétero y fortalecer a coletividade transvestigênera. Com Susy Shock aprendi que as transformações do corpo trans

são inscrições poéticas, y que a partir daí é possível se palavrar a poesia travesti. aprendi com L.S. que é possível torcer os conceitos da chamada filosofia pós-estruturalista para aplicar aos nossos interesses cotidianos mais mundanos y baixos. aprendi com Neon Cunha que forjar nossas ancestralidades trans pretas é um duro y infinito exercício; mas dureza nenhuma anula a alegria de ver a vida trans (antes) apagada brotando novamente.

toda essa circulação pedagógica trans foi fundamental não para o meu aprimoramento intelectual, mas para a construção da uma espécie de inteligência ontológica, com a qual pude mover minha corpa trans, fazendo dela uma corpa viva, rumo à novos lugares! e eu aprendi também lendo livros, ouvindo músicas ou itãs de travestis, lendo um artigo de Hija de Perra, em performances artísticas, em Slam´s. e/u aprendi lendo Foucault e Jack Halberstam, aprendi numa roda de improvisos na Batalha Dominação, numa fala de Jota Mombaça no MASP y em seguida akuendendo uma taba numa roda de deboches, numa troca de ideias entre Castiel Vitorino y Michelle Mattiuzzi na Casa 1, nos bares da Cesário Mota com Adelaide Estorvo relembando Cris Negão e Cláudia Wonder, numa oficina de ejaculação vaginal e massagem prostática, num desfile da Vicenta Perrota y Manauara Clandestina, vendo Susy Shock recitar no Desfazendo Gênero, bem loca no Baile em Ch3noby1, numa performance de Saraelton Panamby na Casa 24, ouvindo Kika Sena recitar, numa tirinha do Sapatoons Queerdrinhos, numa conversa de bichas pretas relembando Madame Satã, entre as transviadas encapuzadas nos atos de junho de 2013 compartilhando isqueiros y leite de magnésio ou num ato no Arouche contra a violência transfóbica, grudando um macho agressor na base da garrafada com as travestis na rua... em toda a multiplicidade, o que está circulando nessas cenas disparatadas, são saberes trans. a arte trans de se curar y se defender.

um saber não deve ser avaliado apenas a partir de onde ele emana (academia, música, religião, artes de galeria, arte de rua...), mas a partir dos usos que ele apresenta para a vida, para o envivecer.

me parece muito pouco vantajoso e até mesmo perigoso, um certo pathos anti-intelectual que vejo crescer nos últimos anos entre diversos setores da sociedade brasileira (mas também a nível global), de ultradireitistas à conservadores, de brancos à pretes engajades na luta anti-racista, entre a supremacia cis e entre travestis. Como se a pura experiência e as narrativas de vida fossem água suficiente para regar a jornada da existência. Como se acessar (outras) instâncias do saber fosse algo essencialmente errado, reacionário, imoral. Como se uma pessoa trans e/ou preta acessando espaços institucionais (universidades, museus, galerias, meios de comunicação) historicamente reservados à cisgneridade branca estivessem apenas reforçando a sua estrutura e não, também, contribuindo para abalar as mesmas. Robin Kelley (*Freedom Dreams: The Black Radical Imagination [Sonhos de Liberdade: A Imaginação Radical Preta]* p.8 – tradução minha do original em inglês) nos mostra como a cisão entre "ativismo" e "trabalho intelectual" é perigosa, trazendo inúmeros exemplos da tradição preta radical que sempre entenderam e articularam as complexas relações entre a ação política y o trabalho do pensamento. Mesmo espaços historicamente hegemônicos pela branquitude cishétero

podem ser colocados para funcionar a partir de interesses trans e pretes. Stefano Harney e Fred Moten (*The Undercommons: Fugitive Planning and Black Study*, [*Os Subcomuns: Planejamento Fugitivo e Estudos Pretos*], p.26 – tradução minha do original em inglês) nos lembram que a até mesmo a Universidade pode ser aquilombada: "Sob essas condições, pode-se apenas entrar sorrateiramente na universidade e roubar tudo que for possível [...] Ela [a universidade] desaparece no subsolo – a (in)discreta e fora do meio comunidade aquilombada da universidade –, nos subcomuns do iluminismo". Entretanto, não podemos achar que esse aquilombamento da universidade é um processo simples ou puro. O fato da entrada preta na universidade, segundo Harney e Moten, precisar ser feita de forma sorrateira e do roubo ser a única forma de relação possível, já nos mostra como o aquilombamento da universidade (y outras formas de assalto aos saberes hegemônicos) não se dá sem tensões, assimetrias, violências e contradições.

para encerrar e/u abro. toco a dádiva das graças na forma da palavra, que não é nem cis e nem branca. e/u soul grata hoje aos fios da vida que colocaram o saber-ler-e-escrever pra funcionar na vida da preta escravizada que conseguiu desertar falsificando a assinatura do seu senhor num passe de locomoção, da criança pobre que maquinava a escrita em tijolos, do caboclinho que andava e andava e andava pra aprender; grata ao acaso do destino que me fez achar uma biblioteca na fuga; grata a vida preta de dona Carolina Maria de Jesus que vingou y a de Conceição Evaristo que ainda vinga; grata pelo caminho de Carú de Paula Seabra ter se cruzado com a arte y a psicanálise e por seu caminho ter cruzado com o meu; sou grata ao destino por ter feito Pedra Costa se esbarrar em algum momento com a teoria queer; grata pela poesia falada, escrita, musicada y gestada no afeto de tatiana nascimento; agradeço a todas as travestis pretas que já cantaram - y sonharam em cantar - por terem possibilitado que Ventura Profana produzisse vida trans preta através das suas torções musicadas da liturgia neopentecostal; sou grata por algum dia Susy Shock ter palavrado a poesia monstra em Salvador; por ter colocado Castiel Vitorino nos caminhos da cura preta ancestral da macumba y da produção artística e intelectual; agradeço ao destino por ter permitido Jota Mombaça cruzar o Atl/ântico para parir suas artes descaravelantes, refundando a vida não-branca y sexo-gênero desertora em plena terra de colonizadores.

aí, então, era o saber, mas também o estudo, que estava circulando o tempo todo. estudo não só como acesso aos saberes legitimados pela y da tradição cishétero branca, mas "estudo como movimento [...] estudos através do corpo [...] estudo como prática especulativa", estudo como um "tipo de prática itinerante, móvel", estudo como quando "Marvin Gaye canta" e estudo como "música popular preta" e como "RAP" (Harney e Moten *The Undercommons* [*Os Subcomuns*] p. 118, 121, 137 – tradução minha do original em inglês). estudamos ouvindo música, lendo, estudamos trocando links de editais entre nós, conversando num bar, lendo num metrô lotado de manhã; estudamos ouvindo histórias de tios e avós em churrascos nas lajes aos domingos; estudamos em museus renomados rindo da mediocridade da arte cishétero branca, e na universidade, trocando olhares debochados entre as nossas durante a aula de um professor uó com sobrenome de rua; estudamos tirando o tarot ou preparando uma guacamole, estudamos lendo

os romances de Octávia Butler y ouvindo *A Tábua de Esmeralda* de Jorge Ben; estudamos fazendo carinho em nossos amigues animais y forjando alianças não-humanas; estudamos plantando manjerição y nos masturbando com dildos de plásticos ou enfiando um cristal de ametista no edy. e/u também estudava quando fugia para a biblioteca y ficava lendo gibis para me proteger do terrorismo cishétero. e/u devo minha vida a esses estudos.

me curo y me armo, estudando. a caneta que sublinha palavras de um livro estudado é a mesma que fura a perna de um agressor y o canivete que rasga a pele é o mesmo que talha o nome de duas pessoas trans dentro de um coração na porta de um banheiro sujo de bar. tudo isso é estudo y esses estudos fazem parte da mutação de uma época. isso se fareja. sigo estudando y encaro isso como um momento de cura y de guerra contra o apocalipse branco cishétero.

1 O autor agradece a Joaquim Toledo Jr e a Cristina Buarque de Hollanda pelas críticas e apoio.

2 Doutor em Ciências Sociais (Unicamp), professor e pesquisador do IESP-UERJ e bolsista Prociência (UERJ). Especialista em movimentos sociais e intelectuais, mais recentemente vem se dedicando a contramovimentos e intelectuais regressivos.

3 Szwako, José. 2016. "O fascismo contemporâneo brasileiro ou o mundo segundo o conservadorismo". Disponível em: [www.revistafevereiro.com/pag.php?r=09&t=08](http://www.revistafevereiro.com/pag.php?r=09&t=08)

# O que nega o negacionismo?<sup>1</sup>

José Szwako<sup>2</sup>

## Resumo

O ensaio explora níveis pré-conscientes e inconscientes das reivindicações de que a melhor alternativa para a crise do coronavírus é "arregaçar as mangas" e "ir trabalhar". No seu todo, as recusas negacionistas dão acesso não só à pulsão de morte, mas a fantasias perversas de dominação daqueles que se julgam "informados" sobre a crise.

Negacionismo; pulsão de morte; negação.

*Mr. Chagall: I am very sensitive to your torment...*

*But unfortunately we are mere mortals. We are restricted by the laws of nature.*

*Madeline: Well, what more could one expect?*

*Mr. Chagall: Mmm, that depends!*

É segunda ou terça-feira, não sei ao certo. Ainda estamos em março, mais um dia, um longo dia, de uma quarentena que, até onde se pode ver, ainda deve tomar um bocado do nosso tempo. Em meio às acaloradas discussões sobre a necessidade ou o suposto exagero de medidas de distanciamento social, quero me alienar um pouco e assistir a *A morte lhe cai bem*, uma das poucas comédias dos hoje longínquos anos 1990 que sobreviveram ao tempo. Na cena acima, a onipotente e agressiva Madeline (Meryl Streep), atormentada pelo envelhecimento, ganha um consolo. Ela pode contornar as leis da natureza e do tempo por meio de uma poção da vida. Só depende de ela beber e pagar o preço: se tomar a cada vez que morrer, ela irá ressuscitar. Uma feiticeira sexy (Isabela Rossellini) vê na bebida uma salvação oferecendo-lhe "um toque de magia em um mundo obcecado com a ciência". Um icônico *siempre viva!* é o lema da poção sensual, a que Madeline adere. Após sofrer sua primeira morte, ela se torna não uma morta-viva, mas uma viva-morta, um cadáver que não envelhece. Ela conseguiu enfim o que desejava. E é a partir do assassinato de Helen (Goldie Hawn), rival e vítima da assassina Madeline, que se desenrola essa leve comédia mórbida. *Mad e Hell*, como se chamam chistosa e carinhosamente, foram seduzidas e eternizadas pela magia da poção do fim da vida. Mortas, ambas fazem as pazes e vivem atormentando o marido e ex-namorado, o prudente Ernest (Bruce Willis), para quem a vida eterna é "um pesadelo". Elas não ligam. A morte, como diz o nome do filme, *lhes cai bem*.

A partir das metáforas, imagens e soluções da morte evocadas por esse filme, gostaria neste texto de ler a atual e dramática enxurrada de informação e desinformação ao redor do covid-19, para ampliar a análise da subjetividade fascista já iniciada em outro momento<sup>3</sup>. No entanto, à diferença do tom frankfurtiano daquela crítica do fascismo brasileiro, quero aqui me valer dos insights freudianos sobre os mecanismos de negação. Tal como antes, me valho do arsenal dos chistes, memes, vídeos e posts produzidos e difundidos por pessoas que afirmam hoje estar "muito preocupadas com tudo isso", mas consideram "o isolamento exagerado", uma "histeria" como disse o presidente Jair Bolsonaro. Elas dizem reconhecer "a

gravidade do corona, porém" — a adversativa sempre retorna — "não se pode esquecer da economia". "Eu li", diz o negacionista, "estou informado"; ele escolheu saber. E mais: "não foi só no zap da família, li informação técnica de verdade e que a mídia não está mostrando", repetindo mais uma vez o presidente "eleito". Estão e estamos todos, negacionistas ou não, obcecados. "Hoje não fiz nada além de ler sobre o assunto" — uma república fake de especialistas. Os números, aliás, inundam o zap: "mais de 50% curados"; "7.432 salvos na Itália"; "mais de 100 mil curados, vamos espalhar positividade". Todos recém tornados experts em números e gráficos, em curas e mortes. Agora sobre novas e múltiplas telas, a salvação (para quem? do quê?) não será questão cômica nem sexy, não virá da magia, talvez de uma poção, a poção do "trabalho".

Atento aos ditos e interditos racionalizados no negacionismo científico-sanitário atual, quero neste ensaio tentar acessar sua economia libidinal e trazer parte dela à tona. Este esboço de crítica dos investimentos pulsionais em circulação pode ainda contribuir para demonstrar a riqueza dos insights da psicanálise, e, sobretudo, como seus instrumentos e camadas de observação podem e devem ser somados às análises sociopolíticas do anti-intelectualismo corrente, ele próprio parte constitutiva do drama hoje globalmente vivido.

### **A tudo e a todos**

A crise sanitária mundial disparada pela força de contágio do coronavírus reforçou e atualizou alguns dos leitmotivos do reacionarismo atual no Brasil: família, pátria e trabalho. Não, por acaso, as carreatas pelo "fim do isolamento" tiveram a mesma tonalidade verde e amarela dos protestos pró-golpe de 2016 e da vitória eleitoral de 2018. A justificativa mais recorrente é salvar "o mercado", "o andar da economia", "a produção", que "não pode parar". Um post reforça as afirmações do presidente e ironiza: "calma, gente, Bolsonaro não tá obrigando ninguém a trabalhar, não... Isso é só pra quem gosta e tem costume". "O que vai acontecer se o Brasil parar de trabalhar?" — se pergunta outro post, cuja imagética lembra a da seleção brasileira de futebol —, e segue: "Queremos trabalhar. Buzinaço. 27/03. Isolamento vertical". Labuta e um tipo vertical de afastamento são assim suas medidas sanitárias alternativas. Sintomaticamente um dos posts fica sem responder: se o Brasil parasse, o que aconteceria?

Os opositores reais e inimigos imaginários dos partidários do "isolamento vertical" são aqueles que defendem "ficar em casa" como melhor alternativa na situação atual. Eles são percebidos como "simplistas" e "reducionistas". Segundo o zap negacionista, faria bem ao debate "bom senso, honestidade e apartidarismo". "Temos que evitar o velho fla x flu" é o apelo que chega no mesmo dia em que circula uma foto de camisa de futebol do — assim nomeado — "Covid Sport", com o patrocínio estilizado e estampado em símbolos do psol, da China, da Globo e do pt. Imagem não menos mobilizadora, porém igualmente vertebrada pelos eixos da antimídia e da antipolítica, foi a foto de palafitas amontoadas defronte ao esgoto a céu aberto. Abaixo da foto, inimigos são listados: "Fiquem em casa. Falaram os artistas, os políticos, os prefeitos, os governadores, os jornalistas, outros tantos cheios de bondade. (...) Economia a gente recupera dizem eles".

4 C.f. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/30/oms-reforca-necessidade-de-isolamento-social-e-testes-para-conter-velocidade-das-transmissoes-de-coronavirus.ghtml>

No emaranhado dessa primeira camada de racionalização negacionista distinguida pelo ideal de mercado e pelas contrariedades externas que tem de encarar, veremos que se repete uma preocupação com "as famílias", "os pobres" e, mesmo, "as vidas". Diante dessas figuras, algum economista ou cientista social já denunciou no Facebook que falta aí o social, a vida em sociedade. Ledo engano. O negacionismo não apenas tem um modelo de sociedade, como sabe e repete que "uma coisa depende da outra", "não há vida sem economia, nem economia sem vida". Às alternativas propostas pela esquerda a negação recoloca, com sentido invertido, o mesmo ponto — "é falsa a oposição entre salvar a economia e salvar vidas", retruca, "eu não precisava dizer o óbvio".

No discurso "pró-economia", figuras da desigualdade e das relações de gênero se cruzam para empreender uma "defesa" da "vida". No post do "Autor desconhecido", lê-se que "é difícil defender quarentena quando o armário já está vazio e que, se não trabalhar não tem salário, trabalha de manhã pra comer de noite e o filho tá pedindo iogurte". Neste âmbito das metáforas familistas, uma fala antipolítica pede que "não se alimente a divisão, o momento é de união", pois "discutir política durante uma pandemia é como discutir divórcio durante um incêndio". Também negando a disputa política, o post do apresentador de televisão adverte que "a fome está chegando antes da doença. Não é hora de guerra política". Em resposta, a base negacionista reafirmou sua convicção: "Soletta: Bolsonaro tem razão". Não só o negacionista se acha "razoável", como também lhe é mentalmente impossível não ter "a razão".

Rentes àquele imaginário de gênero que tem aversão à separação conjugal e social, parte do público negacionista, e o presidente da República, aproveitaram a crise atual para se atualizar e improvisar um antifeminismo, por ora, feminista: "E as mulheres que estão sendo violentadas em casa?" Melhor que se volte ao trabalho, dizem. Eles não foram os únicos familistas que viram na pandemia uma oportunidade político-libidinal para lucrar. "Vivi", afirma o natalista, "para ver um monte de gente a favor do aborto dizendo que o mais importante é a vida".

Metáforas análogas dão também o recado contra a mídia hegemônica: "Isso se chama corona fome," lê-se na foto com duas crianças abandonadas ao chão, "como não é negócio a mídia não mostra". O parlamentar da extrema-direita excita as redes se perguntando "por que a mídia não divulga que o general Heleno, 73 anos, curou do coronavírus (...). Que imprensa é essa? Só notícia o que leva a pânico?". As fontes vão além do zap da família circulando também pelo Twitter e Facebook. Porém, mesmo quando se vale das fontes tradicionais da imprensa brasileira, o negacionista é seu "crítico" ("não acredito em nada") e lê até onde lhe apraz, isto é, até que a defesa idealizada do mercado siga satisfeita com seu ideal de família. Se, como a manchete afirma, a "oms diz que contágio do novo coronavírus está passando 'das ruas' para 'dentro das famílias'", ele performa um protopânico "para voltar ao trabalho" e nele se detém, se recusando a levar em conta a realidade de que a oms, na mesma frase do jornal, "reforça necessidade de isolamento social"<sup>4</sup>.

Não é só como ideal que a família emerge no negacionismo. A família herdada pelo parentesco é também seu bode expiatório imaginário, seu cúmplice ideal. O eu da negação, contudo, não

5 C.f. <https://www.facebook.com/valdir.cruz/videos/3669791936427898/>

6 Danowski, Deborah. 2012. O hiperrealismo das mudanças climáticas e as várias faces do negacionismo. *Sopro*, p. 2-11, 2012.

se afirma. O negacionista não é para si negacionista, pois "quem não sabe" é a tia e o tiozão; a "desinformação" é projetada nos seus pais e avós... Ele não: o negacionista é ilustrado, ilustrado convicto — needless to say —, diz "já" saber porque, ao contrário dos "simplistas", ele "prefere se informar". Escolhe ativamente suas fontes lado B e com elas se nutre e sonha. "Cansado da sem-vergonhice", prefere sbt a Globo; nos casos mais escolarizados, disfruta de Fox News ou de "Os pingos nos is", no YouTube; e quando passa pela mídia hegemônica brasileira, ele a edita.

A proposta a tudo isto seria, então, sairmos de casa e bebermos da poção do mercado de trabalho. O apelo dado em vídeo por um dono de rede de supermercados é uma representação sui generis da fantasia negacionista<sup>5</sup>. Não por acaso, sua fala começa por aquela adversativa distintiva: "Eu também sou a favor de ficar em casa, mas...". Mas não é. Ele diz: "vamos fazer o menos pior nesse momento. Vamos nos preocupar em passar essa fase lutando, não se acomodando (...). Eu conto com vocês. Segunda-feira voltem ao normal. (...) Não escutem aqueles que querem a destruição do país".

Esse tipo de apelo pode ser visto em inúmeros chistes e posts que via de regra envolvem pares como vagabundo-trabalhador e responsável-irresponsável. Tais piadas em versões textuais e imagéticas devem provavelmente ter sido difundidas, consumidas e celebradas por centenas de milhares de mídias e famílias Brasil afora. Interessante notar que a solução proposta, "mãos à obra", reproduz sintomaticamente lógica análoga à do negacionismo climático. Como mostrou D. Danowski<sup>6</sup>, além de acusar os ambientalistas de "catastrofistas", o negacionismo climático vê a solução para o aquecimento global na liberação, e não na restrição, da atividade humana sobre o mundo.

À primeira vista, poderia parecer que o negacionista "pró-economia" é pautado por uma relação erótica construtiva com o mundo. Seu discurso diz querer "salvar vidas", proteger "as crianças", "as mulheres", "os pobres", "a família", evitar "a destruição do país". Tudo muito bonito e edificante, não fossem as metáforas e referências à morte que interpelam e dão sentido a esse imaginário. O mundo tal como representado nesse discurso é o mundo do "menos pior", é o esgoto, o incêndio, o armário vazio, as crianças ao relento... Essa é "a verdade destruidora" que os não-negacionistas "não veem". A contiguidade ambivalente entre pulsões de vida e de morte, à raiz dessa imaginação, pode ser notada na guerra declarada pelo negacionista. "Vamos em frente, nós temos garra, somos guerreiros. Nós temos uma Pátria para lutar por ela, nós temos a nossa missão para cumprir." — e arremata — "Eu com vocês, vamos à luta". O negacionista, que não está sozinho, se oferece à posição de mártir, se dispõe a morrer dizendo que pode "até não estar aqui" mais tarde, embora queira arrastar consigo os demais, seus "colaboradores" e consumidores do mercado, "à luta", para "o normal de segunda".

Se vendo altruísta, o negacionista mais gravemente perverso diz só querer ajudar; seus "inimigos" não são "cheios de bondade", como supostamente alegam. Já ele, trabalhando, quer salvar "vidas" e "os pobres", quer conter e salvar a tudo e a todos. Mais que isso, porém, ele tem um interesse na própria morte. "Eu não vou me acovardar, vou lutar até o fim enquanto eu tenho força para ajudar". Não

satisfeito com as representações de um mundo decrepito, sua libido extrai prazer do flerte com a catástrofe e a morte. Assim, o suposto altruísta quer sobreviver "pelos outros" e morrer também, na labuta "até o fim". Isto, contudo, não exaure o exame daquilo que essa economia libidinal pode ainda nos dizer. Se em uma camada mais profunda observarmos, como faremos em seguida, o estatuto do delírio desejado pelos negacionistas, veremos que sua pulsão de morte lhes demanda, ao contrário, que eles não morram — não agora.

### **Sobre tudo e sobre todos**

E se o Brasil parasse? A sintomática não resposta a essa questão reprime algo que fala muito do negacionismo científico-sanitário.

A descrição de como seria essa paralisia nos permite atravessar o pré-consciente negacionista e chegar a alguns de seus desejos mais primevos. Segundo o post do "autor desconhecido", a defesa de "ficar em casa" vai levar o país a um cenário "pós-quarentena" no qual "vai morrer gente por falta de dinheiro pra saúde em geral, aumento da criminalidade, de fome, de depressão e suicídio". Os vários horizontes de futuro que são descritos por posts e vídeos deixam qualquer distopia, de Mad Max a Bacurau, no chinelo. Em depoimento, um negacionista expõe uma longa e detalhada história do que "vai acontecer", a cada "dia" e "grupos" se "tudo parar". Na sua imaginação, "os mortos que estão na rua, porque não têm ninguém para recolher os corpos, já entram em decomposição. No hospital, aqueles que já faleceram, há dois dias, também estão em estado bastante complicado".

Esse, no entanto, não é um futuro apenas imaginado, mas também desejado pelo discurso negacionista. Através dessas descrições mórbidas, o negacionista encena simbolicamente aquilo que espera inconscientemente que ocorra. Trata-se, neste sentido, não tanto de uma distopia, mas, mais propriamente, de um sonho tornado real, um cenário utópico que daria finalmente vazão às pulsões e alucinações negacionistas mais íntimas. O futuro projetado é como um filme tétrico. "Uns poucos", vislumbra aquela longa história, "vão conseguir chegar até em casa, contaminados pelo vírus e vão estar junto com a família. Outros, a grande maioria não vai conseguir chegar até em casa, vão cair nas calçadas e por lá vão ficar". No canal ultraconservador do YouTube, o elogio a um vídeo negacionista diz que "a arma de destruição em massa mais potente é a psicológica". Já para o grupo do zap, "é triste imaginar que tais verdades" do negacionismo "só serão (ou seriam, se Deus quiser) compreendidas caso tivéssemos uma crise de desabastecimento". Não é necessariamente o que vai acontecer se o Brasil parar, mas é o que negacionismo não tão inconscientemente deseja que aconteça caso o país "pare". O negacionismo nega, então, a fantasia de ver seus sonhos de anomia e extermínio realizados. Fantasia que ele preferiria, retomando Freud<sup>7</sup>, reprimir.

Numa postura agressiva e de ameaça, o negacionista diz que o mundo só terá futuro (não-negacionista) se tomarmos a poção mercadológica. "It's the right choice! The only choice!", grita a feiticeira sensual no filme macabro, "Drink it!". Longe da comédia, mas não tão distante, o negacionismo também se percebe como "a escolha certa" e "realista". É quase como um estelionato simbólico. A frase que encerra uma mensagem negativista sobre o coronavírus soa ameaçadora: "Ou chegamos ao consenso ou vamos

8 Cf. <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-distorce-fala-da-oms-volta-pregar-retorno-ao-trabalho-24340661>

9 Cf. <https://veja.abril.com.br/mundo/em-resposta-a-bolsonaro-diretor-geral-da-oms-insiste-no-isolamento-social/>

10 <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2020/04/03/oms-e-fmi-afirmam-que-ha-falso-dilema-entre-vidas-e-empregos.ghtml>

igualmente sucumbir". O ato falho não falha: vamos, de qualquer modo, sucumbir? E, mesmo quando posta a manchete "86% dos moradores de favela passarão fome", já se sabe que a solução é "ir trabalhar". Nem sequer ocorre em algumas discussões de zap que o Estado, com ou sem formas alternativas e civis de solidariedade, possa ou deva se responsabilizar e agir na crise. Qualquer ação coordenada nesse sentido é, para o negacionista, chacota.

A utopia oral do negacionismo é duplamente escatológica. Seu desejo de fim do mundo é um desejo cadavérico, repleto de moribundos, putrefação e lixo. Na fantasia encenada ao longo daquela história na qual "tudo parou", os alimentos estragados "fedem" e o sujeito narrador e sua família querem jogar o "lixo para fora", mas, ele diz: "está lotado o lixo. E nós não temos empresas fazendo a coleta do lixo. Isso já no segundo dia". Essa fala dá acesso àquilo que o negacionismo rejeita (isto é, quer expelir "para fora"): a contrariedade interna de seu próprio desejo mórbido e de um mundo mórbido. Se uma vez realizado esse sonho, mais adiante, o negacionista pode vir a ter naquele (fim de) mundo desejado uma promessa de prazer. Ele vai poder entoar um lapidar "eu avisei" (que não se confunde com o discreto e imobilizador "eu avisei" das esquerdas de hoje, pois, melancólicas, elas são críticas antecipatórias da realidade). O gozo negacionista, ao contrário, está postergado; ele poderá depois, talvez, reinar sobre todos seus adversários reais e imaginários. Sobre escombros, cadáveres e moribundos, sobre tudo e sobre todos, ele delira que poderá mostrar ao mundo que a única saída "racional" e "realista" para isto era "voltar ao trabalho".

Toda essa libido investida em descrições tensas do fim desejado do mundo, para afirmar "o mercado" e no mesmo passo reprimir o lixo interno, tem condições e efeitos políticos. O negacionismo presidencial nutre a base e dela se nutre. Mais do que um cálculo, essa é uma aposta política. Bolsonaro vislumbra que, ao final do processo (?), seja qual for a relação entre o número de mortos, de sobreviventes contagiados e de pessoas que poderiam ser salvas por ação coordenada, ele poderá culpabilizar outros, o vírus ou os governadores, tanto pelo "desastre na economia" como pela "catástrofe" "de vidas perdidas". Seja qual for o cenário, se vê ganhando. Assim, ele aposta em 2022 projetando-se à dianteira do coro escatológico do "eu avisei". O presidente, no entanto, tem que lidar com uma série de contrariedades externas, seja a China, Donald Trump ou a oms, sejam os números e militares ao seu redor. Tais contrariedades colocam entre ele e sua base certo descompasso: enquanto a base permanece contrariada e arredia com o crescimento exponencial dos casos, o presidente mostrou alguma submissão a Ananké, esboçando aceitar as condições impostas ao dizer que incorpora as recomendações da oms ao mesmo tempo, porém, em que lhes torcia<sup>8</sup>.

A base e o presidente parecem, na verdade, disputar quem é mais "realista", quem é mais capaz de ignorar os desmentidos diários de suas opiniões. Se a fake news editou a fala do representante da OMS e foi por ele em seguida desdita<sup>9</sup>, o negacionista se recusa a reconhecer. Mesmo quando os magos do fmi o contradizem<sup>10</sup>, ele recalca repetindo que "não há dilema entre vidas e empregos".

O seu eu faz mais que editar a realidade (o que poderia ser dito de qualquer paixão ou neurótico saudável): de modo perverso, escolheu "se informar", e falsifica a própria falsificação sem desconhecer a sua dupla falsidade – sabe, portanto, que a fake news é fake.

Traço análogo se evidencia em suas leituras de revistas científicas e de divulgação. Numa lógica perversa de fixação nas retificações normais à construção da ciência, tanto mais compreensíveis em contexto de crise aguda, o negacionismo não recusa o discurso científico, mas a sua natureza controversa. Para o negacionista, tais retificações são horrorosas – "os cientistas já mudaram o papo", "agora ninguém sabe de mais nada", "eu li". "Descrente" "porque sempre tem politicagem", ele falsifica a controvérsia tanto falsa como verdadeira e retorna, impelido, a fontes mais infantis e "seguras": um pediatra "que mostrou toda a verdade que a mídia esconde" no YouTube, o áudio de um "médico do Rio de Janeiro que assegura que ninguém com menos de 40 anos vai morrer disso" e tantas outras a-versões de um "autor desconhecido" no zap.

**O que, afinal, nega o negacionismo? Sobre o limite da crítica**  
"Não se acomodar" e "mãos à obra" são versões daquilo que é hoje oferecido como alternativa pelo discurso negacionista científico-sanitário. Isto não é novidade. O negacionista se vende como altruísta e, assim como qualquer um, tem um autointeresse cuja veia pulsante foi, no delirante zap do condomínio, explicitada por uma adversária do negacionismo: "você quer se matar?". Mais a fundo, e antes de termos chegado ao descompasso íntimo entre política presidencial e a recusa perversa da realidade essencialmente controversa da ciência, a análise da poção/pulsão mercadológica permitiu desreprimir momentos de uma macabra catástrofe encenada simbolicamente e largamente compartilhada. Assim, para responder a pergunta-título, a hoje fervorosa defesa "pró-mercado" não nega a "gravidade" da conjuntura; não se trata tampouco de negar o discurso científico tout court. Não é todo e qualquer discurso científico que é negado, pois o discurso negacionista também se ilustra na ciência. O que o negacionismo preferiria ter recalcado é, antes, sua utopia escatológica; nega, portanto, seu sonho de destruição em larga escala tornado, por ação e inação humanas e não-humanas, quiçá em algum momento realidade, quando o negacionista vai, enfim, poder gozar.

Este esboço de crítica da negação à ciência é, todavia, incompleto. Refazendo a pergunta inicial com outra tônica, reconheço que a tarefa não chegou a termo. Não foi possível responder o que ou quais discursos seriam capazes de negar o discurso negacionista. Espero ter respondido parcialmente à questão "o negacionismo nega o quê?", mas não tratei das forças e reformulações, dentro e fora das ciências, que poderiam dar conta de contradizê-lo no seu próprio terreno e em seus fundamentos. Este é um limite nada desprezível.

A despeito dessa limitação, no entanto, o trajeto percorrido deixou provas e pistas úteis a outros diagnósticos, principalmente aquelas pistas de que o negacionista não é irracional nem desinformado. Ele bebe das suas próprias fontes. Não se trata, então, de um problema de raiz cognitivo-psicológica nem, muito menos, comunicativa. Não

lhe falta informação mais qualificada ou mais verdadeira; verdades, com efeito, sobram. O negacionista é refém da sua verdade e da verdade da sua perversão. Não lhe falta razão ou razoabilidade; ele mesmo pede "bom senso" e, com onipotência característica, se recusa a outro caminho que não seja um imaginário "meio-termo", "o mais sustentável".

Aos diagnósticos mais atuais, nossas pistas trazem desfecho desanimador. Aqueles que, por exemplo, apostam numa "cultura comum"<sup>11</sup> notarão aqui que os caminhos para um projeto comum de mundo estão largamente bloqueados pela com-pulsão que quer e parece levar negacionistas de todos os naipes, e por todo o planeta, a desejarem não o fim deste mundo, mas o fim de todo e qualquer mundo. De outro lado, não há melhor notícia para aqueles preocupados com os impactos fatais da avalanche de dados e informações sobre os modelos de democracia. Os vários críticos das polarizações encarnadas e encarniçadas nas redes sociais tendem a ignorar que o negacionista não critica, ao contrário, compartilha com eles da mesma defesa do "fim dessa polarização", "que acabou com o Brasil". Tal como a maior parte dos públicos virtuais, o negacionismo se nutre de redes altamente hemofílicas que são, mais à direita que à esquerda, nutridas pela falsificação incessante de grupos e bots.

Se há um limite, porém, que esta crítica transpassou e por onde possa talvez contribuir a outros diagnósticos, é somar camadas pré-conscientes e inconscientes de análise à observação. Elas estão repletas de implicações sociais e políticas a começar pelo reconhecimento de que o negacionista não desconhece a realidade; ele, tal qual o infante e o perverso, apenas picota os indícios do real quando a realidade não lhe satisfaz — quase sempre, portanto. Seja como for, por detrás desse não-desconhecimento, desse "eu já sei" negacionista, está a simples e triste verdade de que aos sujeitos do negacionismo científico, assim como àqueles que hoje investem na negação da ditadura, a morte em suas imagens e monstruosidades lhes cai muito bem.

1 Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo, FEC-Unicamp. Pesquisa Violência, Urbanismo e Arte na América Latina.

2 Science, Chico e Nação Zumbi. *A cidade*. In: Da Lama ao Caos, 1994.

3 Foucault, Michel. O olho do poder. In: Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1994.

4 Butler, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. São Paulo, n-1 edições; crocodilo edições, 2019.

5 Weizman, Eyal. Vigiando o passado e o futuro através do vírus. *Pandemia crítica*. São Paulo, n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/055>

6 Mbembe, Achille. *Necropolítica*. São Paulo, n-1 edições, 2018, pp. 34-35.

## Notícias do *front* ou uma carta de amor.

Clara Barzaghi<sup>1</sup>

Estou te escrevendo porque não tenho conseguido escrever, fico dando voltas pela casa, danço e às vezes choro, falo sozinha e para a cidade. A cidade não fica vazia, ao contrário do que disseram alguns durante os primeiros meses de quarentena.

"A cidade não para, a cidade só cresce, o de cima sobe e o de baixo desce"<sup>2</sup> e em tempos de covid-19 as operações de remoção de moradores de rua seguem a todo vapor, lado a lado às reformas de calçadas por todo o centro de São Paulo. Seria preciso escrever uma história dos espaços que fosse uma história dos poderes<sup>3</sup>, essas palavras de Foucault martelam na minha mente como um mantra, a materialidade é o efeito dissimulado do poder<sup>4</sup> e a história das cidades pode ser pensada como a história de codificações racistas mais ou menos escancaradas<sup>5</sup>. Tenho para mim que a diferenciação entre o que Foucault denomina racismo de Estado e o que Mbembe chama de necropolítica consiste mesmo no fato de que as colônias sempre foram o lugar onde o poder operou à margem, "zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da 'civilização'", ali, ao menos segundo o Mbembe, desde sempre "a paz assume o rosto de "uma guerra sem fim", não se combate inimigos, mas criminosos"<sup>6</sup>.

A cidade só cresce e em meio a fechamentos de assistência pra dependentes químicos, moradores de rua apinhados em ônibus lotados em operações de remoção, ações policiais legitimadas pelo discurso dos jornalistas que, por ignorância ou má-fé, chamam de "tumulto" a vida de quem vive nas ruas, a linha entre quem vive e morre na pandemia que para alguns inaugura o século XXI já foi traçada de antemão há muito tempo. Nóia só se fode, diria um amigo, mesmo quando a chance de um *playboy* da Faria Lima ser um transmissor da doença é consideravelmente maior do que o mano do farol.

Bom, sinto informar, mas estamos esquecendo o 11 de Setembro quando falamos, talvez tomados pelo assombro e pelo medo, que o século XXI começa agora. Veja bem, meu bem, há uma guerra em curso há mais tempo do que nossa moral nos permite admitir para dormirmos tranquilos, a cabeça e o corpo não dão conta de lidar com todos nossos mortos. No entanto, não há nada mais palpável do que 1500 mortos por dia, não é mesmo? Como a gente segue vivendo com isso? E como a gente vivia antes, num país onde o sistema carcerário mata há 200 anos mais do que qualquer pandemia, num país com a polícia mais assassina do mundo, no país com o maior número de feminicídios da América Latina, no país que mais mata população queer do mundo? Melhor não ir por aí, senão a gente pira, fica dando voltas pela casa e não consegue escrever, sabe como é? Ou não, tem mesmo é que ir pelos caminhos do que é intolerável e nomeá-lo a cada instante, o que começa por nomeá-lo em nossa própria vida.

## 7 A Sierguéi Iessiênin

Você partiu,  
como se diz,  
para o outro mundo.  
[...]  
Remédio?  
Para mim,  
despautério:  
mais cedo ainda  
você estaria nessa corda.  
Melhor  
morrer de vodca  
que de tédio !  
Não revelam  
as razões  
desse impulso  
nem o nó,  
nem a navalha aberta.  
Pare,  
basta !  
Você perdeu o senso? -  
Deixar  
que a cal  
mortal  
lhe cubra o rosto?  
Você,  
com todo esse talento  
para o impossível;  
hábil  
como poucos.  
Por quê?  
Para quê?  
Perplexidade.  
- É o vinho!  
- a crítica esbraveja.  
Tese:  
refratário à sociedade.  
Corolário:  
muito vinho e cerveja.  
Sim,  
se você trocasse  
a boêmia  
pela classe;  
A classe agiria em você,  
e lhe daria um norte.  
E a classe  
por acaso  
mata a sede com xarope?  
Ela sabe beber -  
nada tem de abstinência.  
[...]  
Para que  
aumentar  
o rol de suicidas?  
[...]  
Por enquanto  
há escória  
de sobra.  
O tempo é escasso -  
mãos à obra.  
Primeiro  
é preciso  
transformar a vida,  
para cantá-la -  
em seguida.  
É preciso  
arrancar alegria  
ao futuro.  
Nesta vida  
morrer não é difícil.  
O difícil  
é a vida e seu ofício.  
Vladimir Maiakowski  
Tradução Haroldo de Campos

Na praça da República a cidade não silencia nunca, do trolebus aos delírios da madrugada, que começam mais cedo em tempos de pandemia, passando pelo som dos cascos da cavalaria da Polícia Militar no asfalto quente, o silêncio é privilégio de quem o vive enquanto experiência subjetiva, porque a cidade está aos berros, aos rojões da droga que não para de chegar nas biqueiras, rojões esses que se tornam arma contra a ofensiva policial na cracolândia, porque há vãos por onde passa a revolta até nos espaços onde a violência institucionalizada opera sem piedade – e a revolta se faz aos berros! ou às vezes aos sussurros e gemidos e gagueiras também, mas os gritos contidos também são gritos e quando calamos deveria ser para ouvir outras falas do mundo e não nossos silenciosinhos de merda, a paz interior, esse conceito asqueroso, argh! As pessoas nas salas de jantar seguem ocupadas em nascer e morrer, e eu sempre achei melhor morrer de vodca do que de tédio, ao melhor estilo do poeta russo<sup>7</sup>. É preciso estar atente e forte, cantava a canção, não temos tempo de temer a morte, principalmente quando ela bate na porta de nossas casas resguardadas por álcool em gel, invólucro de uma vida com base no *delivery* via aplicativos, mas “nós” nunca fomos o verdadeiro alvo, e é preciso dizer isso.

Pois pior que o 11 de Setembro foi o Bush mandando a ideia que, penso com meus botões, inaugura o século XXI: “You are with US or you are against US”<sup>8</sup>, a frase é um gesto inaugural de fronteiras delimitadas a cada instante e em cada esfera da vida. São fronteiras físicas e subjetivas das quais ninguém escapa e nosso senso de comunidade rapidamente pode se converter em norma de conduta. Who the fuck is US? Quem é esse “nós” que George W. Bush (filho) chama de América? Ora, aqui do lado debaixo do equador, “nós” foi criado a imagem e semelhança dessa América aí, THE America. White Supremacist America, que atira antes de perguntar em qualquer suspeito, monitora qualquer potencial criminoso, e o que define quem vai ou não ser um criminoso é justamente quem pode ou não ser “nós”.

Este texto surge como uma carta de amor, ou de paixão, por assim dizer, se considerarmos o amor o mais servil dos afetos. Uma carta de cumplicidade apaixonada, simplesmente porque sim, porque a magnitude do presente faz aflorarem algumas coisas, dentre elas o apreço pelas paixões alegres que ajudam a atravessar o mar alto, sabe como é? Há momentos em que escolher bem nossas alianças é, mais do que sempre já tem sido, encontrar intercessores para gritar o indizível ou para nos ajudar a criar o chão que sustenta nossa própria vida. Correndo o risco de debandar para meus sujos segredinhos familiares aqui, tua existência me ajudou a dar conta de um mundo no qual qualquer violência que for feita contra mim é legitimada porque eu sou uma “bêbada drogada”. Bom, verdade seja dita, apanhar do meu ex marido me livrou de uma vida de merda na qual a única narrativa possível sobre mim é que eu sou uma pessoa quebrada que precisa de reparo e cuidados – a tua presença não precisava dizer com todas as letras, mas reivindicou comigo todos os dias a minha existência e ajudou a criar a rota de escape, talvez o problema das relações que chamamos de amorosas seja esperar algum resultado diferente quando segue operando o Estado como categoria do pensamento, diante de tal aposta as únicas existências aceitas são as que querem ser parte de “nós”, mas pra ser franca eu acho um tédio essa história de viver como nossos pais, nem minha mãe vive assim.

8 <https://www.youtube.com/watch?v=-qdv6h8WKg>

9 <https://oglobo.globo.com/sociedade/cracolandia-de-sp-mantem-fluxo-especialistas-temem-contagio-total-entre-usuarios-24327678>

10 Michel, Foucault. Introdução à vida não fascista. In: *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por wanderson flor do nascimento. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf>

Diante dos moradores de rua sendo classificados como "vetores ambulantes"<sup>9</sup> da covid-19 e de um casal que mora na rua da minha casa e dorme amontado com seus cachorros tudo junto misturado no mesmo colchão, dediquei algum tempo a pensar como o isolamento social é pensado e previsto de acordo com certos padrões morais e elitistas de família que ignoram qualquer pessoa que viva outramente.

Mas sabe o que? O único interesse em viver outramente é, se na hora do vamos ver, a gente já sabe de que lado da guerra está. O nosso mundo tem que acabar e isso é uma batalha contra si mesmo antes de mais nada, não é? Mas o si mesmo não importa muito diante de um genocídio, logo ele nunca importou, os genocídios sempre estiveram aí na história dessa humanidade que conhecemos, sabe como é... embaixo do nossos narizes racistas que se acham antirracistas, nossos umbigos fascistas em torno dos quais acreditamos girar todo o mundo, porque muitas vezes temos certeza que o mundo somos nós e nosso entorno imediato. O Foucault tem me visitado bastante, ou eu a ele, não sei bem dizer, nesses tempos, pra lembrar que o inimigo não é apenas "o fascismo histórico de Hitler ou Mussolini - que souberam tão bem mobilizar o desejo das massas - mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora"<sup>10</sup>. Algo que eu traduzi para mim mesma como "eu acordo todos os dias, me olho no espelho e penso que meu mundo tem que acabar". Assim eu escolho meu lado na guerra, é um combate contra si mesmo e contra a normalidade.

Esse "nós" que dá a medida do normal é o mesmo que faz meus colegas acharem que são pessoas precavidas por fazerem mercado pelo aplicativo e não saírem de casa há sabe-se lá quantos meses. Terceirizar sua morte não tem a ver com ser precavido, mas antes com achar que sua vida vale mais que a dos outros seres, veja todos que não vão em manifestação durante a pandemia porque vivem com a mãe que é do grupo de risco, mas sabe, quem vive em Cidade Tiradentes nem tem essa preocupação porque lá a idade de morte é 57 anos, sua mãe nem chega a ser grupo de risco, e se chegar você provavelmente divide quarto com ela, então isolamento social é algo bem distante da sua realidade. Ah, para que não reste dúvidas do que estou dizendo, isolamento social não existe em uma cidade como São Paulo, a não ser para "nós". "Há esperança infinita, mas não para nós", disse Kafka certa vez e eu que não costumo discordar dele vou responder dizendo que nem o autor que escreveu o mais absurdo dos mundos previu um mundo onde só há esperança para "nós". Mas, veja, sabemos que Josef K. não tem salvação desde a primeira cena de *O processo*, e a ele só resta ser moído pela máquina.

Daí que eu tenha dançado bem juntinho com a obsessão foucaultiana pela história dos espaços ao longo do chamado isolamento social, pois essa história à qual ele se refere pode ser do lar, dos equipamentos coletivos de saúde, das prisões... Os delírios das madrugadas trancafiadas não devem ser jogados fora, não é mesmo? E por noites a fio conversei contigo na sala de casa, e por vezes com teus textos e de outras pessoas, por vezes conversei com cúmplices que se estreitaram nesses tempos de pandemia. Amizades mesmo que surgem, ressurgem, se afirmam nesses momentos

11 Augusto, Acácio. Amor e servidão, paixão e revolta. *Revista Verve* (PUCSP), ed. 37, 2020.

12 Gal Costa. *Dê um rolê*. In: Fa-tal. Gal a todo vapor. 1971. [https://www.youtube.com/watch?v=pvf0a\\_gBD\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=pvf0a_gBD_4)

13 Referência a Oswald de Andrade que Torquato e Gil recuperam em *Geléia Geral*, música que tem me posto para dançar quando a cama parece pegar fogo [https://www.youtube.com/watch?v=CuNI\\_Ud92Qk](https://www.youtube.com/watch?v=CuNI_Ud92Qk)

14 Racionais MCs. *Mágico de Oz*. In: Sobrevivendo ao inferno. 1997. <https://www.youtube.com/watch?v=xNltful76jw>

15 Racionais MCs. *Nego drama*. In: Nada como um dia após o outro. 2002. <https://www.youtube.com/watch?v=tWSr-NDZ14s>

nos quais a força da história aparece como um rolo compressor e a gente vai tentando encontrar um jeito de respirar, né, porque não dá para dormir quando o mundo cambaleia. A isso eu tenho chamado de amor, ou camaradagem amorosa, para seguir os passos de Émile Armand<sup>11</sup>.

Tenho escutado muita música, como de costume, e sigo amor da cabeça aos pés<sup>12</sup>, aprendendo a só beijar o rosto de quem dá valor, e como é de praxe sem saber muito bem aonde podem levar tantas paixões. Mas, sabe, a alegria é mesmo a prova dos nove<sup>13</sup>, a tristeza um porto seguro que faz com que a casa esterilizada possa parecer a única saída possível, e que se foda quem morrer tendo que trabalhar, matar a força de trabalho sempre foi a regra nas Américas, não é mesmo? Não há possibilidade de alegria no seio da família e do lar nesses termos, essa vou afirmar categoricamente! Daí que o amor tenha assumido de vez a forma de paixões que tomam essas estranhas configurações, esses encontros polimorfos que fazem proliferar a vida mesmo diante do mais absurdo dos mundos.

Você também se pergunta qual é a vida que vale a pena ser vivida?

Não importa que o vírus tenha vindo de Aspen e os *traders* da Faria Lima comprem sua cocaína de traficantes de elite com entrega a domicílio, no imaginário comum, seja pelo tio de direita ou pela assistente social a cracolândia é vista como um foco de contágio descontrolado, e medidas precisam ser tomadas para garantir o corpo são de "nós". O único som que sumiu das cidades foram os gritos e panelaços daqueles que duvidaram, por alguns momentos no começo da pandemia, de seu estatuto de sujeito cuja vida está garantida para seguir sua linha em direção à morte num futuro distante. Sabe que eu saí de casa todos os dias durante a quarentena? Para passear com o cachorro, mas você pode imaginar que eu também precisasse passear, os grandes problemas estão nas ruas e em tempos de catástrofe a rua me trouxe belos encontros, há mais vivacidade em grande parte das pessoas morando nas ruas do centro de São Paulo do que nas salas de jantar de muitas pessoas que eu conheci.

Isso é uma constatação e uma tomada de posição. As ruas sempre me acolheram e outro dia no farol um moço com máscara de oncinha me disse que se todo mundo pensasse igual a nós, a cracolândia seria o Mundo mágico de Oz, sorri e passei dias escutando a música dos Racionais que ele referenciou. Essas coisas mexem com a gente, sabe? "Ninguém liga pro moleque tendo um ataque, foda-se quem morrer dessa porra de crack"<sup>14</sup>, canta a canção, e em tempos de pandemia a limpeza vem implacável e passeando com o cachorro certo dia parei pra ver uma movimentação ali debaixo do minhocão, onde mora um monte de gente... morava. Uma família, esse dia, estava sendo educadamente removida pela polícia, sem caô, do lado da polícia já veio junto a equipe da faxina que queria acelerar o processo e começar a jogar água naquela sujeira toda. Tudo muito tranquilamente, porque diante de pandemia todo cidadão de bem, de toda sorte de espectros políticos, quer mais é que aquela gente toda desapareça, "ver pobre preso ou morto já é cultural"<sup>15</sup>.

16 Foucault, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 2002, p.164. *apud* Augusto, Acácio. *Guerra e pandemia: produção de um inimigo invisível contra a vida livre*. São Paulo, n-1 edições. disponível em: <https://n-1edicoes.org/018>

### 17 Poética

Estou farto do lirismo comedido  
Do lirismo bem comportado  
Do lirismo funcionário público com  
livro de ponto expediente protocolo e  
manifestações de apreço ao Sr. diretor

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no  
dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais  
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção  
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador  
Político  
Raquítico  
Sifilítico  
De todo lirismo que capitula ao que  
quer que seja fora de si mesmo

De resto não é lirismo  
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do  
amante exemplar com cem modelos de cartas e as  
diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc

Quero antes o lirismo dos loucos  
O lirismo dos bêbedos  
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos  
O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Manuel Bandeira

18 Invasores de cérebro.  
*Noites quentes da cidade*. In:  
O cérebro é uma bomba relógio/  
O cérebro é o apocalipse. 2008.  
[https://www.youtube.com/  
watch?v=eOpHJIXN1t8](https://www.youtube.com/watch?v=eOpHJIXN1t8)

Não fui só eu que andei tirando Foucault para dançar, como você bem sabe, do Acácio ao Preciado a passagem sobre a peste de *Vigiar e Punir* deu as caras de maneira aterrorizante, afinal "contra a peste que é mistura, a disciplina faz valer seu poder que é análise. [...] Atrás dos dispositivos disciplinares se lê o terror dos 'contágios', da peste, das revoltas, dos crimes, da vagabundagem, das deserções, das pessoas que aparecem e desaparecem, vivem e morrem na desordem. [...] No fundo dos esquemas disciplinares, a imagem da peste vale por todas as confusões e desordens; assim como a imagem da lepra, do contato a ser cortado, está no fundo do esquema de exclusão. [...] A divisão constante do normal e do anormal, a que todo indivíduo é submetido, leva até nós, e aplicando-os a objetos totalmente diversos, a marcação binária e o exílio dos leprosos; a existência de um conjunto de técnicas e instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais, faz funcionar os dispositivos disciplinares que a peste chamava"<sup>16</sup>.

Na pandemia, as tentativas de marcar as binaridades e a normalidades não pediram licença e rapidamente surgiram os discursos que legitimam que a violência institucionalizada do Estado e também a violência de quem opera de acordo com a lógica estatal tenham alvo certo na hora de dizer amém às remoções embaixo do minhocão e na região da luz, na famigerada cracolândia. Não demorou muito para que a ameaça invisível fosse redirecionada aos corpos de moradores de rua, enxotados a qualquer sinal de proximidade indesejada por motoboys, camelôs, livreiros. A profilaxia agora opera em nome da exclusão dos "vetores" e assume a forma de uma guerra sem fim em nome da saúde e da paz, e eliminar os anormais tem sido a prática da heterolândia desde que ela existe. O que eu chamo de heterolândia é o que alguns chamam de hetero-colonial-patriarcado, esse CISTema binário e normopata. E diante do hominho da heterolândia, eu fico com o lirismo difícil e pungente dos bêbedos<sup>17</sup>, porque "loucos, pervertidos e anormais são o que há de mais verdadeiro, nada temem quando estão no picadeiro, nas noites quentes da cidade"<sup>18</sup>.

Nas minhas saídas com o cachorro eu conheci uma gay chamada Maicon que vive na frente do mercado e me avisou que se alguém mexer comigo nas redondezas eu posso chamar que ela chega junto para me ajudar a dar um apavoro nesses valentões. Como eu disse, as ruas têm me trazido o acolhimento de sempre e foi em uma *live* sobre abolicionismo penal que eu entendi que quando uma relação dá merda a única coisa a fazer é cair fora, ficar insistindo numa lógica do perdão e da redenção é o Estado em nós querendo punir aquela pessoa que não sabe nos amar do jeito que a gente gostaria. E o pior, nós esperamos que ela mude por meio de algum dispositivo moral da punição, como se pudesse existir uma moral do amor que vai trazer de volta alguma coisa que provavelmente nunca existiu. E se existiu acabou, às vezes o amor acaba também, o peso das instituições como a Família e o Casamento têm um poder regulatório do desejo verdadeiramente impressionante, o héterosensível, essa estirpe execrável composta pelos filhos do neoliberalismo, casa e acha que vira homem. Mas querer virar esse Homem nada mais é do que reivindicar o aspecto tanatológico disso que os discursos médicos e jurídicos e dos técnicos do desejo forjaram como sendo o homem da modernidade. O Estado é o monopólio da violência e o Homem é sua personificação, que detém o monopólio da violência sobre o corpo da mulher e de qualquer um que saia da norma. Pensar na união de duas pessoas nesses termos é abjeto,

casamento para mim nunca teve a ver com isso, e sim com a experiência compartilhada que se pode ter numa vida junto, o que não condiz com modular o desejo a ponto de desejar a repressão do desejo do outro. A repressão do desejo é o que eu chamo de fascismo, mulher que não anda na linha apanha mesmo, é o aparato estatal de cada um querendo enquadrar tudo na normalidade da heterolândia, aprendi que tem que aprender a sair fora, criar a rota de escape e meter o pé antes de acabar no manicômio ou no cemitério. E Preciado me contou que seguir se reivindicando como mulher também é legitimar o lugar de vítima que a heterolândia designou a quem nasceu com vagina, daí que tenha que escapar dessas nomenclaturas também, recuperar a violência que nos foi usurpada pelo Estado e seus agentes na forma de sujeito e bater de volta, sabendo que você pode perder, mas criando o tempo necessário para poder escapar.

O casal que mora na rua de casa, o garoto penteia o cabelo da garota, os nossos cachorros se parecem e eles brincam entre si, ela tem um cabelão embaraçado e eu passo e volto e eles ainda estão ali, no seu ritual quase diário de escovadas de cabelo. Eles usam um carrinho de supermercado como guarda roupas, vivem ali, na rua, e ele penteia o cabelo dela e às vezes quando passo e já não vejo suas coisas me pergunto para qual campo de concentração eles foram enviados. Sei que no século XXI o nome que se deu foi "abrigo", mas eles estavam mandando os indigentes com suspeita de covid19 todos para um mesmo lugar. São enviados como leprosos para sabe-se lá onde, qualquer instituição que queira regulamentar o comportamento dessas pessoas que de antemão são descartáveis. E a guerra segue eliminando o que se chamava de potenciais criminosos, vistos agora como vetores, essa categoria que parece uma atualização da definição do meio dos delinquentes durante a modernidade, essa identificação "dos titulares privilegiados e exclusivos dos comportamentos ilegais. pessoas rejeitadas, desprezadas e temidas por todo mundo"<sup>18</sup>.

Fizeram novos centros para enviar essa gente toda, um para quem tem cara de estar doente, outro pra mandar quem não tossir. Mas sabe, nem todo mundo quer ir para esses abrigos, ficar amontoado com mais de cem pessoas desconhecidas, sair de perto dos seus. Porque morar na rua tem essas formas de viver junto outramente, que o modelo de família burguesa do isolamento social não é capaz de decifrar e entende logo como aglomeração de gente perdida na vida. Tenho para mim que no abrigo não existe possibilidade de camaradagem amorosa, tampouco de pentear o cabelo de quem se escolheu viver junto, ali você vive do jeito que mandam viver. Eles são retirados da rua, mas eles voltam, os anormais sempre voltam e as linhas de escape que se cria para reivindicar a existência anormal vibram comigo, as ruas seguem mais vivas do que os corredores de apartamentos e casas de gente de bem.

Tem gente que vive na rua em grupo, em um colchão de casal, tem alguns em barraca, outras preferem viver sozinhas, mas tem gente que vive mesmo na rua, faz da rua seu lar, e tem gente que acaba ali porque quer beber e se drogar até morrer mesmo, o que separa quem é descartável de "nós" são as superfícies do mundo pelas quais essas pessoas deixam seus rastros. É a luta de classes, mesmo, o capitalismo, ele é pior que crack e corote, e quem fuma pedra e toma cachaça não morre de vírus, me contaram as ruas<sup>19</sup>.

19 <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/04/01/covid-19-boatos-sobre-saques-provocam-violencia-na-cracolandia-diz-pastor.htm>

20 Du Bois, W.E.B. *The souls of Black Folk*. USA, Oxford University Press, 2007.

As formações discursivas do poder se materializam nas ruas da cidade e o que diferencia quem vai ser chamada de usuário ou vai ser só mais um "jovem problemático" é a grana, a propriedade privada, *money money money*. Rico não termina no abrigo, não vai pra cracolândia, não vai para a internação compulsória na clínica que muitos nem sabem direito onde é, mas para o retiro *detox*, eles fazem isolamento social em seu *home office*, enchem a cara, fumam maconha ou cheiram cocaína, assistem séries e acompanham brigas nas redes sociais, e veem a vida passar pela janela almejando o futuro que não vem. Mas não há futuro, os punks estavam certos. Reivindicar o normal, seja ele novo ou velho, nunca foi uma opção tolerável.

Em frente à farmácia conheci Lorena, que se aproximou num passo entre estabonado e tímido, perguntando sobre meus cabelos e coloração e descoloração, me contou como tinha tido cabelos de outras cores em outros tempos. Entrei na farmácia, fiz minha compra, lhe entreguei os produtos que havia pedido, eis que a diaba se pôs a chorar, e eu não sei lidar com gente que chora, eu já acho que não sei lidar muito bem com gente nenhuma, mas eis que deságua em choro e não para agradecer, ainda bem porque nada mais abjeto que gente que dá as coisas esperando algum tipo de gratidão submissa em retorno, chorou por chorar, entendi conforme ela se desculpava pelo papelão, não sabe que deu nela, não é dessas que chora por tudo não, mas também não vai ficar segurando, porque a gente tem que deixar sair quando vem né, porque tem que ser sincera, ela dizia ser sincera e querer ser sincera comigo, gostou de mim, por isso chorou ali na minha frente desenfreada, e na mesma rapidez já tinha engolido o choro e apontava em direção à Avenida Paulista, "eu sou aquela bicha que apanhou do segurança do Pão de Açúcar, você deve ter ouvido falar de mim, o escroto me arreventou", e repetia seu nome com orgulho, como se eu devesse conhecê-la, ela está viva. As anormais também insistem em sobreviver e fazer escândalo.

Sabe o que eu acho curioso? Os boatos são mais que suficientes para aflorarem os fascismos que estão ali na superfície da pele, e num piscar de olhos podemos liberar o linchador em nós, veja que um cidadão médio atropelou moradores de rua ali no Arouche logo que começou a pandemia, porque disseram por aí que os nórias estavam na fissura, roubando, esse tipo de rumor que apavora os amantes da propriedade privada. Me lembrei de como a irmã do meu segundo marido certa vez perguntou se a praça Roosevelt era aquele lugar onde ficava um monte de drogado, enquanto outra pessoa respondia eu me contentei em pensar que essa era a praça em frente ao colégio que ela frequentou na zona oeste de São Paulo. Tem que dar nome aos *boys*, não é mesmo? Usuário por usuário, o que define quem termina no cárcere ou na vala comum é uma fronteira traçada pela linha de cor<sup>20</sup>, mas no Brasil a linha de cor se mistura com a linha de grana, e é a luta de classes, de novo .

Sabe que quando me disseram que eu não tinha para onde ir, que ninguém iria acreditar em mim, afinal todo mundo sabe que eu não passo de uma bêbada drogada, uma pessoa que considero grande amiga foi a única que me respondeu prontamente "eu acredito". Daí que esta carta amor que não se limite ao destinatário, porque os amores têm tomado essa forma agora, eles estão comigo nesses encontros, não passam necessariamente pelo sexo e existem na forma de cumplicidade que produz algo além do efeito direto que

21 Despentés, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo, n-1 edições, 2006.

## 22 Rápido e rasteiro

Vai ter uma festa  
que eu vou dançar  
até o sapato pedir pra parar.

ai eu paro  
tiro o sapato  
e danço o resto da vida.

Chacal  
In: *Muito prazer*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1997.

23 Assumpção, Itamar. *Ideia Fixa*. In: *Sampa Midnight*. 1986. <https://www.youtube.com/watch?v=zbMNI9HyN1Y>

tem na individualidade de quem ama – ainda que esse seja inestimável. Acho que dá para chamar de paixão, sim, ainda que outro dia eu tenha afirmado categoricamente "eu não estou apaixonada" por uma pessoa que não faz a mesma avaliação do nosso encontro que eu, mas porque paixão não tem nada a ver com os filmes e séries que são esfregados a todo o tempo na nossa cara. O que estou chamando de paixão, amor, camaradagem amorosa é a experiência compartilhada, e eu faço coro com Despentés ao dizer que não estou interessada em deixar de pau duro homens e mulheres que não me fazem sonhar<sup>21</sup>.

Mas, preciso admitir, viver das paixões cria uma tendência a superexigir da vida, ninguém deve ser obrigado a esposar nosso descompasso e às vezes é tudo uma questão de acertar os passos, outras tantas as possibilidades das relações estão aquém do que a gente esperava delas. Mas mesmo com todo o esforço e todo o punk a gente se vê preso numa promessa de futuro que nunca vai chegar, desejando a familiaridade de algo que a gente nunca nem experimentou. As possibilidades de existência que se apresentam com as relações são mesmo algo que tenho interesse em explorar, e no cenário concreto da heterolândia é muito raro encontrar gente com quem seja possível dançar na cama e no pensamento. Mas no aqui-e-agora as paixões ardem e os desencontros são tristes, ainda que não definitivos, tem que saber onde é possível encontrar cúmplices, pois ainda que rares, estão por todos os lados.

A experiência que compartilhamos me ensinou que alianças se criam de jeitos diferentes para cada um nas relações, não é possível mensurar isso, e às vezes a gente quer mais, porque às vezes aquilo assenta de um jeito que não gera angústia, afinal se relacionar é dançar juntos, ainda que separados. Obrigada por ter dançado comigo, mesmo quando eu dançava sozinha na sala ou nas ruas, eu sigo dançando contigo e eu sei que você dança comigo também, você já deixou isso claro, o que é o suficiente para seguir de sapatos vermelhos dançando. E se o sapato pedir para parar, eu paro, tiro o sapato e danço para o resto da vida<sup>22</sup>, com cólera e alegria.

E dançar junto não tem a ver com eu ou você. Os afetos são políticos, né, reduzi-los à experiência pessoal e interiorizada é fechar os olhos para a potência dos encontros. No entanto, os encontros se dão entre pessoas também, como se inserir nessa equação sem recair nos nossos Édipos é que é o pulo do gato. O trabalho junto sempre foi um lugar de paixões alegres para mim, daí o motivo desta carta, que deu passagem aos peso de 10 balaios de gato no peito<sup>23</sup>, porque é na experiência de trabalhar e pensar e estudar junto que eu tenho mais facilidade de encontrar camaradagem amorosa. Daí que minha irmã seja uma grande paixão, mas ela não é minha irmã, nós somos também a parceria que passa pelo combate contra nós mesmas e contra todas as regras de sociabilidade pressupostas numa relação familiar, e agora isso toma forma de livros que combatem conosco – a gente briga bastante também, porque relação é também conflito, eu não sei quem foi o hominho que inventou que brigar, ou tensionar as relações, seja uma coisa ruim! Os conflitos e brigas, assim como as paixões, podem ser alegres ou tristes, podem insistir no mesmo ou deslocar a relação para que ela siga tendo possibilidade de existir.

25 Augusto, Acácio.  
Amor...op.cit.

26 Assumpção, Itamar.  
*Isso não vai ficar assim*. In:  
Sampa Midnight. 1996.  
[https://www.youtube.com/  
watch?v=h\\_tUto4Uki8](https://www.youtube.com/watch?v=h_tUto4Uki8)

27 Bash back. *Bash back!*  
*Ultraviolência queer*. crocodilo  
edições; glac edições, no prelo.

26  
Todas as cartas de amor são  
Ridículas.  
Não seriam cartas de amor se não fossem  
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,  
Como as outras,  
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,  
Têm de ser  
Ridículas.

Mas, afinal,  
Só as criaturas que nunca escreveram  
Cartas de amor  
É que são  
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia  
Sem dar por isso  
Cartas de amor  
Ridículas.

A verdade é que hoje  
As minhas memórias  
Dessas cartas de amor  
É que são  
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,  
Como os sentimentos esdrúxulos,  
São naturalmente  
Ridículas).

Álvaro de Campos

Acho que nunca te contei do meu primeiro marido, a gente se apaixonou numa greve na universidade, ao mesmo tempo que fazíamos um trabalho de urbanismo sobre a transposição do rio São Francisco, e enquanto pensávamos se o sertão viraria mar, era na subjetivação para além de nós da assembleia geral que a gente descobriu que aquela parceria dava pano pra manga. Essa coisa de ser amor da cabeça aos pés tem disso, a gente se apaixonou assim, na hora que sai de si mesmo, e um momento da magnitude do que vivemos torna mais urgente nomear esses afetos, para que eles vinguem e possam proliferar para além das neuroses.

Todas essas paixões têm em comum que elas agem no sujeito para destituir o sujeito, é uma espécie de revolta sustentada (acho que já passa da hora de declarar também meu amor pelo *Mito de Sísifo*, do Camus) que entende que cada ato expressa os poderes das existências envolvidas nas relações e nessa dança dos encontros eu quero tudo ou nada, ainda que tudo não exista de antemão. Saber identificar quem são nossos parceiros de baile é, para mim, a diferença entre saúde e doença, porque não há nada mais triste e despotencializante do que mendigar afeto de quem não sabe dançar, ou então querer que o resto do mundo seja afetado da mesma forma que nós; esse é o tipo de coisa que leva para uma espiral do ressentimento e o ódio só me interessa enquanto possibilidade de paixão pela destruição criadora. O amor e a paixão, assim como a política, não podem ser pensados como exercício da racionalidade, não se faz política sem ódio, não se constrói alianças sem paixão<sup>25</sup>. Tudo se for bom, necas se for ruim, sabe como é, isso não vai ficar assim<sup>26</sup>, existe uma guerra em curso, e as pessoas a quem a gente se alia são definidas em cada ato, tem gente que gosta mais de polícia do que de gente queer, tem gente que não sabe amar, tem gente que espera pelo futuro, e, cada um a sua maneira, nenhum desses tipos me interessa, porque atualmente eu prefiro morrer de peste que de mediocridade.

Quando fronteiras são erigidas para construir de novo e de novo os limites da heterolândia, a única compreensão da paixão possível é aquela que acompanha a cumplicidade radical de quem quer reduzir esse mundo a escombros, escombros sobre os quais dançaremos com nossos saltos cravejados de diamantes roubados. Amores que são cúmplices e ecoam um grito: "esse mundo nunca foi suficiente para nós. Para ele dizemos: queremos tudo, seu escroto, tente nos impedir!"<sup>27</sup>.

Eu não conseguia escrever, então te escrevi essa carta, que talvez seja ridícula como dizia o poeta sobre todas as cartas de amor<sup>26</sup>. Mas talvez não seja ridícula por não ser de amor, mas de tesão, paixão e cumplicidade – camaradagem amorosa, que seja. O bom de escrever cartas de amor para quem já dança com a gente é não precisar esperar nada, ainda que meus fantasmas histéricos se apaziguem quando a resposta chega, você soube sempre dançar de um jeito que eu não me afogasse na sensação de precariedade que às vezes pede das pessoas com quem me alio que reivindicuem comigo a existência. A experiência compartilhada tem dessas coisas.

E para não falar mais que o homem da cobra, vou cortar aqui e, como de praxe, te deixar com uma canção, a minha favorita do Itamar<sup>26</sup>,

Tetê tentei fazer um bolero  
Tentei moda de viola  
Tentei desvendar mistérios  
Tentei dominar a bola  
Tentei um tango pra solo  
Dupla trio quarteto de trompas  
Varei mil noites a fio  
Tentei compor para flautas  
Tentei imitar a ema  
Tentei em vão criar clima  
Tentei nó em pingo d'água  
Tentei música latina  
Tetê tentei fazer um bolero  
Tentei moda de viola  
Tentei desvendar mistérios  
Tentei dominar a bola  
Tentei musicar um drama  
Tentei inventar poemas  
Tentei música urbana  
Tentei mais do que imaginas  
Tentei centenas de temas  
Tentei fugir da rotina  
Tentei Sampa e Ipanema  
Tentei desdobrar esquinas  
Tentei a mais linda cena  
Tentei fugir do esquema  
Depois disso só me restou  
Estar aqui tentando mímicas  
Depois disso só me restou  
Estar aqui tentando mímicas

e não me despeço porque sei que nossa dança segue.  
como galinhas decapitadas pelos escombros do mundo.



